

REVISTA EDIÇÃO Nº 97 | JULHO DE 2023

CONEXÃO LITERATURA™

PORQUE AMAMOS LIVROS

CONFIRA

ARTIGOS, RESENHAS
CONTOS, POEMAS, CRÔNICAS,
ENTREVISTAS, DICAS DE LIVROS
E MUITO MAIS...

ISSN 2448-1068

Distribuição Gratuita

www.revistaconexaoliteratura.com.br

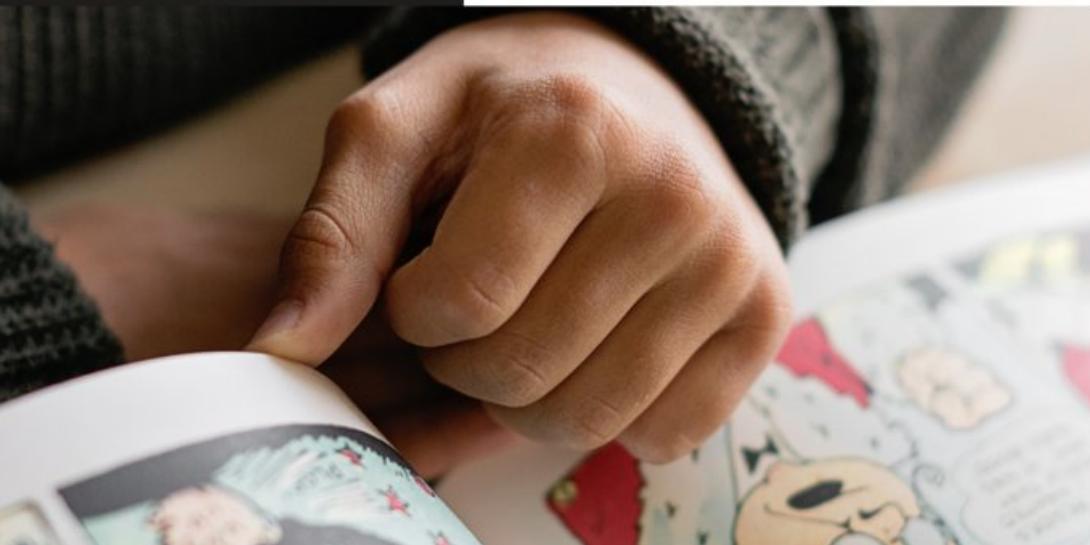
A IMPORTÂNCIA DOS Quadrinhos NO INCENTIVO À LEITURA

POR CIDA SIMKA E SÉRGIO SIMKA, PÁG 06
E JOSÉ ALBERTO LOVETRO (JAL), PÁG. 10

ÍNDICE

CONTÉUDO

- Expediente, pág. 03**
- Editorial, por Ademir Pascale, pág. 04**
- A leitura de HQs precede a leitura de mundo, por Cida Simka e Sérgio Simka, pág. 06**
- Histórias em quadrinhos estimulam a leitura e alfabetizam milhões de crianças, por José Alberto Lovetro (JAL), pág. 10**
- Poema: Cruz, por Bert Jr., pág. 16**
- Paixões profissionais, por Bert Jr., pág. 17**
- Poema: Lembrada com perfume, por Sellma Luanny, pág. 22**
- Três histórias que merecem ser conhecidas, por Elidiomar Ribeiro da Silva, pág. 25**
- Cordel dos Bichos de Feira, por Elidiomar Ribeiro da Silva, pág. 28**
- Poema: Eternidade, por Mirian Menezes de Oliveira, pág. 30**
- A sombra dos meus pensamentos sobre preconceitos no Brasil, por Pierre Richard GERISMA, pág. 31**
- Temporalidade na vida humana, por José Vitor da Silva e Márcio Daniel Nicodemos Ramos, pág. 39**
- Casa do Poema "Lampião de Gás" de São Paulo, por Márcia Villaça da Rosa, pág. 43**
- Dicas para leitura, pág. 46**
- Poemas de Joaquim Cândido de Gouvêa, pág. 47**
- Poemas de José Flávio da Paz, pág. 51**
- Poema: Respondendo, por Mádson Ribeiro da Silva, pág. 54**
- A constitucionalização do direito educacional e a exigência de uma educação intercultural na constituição federal de 1988, por Mádson Ribeiro da Silva, pág. 57**
- Entrevista com Anildes Regina Frazão Ribeiro, pág. 71**
- Entrevista com José Nelson Freitas Farias, pág. 75**
- Conto: Rio Vermelho, por Luiz F. Haiml, pág. 90**
- Conto: Concerto para uma blasfêmia, por Ney Alencar, pág. 95**
- Conto: Direito de Sonhar, por Ney Alencar, pág. 100**
- Conto: Snallygaster das estrelas, por Ney Alencar, pág. 104**
- Conto: O inusitado velório do escrivão Scarpa, por Gilmar Duarte Rocha, pág. 109**
- Conto: O cheiro do poder, por Idicampos, pág. 114**
- Conto: Outono, por Iraci J. Marin, pág. 117**
- Conto: Carta pro vovô, por Roberto Schima, pág. 120**
- Conto: Aquele magnetismo..., por Míriam Santiago, pág. 125**
- Mídia Kit, pág. 129**
- Saiba como divulgar, anunciar, patrocinar ou publicar na próxima edição da Revista Conexão Literatura, pág. 130**



NESTA EDIÇÃO

Dicas para leitura

Entrevistas

Artigos

Poemas e Contos

FRANCIS DE CROISSET

"A leitura é a viagem de quem não pode pegar um trem."

DA SÉRIE "ANNE WITH AN E"

"Ler pode salvar a sua vida."

QUEM FAZ A REVISTA

EXPEDIENTE

Ademir Pascale - Editor-Chefe - ademirpascale@gmail.com

Elenir Alves - Assessora de Imprensa - elenir@cranik.com

CONHEÇA NOSSOS COLUNISTAS/COLABORADORES DO SITE DA REVISTA

www.revistaconexaoliteratura.com.br/p/colaboradores.html

ISSN: 2448-1068

A Revista Conexão Literatura é uma produção independente e livre de quaisquer vínculos políticos, comerciais e religiosos. Os textos publicados aqui são de inteira responsabilidade de seus respectivos autores e não dizem respeito à opinião do editor e seus conselheiros, isentos de toda e qualquer informação que tenha sido apresentada de maneira equivocada por parte dos autores aqui publicados.

Para baixar nossas edições anteriores:

www.revistaconexaoliteratura.com.br/p/edicoes.html

Layout da capa, organização e arte: Ademir Pascale

Agradecimentos aos patrocinadores desta edição

Para saber como anunciar, patrocinar ou participar da próxima edição da Revista Conexão Literatura, acesse:

www.revistaconexaoliteratura.com.br/p/midia-kit.html

CONTATO:  ademirpascale@gmail.com - c/ Ademir Pascale - Editor-Chefe

- SIGA-NOS NAS REDES SOCIAIS -



conexaoliteratura



revistaconexaoliteratura



conexaonerd



conexaogramatica

EDITORIAL

Querido leitor,

Nossa edição de julho acaba de chegar e destaca a importância dos quadrinhos no incentivo à leitura. E para discorrer sobre o assunto, convidamos os professores universitários Cida Simka e Sérgio Simka, contamos também com a participação de José Alberto Lovetro (JAL), jornalista, cartunista e presidente da Associação dos Cartunistas do Brasil. O leitor também poderá conferir excelentes contos e poemas, além de entrevistas com escritores, dicas para leitura e artigos sobre assuntos relevantes da atualidade.

Para saber como participar da nossa edição de agosto/2023, seja com conto, crônica, poema ou mesmo divulgar o seu livro ou editora: clique aqui.

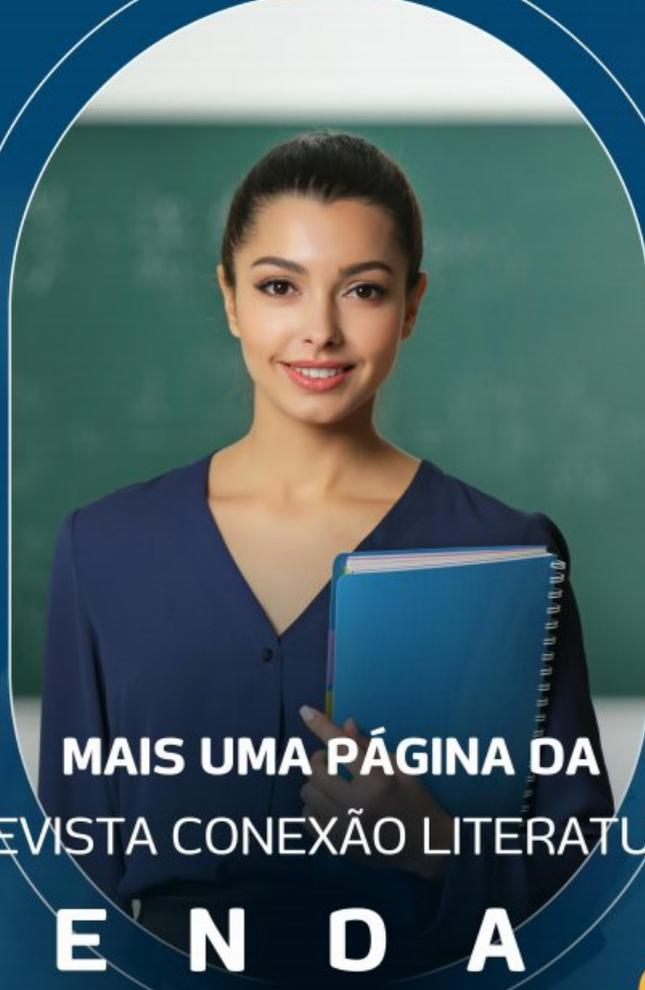
Tenha uma ótima leitura!



ADEMIR PASCALE
EDITOR

Email: ademirpascale@gmail.com

Site: www.revistaconexaoliteratura.com.br



MAIS UMA PÁGINA DA
REVISTA CONEXÃO LITERATURA

A P R E N D A C O M

CONEXÃO

GRAMÁTICA

GRAMÁTICA



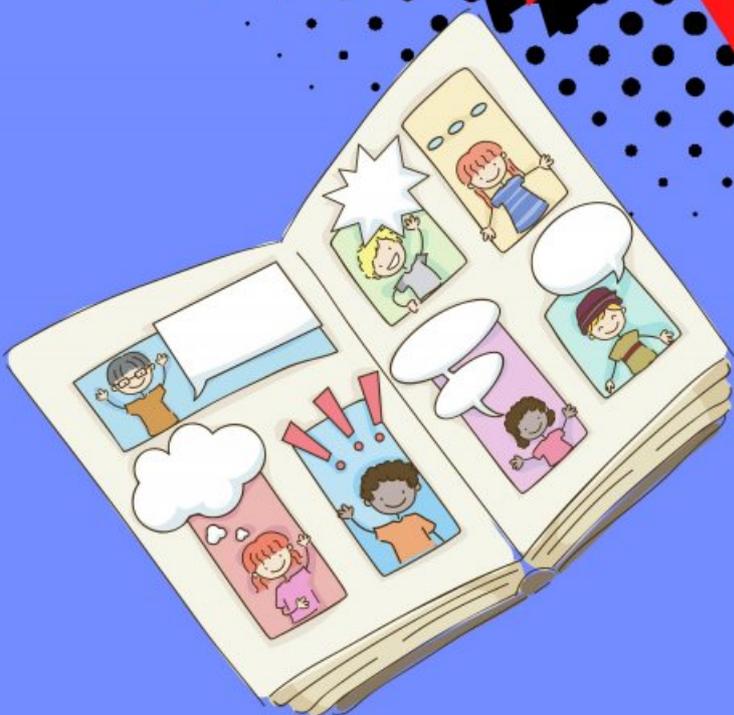
ACESSE

WWW.FACEBOOK.COM/CONEXAOGRAMATICA

POR CIDA SIMKA
E SÉRGIO SIMKA

A LEITURA DE
HQS

PRECEDE A LEITURA DE
MUNDO

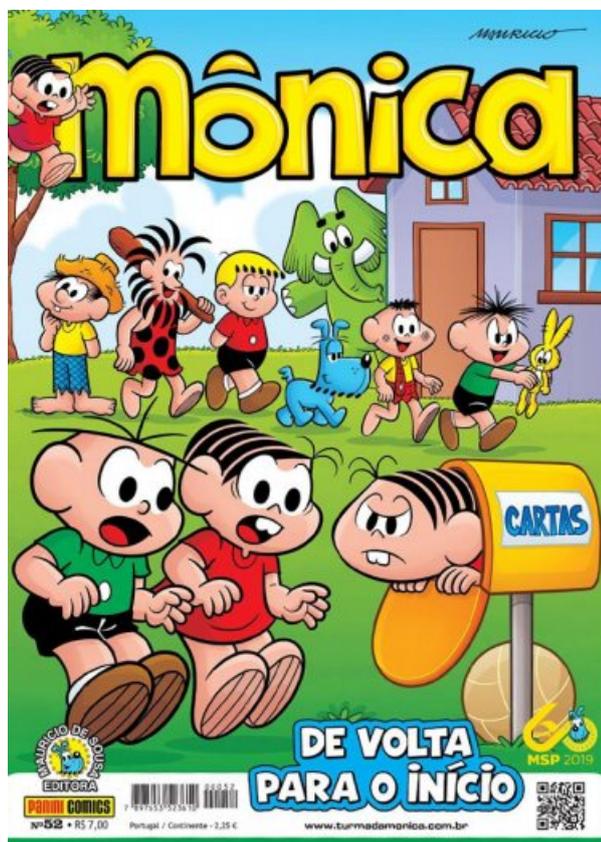


Quem é que nunca ouviu falar em histórias em quadrinhos ou mesmo nunca mergulhou em sua leitura?

E elas são um poderoso incentivo para que as pessoas posteriormente entrem no mundo dos livros.

As histórias em quadrinhos no Brasil, também chamadas de HQs e gibis, começaram a ser publicadas no século 19.

A primeira história em quadrinhos lançada no país foi “As aventuras de Nhô Quim ou impressões de uma viagem à Corte”, publicada na revista A Vida Fluminense, em 30 de janeiro de 1869, da autoria de Angelo Agostini, um italiano radicado no Brasil desde os 16 anos, e conta a história de Nhô Quim, um caipira que se muda para a cidade do Rio de Janeiro e fica espantado com a civilização meio que rural, meio que urbana, uma caricatura dos costumes daquela época.



Esta história foi tão importante na história dos quadrinhos brasileiros que, em 1984, a Associação dos Quadrinhistas e Caricaturistas do Estado de São Paulo escolheu o dia 30 de janeiro para comemorar o Dia do Quadrinho Nacional. Desde essa época, a entidade organiza o Prêmio Angelo Agostini, para prestigiar os profissionais brasileiros das HQs.

O escritor e ativista cultural Ademir Pascale, editor da Revista Conexão Literatura, começou a gostar de ler a partir da leitura das HQs. Ele diz: “Eu lia tantos quadrinhos quando criança, que qualquer traquinagem que eu fazia, ficava proibido de ler por dias. Esse era o meu castigo.”

Infelizmente, as histórias em quadrinhos ainda não alcançaram a Academia, pois Mauricio de Sousa, um dos mais famosos cartunistas do país, criador da célebre Turma da Mônica, não foi eleito para ocupar uma vaga na Academia Brasileira de Letras, cuja eleição aconteceu em abril deste ano.

O seu discurso, após a eleição do escritor Ricardo Cavaliere, é representativo. Em vídeo, Mauricio de Sousa declarou: “[...] Nesse processo, todos que amam quadrinhos, eu incluído, ganhamos quando tanto se discutiu sobre a importância dos quadrinhos, seu papel fundamental na formação de leitores e como eles podem contribuir, de diversas formas, com a literatura. [...] Um grande abraço a todos que lutam pela valorização dos autores e, principalmente, pela formação de leitores neste nosso Brasil.”



Formar leitores é fundamental. A professora Rita de Cássia Almeida dos Santos, da rede municipal de São Bernardo do Campo (SP), enfatiza o fato de que “vivemos em um mundo dominado por imagens, presentes em nosso dia a dia. Por este motivo, os quadrinhos são importantes para a alfabetização. Ao lê-los, as crianças que ainda não são alfabetizadas usam a imaginação e criam suas próprias histórias, colocando em prática seus conhecimentos de mundo e suas vivências. Elas se sentem motivadas e querem aprender a ler. E, assim, juntar as imagens com as palavras, em outras histórias. Mas podemos utilizar os quadrinhos também para os alfabetizados, ampliando os conhecimentos que já possuem, solicitando que escrevam legendas, criem

outras histórias a partir do que entenderam, teçam suas opiniões a respeito da história etc.”

Os professores que tenham em suas salas de aula alunos com outras faixas etárias também podem usar os quadrinhos em suas práticas pedagógicas, como um instrumento multidisciplinar. Aprender história, por exemplo, contada em forma de quadrinhos, estimula o interesse do aluno; desenvolver a escrita, observando a estrutura das histórias contadas: começo, meio, fim, o uso de conectivos, a criação do conflito e sua resolução etc., motiva-o a escrever a própria história, de forma prazerosa.

Os quadrinhos não são importantes apenas na formação escolar. Aprender a ler e a interpretar as imagens é fator primordial, inclusive, para o sucesso profissional e

pessoal. Muitos concursos públicos e empresas particulares têm como questão o raciocínio lógico, que usa a imagem como premissa.

Sendo assim, que os gibis, as histórias em quadrinhos possam ganhar, cada vez mais, espaços em bibliotecas, salas de aula, espaços públicos destinados à leitura. E que a nossa Academia Brasileira de Letras tenha entre seus ilustres componentes um que as represente.



CIDA SIMKA: É licenciada em Letras pelas Faculdades Integradas de Ribeirão Pires (FIRP). Autora, dentre outros, dos livros *O enigma da velha casa* (Editora Uirapuru, 2016), *Prática de escrita: atividades para pensar e escrever* (Wak Editora, 2019), *O enigma da biblioteca* (Editora Verliedelas, 2020), *Horror na biblioteca* (Editora Verliedelas, 2021), *O quarto número 2* (Editora Uirapuru, 2021), *Exercícios de bondade* (Editora Ciência Moderna, 2023) e *Horrores da escuridão* (Opera editorial, 2023). Colunista da revista *Conexão Literatura*.

SÉRGIO SIMKA: É professor universitário desde 1999. Autor de mais de seis dezenas de livros publicados nas áreas de gramática, literatura, produção textual, literatura infantil e infantojuvenil. Idealizou, com Cida Simka, a série *Mistério*, publicada pela editora Uirapuru. Colunista da revista *Conexão Literatura*. Seu mais recente trabalho acadêmico se intitula *Pedagogia do encantamento: por um ensino eficaz de escrita* (Editora Mercado de Letras, 2020) e os mais novos livros de sua autoria se denominam *Exercícios de bondade* (Editora Ciência Moderna, 2023) e *Horrores da escuridão* (Opera editorial, 2023).



POR JOSÉ ALBERTO LOVETRO (JAL)

HISTÓRIAS EM
QUADRINHOS
ESTIMULAM A LEITURA E
ALFABETIZAM MILHÕES DE
CRIANÇAS



*José Alberto Lovetro (JAL)

Se você está procurando um meio eficaz para o ensino, um jeito de motivar os alunos, envolvê-los na sala de aula, desenvolver as habilidades de leitura e de compreensão de textos, já pensou em utilizar as Histórias em Quadrinhos como ferramenta de trabalho?

Antigamente, a primeira reação de alguns professores era achar que usando Histórias em Quadrinhos seria uma forma de rebaixar seus níveis educacionais; outros tinham receio por não estarem familiarizados com a linguagem. E há ainda aqueles que deixavam uma revista na carteira e diziam: leiam! Ou... desenhem alguma coisa!

Hoje, essa situação está mudando, e os professores já usam, mesmo que empiricamente, os quadrinhos de uma forma criativa, mas sem um direcionamento mais efetivo.

No plano pedagógico, os quadrinhos proporcionam experiências narrativas desde o início do aprendizado, fazendo os alunos adquirir uma nova linguagem para ajudá-los a entender qualquer matéria. Crianças e adolescentes seguem a história do começo ao fim, seu enredo, os personagens, a noção de tempo e espaço sem necessidade de palavras sofisticadas e habilidades de decodificação. É a linguagem perfeita para introduzir qualquer matéria na sala de aula.

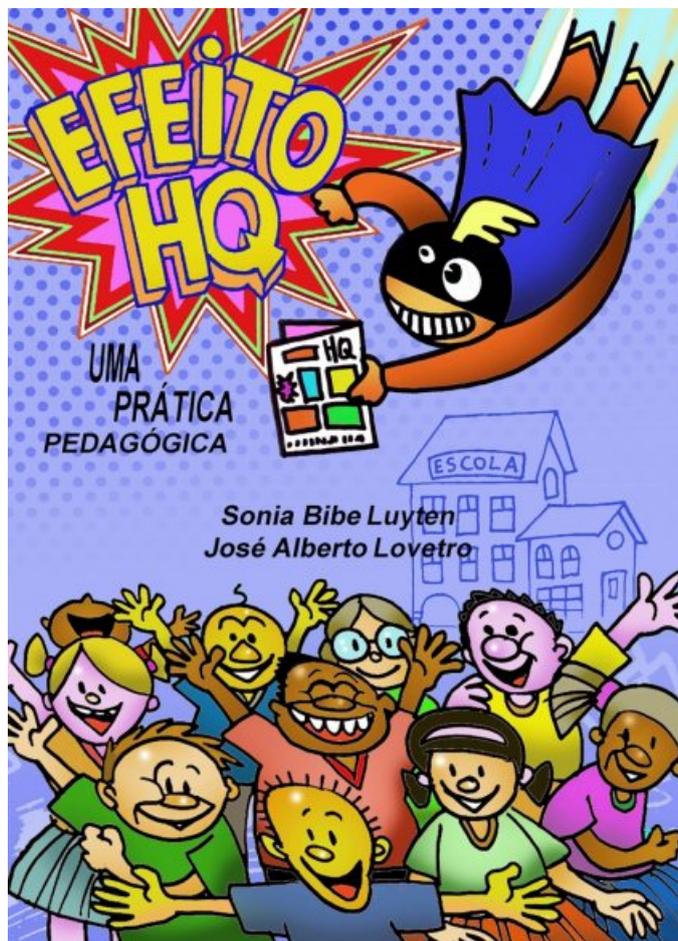


As imagens apoiam o texto e dão aos alunos pistas contextuais para o significado da palavra. Os quadrinhos atuam como uma espécie de andaime para o conhecimento do estudante. As Histórias em Quadrinhos na sala de aula também motivam os alunos relutantes ao aprendizado e à leitura. São envolvidos num formato literário que eles conhecem. E também, as HQs “falam” com eles de uma forma que entendem e, melhor do que isto: se identificam.

Mesmo para os alunos que já estão com o hábito de leitura formado, os quadrinhos dão a oportunidade de ler um material que combina a imagem com o texto para expressar simbolismos, pontos de vista, drama, humor, sátira, tudo isso em um só texto.

Em nossa experiência desenvolvida nos últimos anos em sala de aula, comprovamos que o uso dessa linguagem, integrada ao plano pedagógico, pode crescer o

interesse e absorção dos estudantes entre 30% e 100% na evolução. Denominamos essa prática de **Efeito HQ**. E imediatamente nos remete ao efeito borboleta.



Efeito borboleta é um termo que se refere à dependência sensível às condições iniciais dentro da teoria do caos. Este efeito foi analisado pela primeira vez em 1963 por Edward Lorenz. Segundo a cultura popular, a teoria apresentada, o bater de asas de uma simples borboleta poderia influenciar o curso natural das coisas e, assim, talvez provocar um tufão do outro lado do mundo. E as Histórias em Quadrinhos inseridas como meio pedagógico têm exatamente este efeito no decorrer da evolução dos alunos.

Para poder usufruir de seus resultados, é preciso se familiarizar com a linguagem e inserir as Histórias em Quadrinhos num plano já pré-estabelecido de sua matéria antes do início do ano letivo ou não. E este é o nosso objetivo. Tudo isso, sem custo de equipamentos e também sem custo de implantação. Apenas lápis, papel,

borracha e régua. Portanto, é imediato e com resultados rápidos.

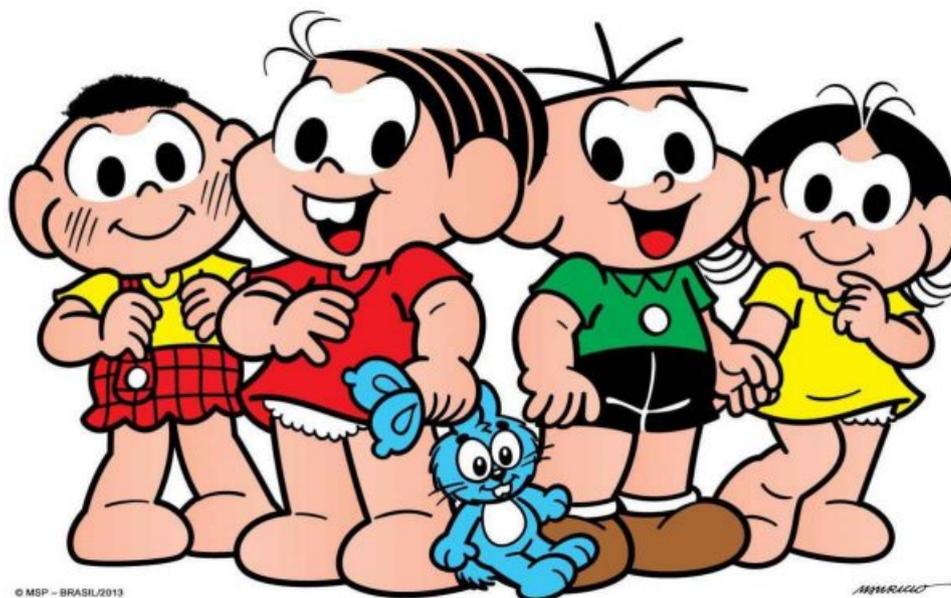
O estímulo então não será apenas para os alunos, mas também, e principalmente, para os professores que se sentirão satisfeitos ao ver seus ensinamentos funcionarem com eficácia. Torna-se mais importante ainda porque o futuro das escolas é manter a criança e jovem em período integral nas mesmas e, para isso, é necessário criar estímulos que fazem parte de seu repertório lúdico e de realização pessoal gerando interesse em aprender.

A linguagem dos quadrinhos é simples e direta para que se aplique já na sala de aula e obtenha resultados o mais breve possível.

O EFEITO TURMA DA MÔNICA

Mauricio de Sousa conseguiu construir, em sua carreira de mais de 60 anos, um público cativo que passou de geração para geração por saber conversar com a criança de cada momento, se atualizando na linguagem do aqui e agora. Ele mesmo foi alfabetizado pelos quadrinhos quando tinha de quatro para cinco anos de idade. E dos quadrinhos foi partindo para os livros, chegando à juventude, onde lia um livro por dia.

Essa eficácia em manter leitores por tantos anos e gerações demonstra que a leitura dos quadrinhos está culturalmente implantada por agradar desde crianças em idade pré-escolar até os avós dessas crianças.



Hoje são cerca de doze milhões de exemplares de revistas impressas vendidas por ano e mais de dois milhões e meio de livros impressos vendidos por ano, qualificando Mauricio de Sousa como uma linha auxiliar na alfabetização e estímulo à leitura das crianças. Inclusive, comprovado pela UNESCO que o homenageou ao final de 2022, reconhecendo este serviço educativo do autor. O que prova que a criança no Brasil ainda lê muito os impressos e não apenas o conteúdo virtual.

Portanto, não há como não utilizar quadrinhos para que se criem novos leitores. Sem leitores não há a profissão de autor e vice-versa. Chegou o momento de todas as escolas se utilizarem cada vez mais desta ferramenta que alavanca o ensino e a valorização da leitura desde a infância até a velhice.



José Alberto Lovetro (JAL)

Jornalista/cartunista e presidente da Associação dos Cartunistas do Brasil, (com participação da professora e doutora em comunicação Sonia Bibe Luyten), autores do livro Efeito HQ (gratuito no link: www.efeitohq.com)

COMMERCE 2 YOU



CONHEÇA UM POUCO MAIS DESSA CULTURA
SUPER MISTERIOSA DO EGITO ANTIGO

PORTA INCENSO EGITO ANTIGO

+ 8 INCENSOS SORTIDOS EM VARETA



SAIBA MAIS, ACESSE:
www.commerce2you.com.br



atinga o seu público alvo

ESCRITOR(A)

divulgue o seu livro

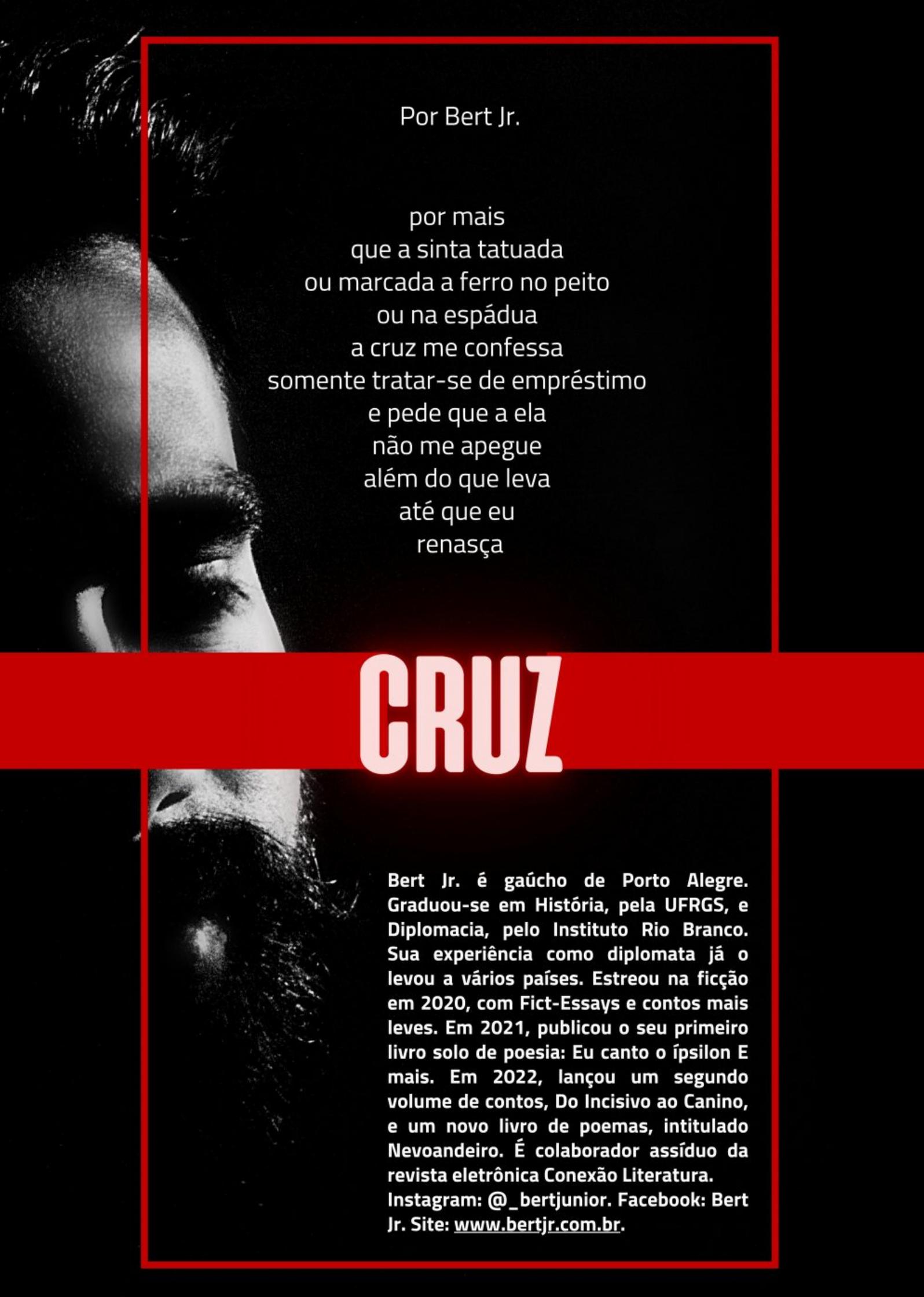
NAS EDIÇÕES DA

Revista Conexão Literatura



ENTRE EM CONTATO

ademirpascale@gmail.com



Por Bert Jr.

por mais
que a sinta tatuada
ou marcada a ferro no peito
ou na espádua
a cruz me confessa
somente tratar-se de empréstimo
e pede que a ela
não me apegue
além do que leva
até que eu
renasça

CRUZ

Bert Jr. é gaúcho de Porto Alegre. Graduou-se em História, pela UFRGS, e Diplomacia, pelo Instituto Rio Branco. Sua experiência como diplomata já o levou a vários países. Estreou na ficção em 2020, com Fict-Essays e contos mais leves. Em 2021, publicou o seu primeiro livro solo de poesia: *Eu canto o ípsilon E mais*. Em 2022, lançou um segundo volume de contos, *Do Incisivo ao Canino*, e um novo livro de poemas, intitulado *Nevoandei*. É colaborador assíduo da revista eletrônica *Conexão Literatura*. Instagram: @_bertjunior. Facebook: Bert Jr. Site: www.bertjr.com.br.

Por Bert Jr.

PAIXÕES PROFISSIONAIS



Admiro as pessoas apaixonadas por suas profissões. Volta e meia aparece alguém que não consegue se segurar e solta um “amo o que faço” como quem ganhou na mega-sena da virada. Enganam-se os que creem que o simples emprego do verbo amar a um simples emprego seja somente força de expressão. Há casos em que a pessoa ama mesmo a profissão, ou uma parte específica do exercício profissional, mais ou menos da mesma forma como se chega a amar os animais como se fossem gente.

A seguir, alguns exemplos de casos de paixão pela profissão, ou por aspectos dela, e seus efeitos no convívio social. Uns dirão que são exagerados, ou totalmente improváveis; outros, que fazem lembrar de situações conhecidas.



Caso nº 1 - uma arqueóloga conversa com sua melhor amiga.

“Estava de férias e acredito que no meio de uma visita a uma catacumba medieval tropecei e literalmente fiquei cara a cara com um palimpsesto? Dei de frente mesmo, amiga. Ele estava ali, oculto numa fenda da parede de pedra, como se esperasse por mim. Desculpa, eu prometi que iria descansar, me afastar dessas coisas, mas não resisti. Agarrei o palimpsesto, botei debaixo do braço, como se diz, e levei embora comigo. Mal cheguei em casa e já joguei ele em cima da mesa. “Abre-te todo! Desenrola!”, falei em voz alta, empunhando uma taça de espumante gelado. Assim que dei início ao ritual de decifração, passei a examiná-lo meticulosamente. O que mais me atraiu foram as suas abstrusidades. Nunca tinha deparado com nada tão misterioso. Perdi a conta do tempo que fiquei

debruçada sobre ele, viajando em cada marca, cada vinco da pele, tentando me conectar com os seus segredos. Até aqui, entretanto, ele teima em continuar hermético, resistindo a se entregar. Sabe, amiga, não é que eu não esteja satisfeita com o achado, é que sei que ele pode render muito mais. Chegar a compreender o palimpsesto exigirá esforço, trabalho duro, eu sei, mas é relação para a vida toda, entende?”

Caso nº 2 – um oficial da Marinha numa estação de esqui com a esposa.

“Não sei não, Bianca, se foi boa ideia ter vindo pra Bariloche passar uma semana. Não é que seja muito tempo, é que é tudo muito branco. E daí? Daí, Bianca, que dá saudade de envergar o uniforme de marinheiro. Eu bem que quis colocar um na mala, mas tu mandou contra, disse que desse jeito eu não ia descansar, que não iam ser férias de verdade. Eu não devia ter cedido. Agora fico eu aqui, sonhando com uma foto de uniforme no meio da neve. Sim, Bianca, eu sei que ia congelar de frio, mas não importa. Depois, teria a foto pra olhar enquanto descongelava tomando um chocolate quente na lanchonete do hotel. E tem outro problema: tô grilado com esse tom de branco da neve

aí fora. Tu sabe muito bem, Bianca, que nada pode ser mais branco que uniforme da Marinha. Nada! É o branco absoluto, o grau zero na escala Kelvin da brancura. Só que agora, rodeado por essa massa toda de neve, começo a ter dúvidas. Vou ligar pro comando no Brasil e pedir que remetam o uniforme por DHL. Não, não tô louco, não! Louco eu vou ficar se não tiver o uniforme à mão pra tirar a teima do branco mais branco. Vou mandar vir é agora! Tô suando frio nesse frio do cão e não quero passar as noites em branco torturado de angústia.”

Caso nº 3 – uma odontóloga no cinema com o namorado.

“A fila para os ingressos tava comprida que só, não tava? Ainda bem que deslizou feito fio dental e a gente conseguiu lugar. Estas poltronas na primeira fila estão ótimas, em plena zona do gargarejo, como dizem. E tá tudo bem: eu adoro gargarejo! E você, Dante, curte também? Nem de vez em quando? Pois devia, viu, com um enxágue bucal dos bons eu ia te beijar muito mais. Ih, o filme tá começando. O pessoal já tá pedindo silêncio. Vamos ter que falar baixinho, senão alguém pode querer extrair a gente daqui. Te aviso que se acontecer, vai ser sem anestesia. Vem um segurança brutamontes e arranca a gente do assento igual dois incisivos infectados. Aí vai ficar um vão de dois lugares aberto logo na primeira fileira. Se eu fosse o gerente implantava dois espectadores, um em cada assento, pra cobrir o espaço vazio. Nessas horas, eles colocam namorada, parente, amigo, aposto que de graça. Nossa, Dante, que copo enorme! Tem certeza que vai tomar esse refrigerante todo? Isso é glicose pura, com certeza vai carear algum dente teu, acelerar o processo de corrosão da arcada dentária. Olha lá na tela, repara nos dentes da atriz. Dá pra ver que ela fez clareamento na arcada superior, mas não na inferior. Tá vendo? Ih, tão pedindo pra gente se calar. E só eu que falo. Também pudera, né Dante, você só abre a boca pra enfiar pipoca e refrigerante goela abaixo. Sabia que caroço de pipoca pode quebrar teu dente, Dante? Ha, ha, ha, parece trocadilho: Dante, dente... Mas não é pra rir não, se quebrar um dente eu não vou fazer nenhum reparo de graça, vou logo avisando. E nem inventa de me beijar; com esse sal todo da pipoca, vai derreter o meu brilho labial luminescente. Reparou que brilha no escuro? Botei que era para sinalizar o local do beijo no escurinho da sala. Não imaginei o anticlímax da pipoca. Ih, olha lá, tá vendo o galã rindo? Ele tem um molar faltando, perto do siso do lado direito da arcada superior. Como é que botam um galã sem molar num filme desses, gente? Eu sei, Dante, o pessoal tá mandando calar a boca. E eu com isso? Eeeiii, galeraaaa! Olha só! Esse filme tá bichado! O galã tem um molar faltando e a mocinha só fez clareamento na parte de cima! Pode? Vão ter que devolver o valor do ingresso pra gente!”



Caso nº 4 – um cirurgião jantando com a noiva bem mais jovem num restaurante.

“Eu não te trouxe aqui só por causa do tartar de atum com salada de pepino agridoce. Tem algo importante que quero te dizer (tirando a caixinha do bolso do blazer): quer casar comigo, amor? – Ai, que linda essa aliança! – Sim, minha endorfinazinha, combina com você. Prova no seu dedo! – Ih, tá bem folgado o anel... – Encomendei assim de propósito. Sabe como é, com o casamento a gente acaba engordando um pouco. – Vira essa boca pra lá! Eu é que não pretendo engordar nem um pouquinho! – Nunca se sabe, adrenalina da minha vida, nunca se sabe. Vai que acontece. É melhor ter um anel folgado que um dedo amputado. – Nem comece, que eu não quero saber de cirurgia durante o jantar. O que vai pedir de prato principal? – Vou querer o pernil de cabrito assado com purê de abóbora. – Pernel de cabrito, de noite? – É que amanhã cedo vou operar um tumor na perna de um paciente e assim aproveito para treinar um pouco. – E você vai comer pensando nessa operação? Credo! – Não se preocupe; o tumor é benigno. – Ainda bem! E dá pra visualizar uma cirurgia dessas num pernil de cabrito? – Bem, requer imaginação, por isso o purê de abóbora de acompanhamento, que é pra fazer o papel do tumor. – Me poupe dos detalhes, por caridade. – Como você quiser, minha serotonina! Depois do tartar você vai querer sobremesa? – Talvez uma salada de fruta. – Por que não dividimos um melão? – Você quer dizer um melão inteiro? – Sim, eles trazem inteiro e eu corto aqui na mesa. – Não me diga que é outra cirurgia! – Só uma biópsia cranioencefálica, coisa rápida. Uma maçã verde, bem dura, também poderia servir. – Acho que estou enjoada; com licença, eu preciso ir ali e já volto. – Olha, quando retornar vou querer a sua resposta ao meu pedido de casamento, viu, minha injeçãozinha de testosterona!”



Caso nº 5 – um cientista social acompanhando uma amiga numa festa.

“Você sabe, esse não é o tipo de festa que eu curto. Parece que a gente tá num *site* de relacionamento, só que coletivamente presencial. Tudo bem, não vou mais reclamar, estou aqui por você e isso me basta. Contudo, não posso deixar de observar que esse tipo de ambiente para mim constitui um indicador de anomia social. As pessoas fingem conversar, mas não conseguem expressar nada de minimamente relevante e que possa se refletir no aprimoramento da sociedade. Como é que eu sei? Basta ver o tipo de roupa, os adereços que usam, os trejeitos calculados, para deduzir que a conversa deve girar sobre o número de seguidores nas redes sociais, o último post publicado, ou quando e onde será a próxima viagem, ou festa. Não, não se trata de preconceito. Se trata de metodologia analítica

aplicada às relações sociais. O que temos aqui é um extrato de uma classe dominante que não se importa com o futuro do mundo, do planeta, da vida. É uma parcela apenas interessada em continuar existindo individualmente e ascender na escala da hierarquia socioeconômica. Não estou exagerando, não. E estou calmo, pode ficar tranquila. Não

vou fazer uma cena na festa dos seus amigos, já basta eu estar vestido de jeans, camiseta e tênis. Você deve estar com vergonha de mim, aposto. Ah... então é verdade, está constrangida, não é? Pois devia estar envergonhada é desse tipo de amizade, esse povo dançando ao som de uma música eletrônica sem ligação com nenhum tipo de tradição ancestral. Aliás, povo não. Essa gente não tem nada de povo. É uma trupe desconectada dos próprios sentimentos, tudo o que valorizam são sensações transitórias, nada que se enraíze de verdade no substrato psicoemocional, muito menos no cognitivo. Por isso é que se trata de um indicador de anomia, porque a sociedade não pode avançar de forma culturalmente sustentável por esse caminho, entende? O quê? Ah, tá bom! Vai, vai dançar, vai! Pode me deixar aqui, vai! Onde é que eu fui me meter? Podia estar em casa, tranquilo, lendo Durkheim. (Uma garota de vestido curto colado se aproxima.) Se eu estava falando sozinho? Sim, estava mesmo. É que eu não passo de um pássaro solitário num céu povoado de drones. Gostou da frase, é? Se eu danço? Claro, adoro música eletrônica, nos coloca em sintonia com a realidade tecnolíquida da sociedade pós-industrial. Sou meio *à la* Bauman, mas não é plágio, juro. Obrigado pelo inteligente, é efeito da profissão... E você, hein? Tenho que reconhecer: que inteligência corporal invejável! Diria, inclusive, que transcende o poético!”



Bert Jr. é gaúcho de Porto Alegre. Graduou-se em História, pela UFRGS, e Diplomacia, pelo Instituto Rio Branco. Sua experiência como diplomata já o levou a vários países. Estreou na ficção em 2020, com *Fict-Essays e contos mais leves*. Em 2021, publicou o seu primeiro livro solo de poesia: *Eu canto o ípsilon E mais*. Em 2022, lançou um segundo volume de contos, *Do Incisivo ao Canino*, e um novo livro de poemas, intitulado *Nevoandeiro*. É colaborador assíduo da revista eletrônica Conexão Literatura.

Instagram: [@_bertjunior](#). Facebook: Bert Jr. Site: www.bertjr.com.br.

Lembrada Com Perfume



POR SELMA LUANNY

De três décadas e tal... no afã
e mudança de estações... tanto
do algodão doce da pipoca... da discoteca...
e da Rita... a Lee... esquecidos.

Ai!... No afastamento espacial
e temporal... como me distancie!
Neste auê de quanto me ausentei!
Até de você, Rita! Pois é!... Fazer o quê?

Por aqui vou ficando... versos bailando...
Mas quanto peso as palavras têm!
A outras estas se juntarão... e num marco
especial: um VIVA e perfume a você!

(Homenagem à Rita Lee)

Sellma Luanny são os prenomes e um dos pseudônimos de Sellma Luanny Silva Coimbra Batalha. Brasileira, Médica Anátomo-Patologista, reside na Ásia desde 1987 onde trabalhou como patologista por quase trinta anos. No idioma português, publicou três livros de poemas de sua autoria (Poemas Matizados, Julieta Serei Eu e Lilases) e participou em duas antologias – todos em papel. Recebeu "Menção Honrosa" com o poema "Os Celtas E Eu" no Concurso de Poesia Céltica 2022, publicado no n 10 de A Revista da Tradição Lvsitana. Tem participado de quarenta antologias em e-books editados pela Revista Conexão Literatura. No YouTube, canal Sellma Batalha, a autora tem lançado suas séries de poemas e histórias curtas.

x x x x
x x x x
x x x x
x x x x

- **DIVULGUE
PARA + DE
500 MIL
LEITORES**
- **POR APENAS**

R\$ 150

PACOTE **DIVULGAÇÃO** **PARA ESCRITORES**

**DIVULGUE O SEU
LIVRO CONOSCO**



WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR

- **ENTRE EM CONTATO:**
- **E-MAIL: ADEMIRPASCALE@GMAIL.COM**

PARTICIPE DA ANTOLOGIA

AVENTURAS PELO MUNDO

CONTOS E POEMAS



E-BOOK

saiba mais: [clique aqui](#)

POR ELIDIOMAR RIBEIRO DA SILVA

TRÊS HISTÓRIAS QUE MERECEM SER CONHECIDAS



Lugares visitados representam histórias aprendidas e isso sempre é muito bom. Trago três dessas histórias, as quais foram colhidas diretamente no baiano município Feira de Santana, a "Princesa do Sertão".

A primeira delas é a de Jurivaldo. Conheci Jurivaldo Alves da Silva no Mercado de Arte Popular, onde ele vende livros de cordel. Jurivaldo se apresenta como "O Folheteiro" e, segundo ele, é o único nesse ramo. Depois eu explico. Eu me interessei pelos cordéis escritos pelo Jurivaldo, embora ele venda de outros cordelistas também, e, enquanto eu escolhia quais títulos levar, percebi que em alguns ele tinha uma coautora, Patrícia. Ela é filha de Jurivaldo. Aí ele passou a me mostrar também os escritos da Patrícia, exaltando que ela até conseguiu a 8ª colocação num concurso de cordéis, de alcance nacional, promovido pela Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). Um feito! E que a associação com Patrícia havia começado por ela ser professora e, assim, corrigir as coisas erradas que ele escrevia. Afinal, ele tinha "apenas o primário". Ao que falei que ele, mesmo tendo parado os estudos, era um mestre. E ele se estimulou a contar mais. Disse que gostava, quando criança, de escutar a declamação dos cordelistas. Como era analfabeto, não podia ler e, assim, decorava o cordel inteirinho. E declamava ele próprio os cordéis dos outros, fingindo que lia. Daí ser um "folheteiro", ele "lia" os folhetins dos outros. Tudo de memória. Aos poucos, foi fazendo os seus próprios, sempre guardando na memória. Até que, bem adulto, foi alfabetizado. Para, segundo ele, tirar a carteira de motorista.



A segunda é relacionada à primeira. Jurivaldo escreve sobre um cangaceiro chamado Lucas Evangelista, o "Demônio Negro". Segundo Jurivaldo, era pior que Lampião. O cara barbarizou Feira de Santana até que, finalmente, foi capturado e mandado para Salvador. No caminho, Lucas contou toda a sua história, que foi passada a um cordel. Não foi o próprio Lucas que

escreveu, pois ele era analfabeto, mas um policial que acompanhou sua transferência à capital.

A terceira é sobre uma artesã extraordinária de Feira de Santana, Crispina, da qual eu fiquei sabendo por meio da equipe de mediadores do Museu Casa do Sertão, da UEFS. Enquanto criança, Crispina dos Santos nunca quis saber dos livros que sua mãe lhe entregava, chegando até a rasgá-los, só para não estudar. Assim, não foi alfabetizada. A paixão dela era o artesanato e ela desenvolveu um estilo todo próprio de esculpir com o barro. Quase todas as peças que Crispina fazia eram vendidas em épocas festivas, como o Natal, sendo que os compradores se desfaziam logo depois. As peças não têm grande durabilidade, a ponto do belo acervo do Museu Casa do Sertão ter que ser restaurado de

tempos em tempos. Crispina não conseguiu deixar sucessores, a ponto de, após sua morte, ter praticamente morrido também o artesanato popular de Feira de Santana.

Três histórias que mostram um Brasil analfabeto (triste realidade ainda presente em alguns lugares), mas com muito a contar. E que exaltam a força narrativa da oralidade.

Nas figuras, o artesanato de Crispina, que pode ser admirado no Museu Casa do Sertão, e a lateral do Mercado de Arte Popular por onde, entrando e virando à direita, pode se encontrar os cordéis do folheteiro e cordelista Jurivaldo. Que pode também ser contactado também pelo e-mail ju.casadoscordeis@gmail.com. E tem um vídeo muito bom sobre a Crispina, passado pelo pessoal do Museu: https://www.youtube.com/watch?v=KhI0efxe_H0



Foto 1 e 2: divulgação

Elidiomar Ribeiro da Silva é biólogo formado pela UFRJ, mestre e doutor em Zoologia pelo Museu Nacional/UFRJ, professor do Instituto de Biociências da UNIRIO, onde coordena o Laboratório de Entomologia Urbana e Cultural. Organizador do Colóquio de Zoologia Cultural e da Mostra de Biologia Cultural, editor-adjunto da revista *A Bruxa* e editor do zine *Homem-Leoa*. Como bom flamenguista que é, considera o urubu-de-cabeça-preta a melhor ave do mundo.

Por Elidiomar Ribeiro da Silva

CORDEL DOS BICHOS DE FEIRA

(Homenagem aos animais de Feira de Santana, Bahia)

É de tradição tropeira
A "Princesa do Sertão"
Tendo nobres animais
Grande participação
Na formação da cidade
Dois bichos de utilidade
Ajudaram com ação

O cavalo é um deles
Carregando o tropeiro
Por trilhas do infinito
Sempre muito aventureiro
Mas o homem é ingrato
Ao não honrar com bom trato
O seu equino parceiro

Os muitos cavalos soltos
Pelas ruas mostram isso
Homens podem ser cruéis
Bicho fica submisso
Em protesto vou versar
E aqui denunciar
Este é meu compromisso

Outro bicho importante
Lá em Feira de Santana
É a base da dieta
Da parcela que tem grana
Sejam vacas, bois ou touros
Merecem todos os louros
E bom repasto de grama





O olho d'água reuniu
Gado, cavalo e humano
Ali se fez a cidade
Que aumenta a cada ano
Um orgulho da Bahia
Sertaneja e bravia
Do sagrado ao profano

A galinha mais a cabra
Mereciam gratidão
Companheiros cão e gato
Também entram, como não?
Sem bichos, homem não há
Que consiga bem lidar
Com o clima do sertão

Animais tem serventia
Mas não se pode esquecer
São sujeitos, não objetos
Escute o que vou dizer
O bem-estar animal
É algo fundamental
Temos muito o que fazer



Foto: acervo do Museu Casa do Sertão,
Universidade Estadual de Feira de Santana.



Elidiomar Ribeiro da Silva é biólogo formado pela UFRJ, mestre e doutor em Zoologia pelo Museu Nacional/UFRJ, professor do Instituto de Biociências da UNIRIO, onde coordena o Laboratório de Entomologia Urbana e Cultural. Organizador do Colóquio de Zoologia Cultural e da Mostra de Biologia Cultural, editor-adjunto da revista A Bruxa e editor do zine Homem-Leoa. Como bom flamenguista que é, considera o urubu-de-cabeça-preta a melhor ave do mundo.

ETERNIDADE

POR MIRIAN MENEZES DE OLIVEIRA

A eternidade mora
nos segundos fluidos;
nas frações que escapam...
nos lapsos de sanidade!

Está nas viradas de páginas,
no soninho que descansa;
no olhar firme e leal...
nas risadas em família!



A eternidade brinca e se
espalha
na cadeira de balanço;
no tricô da avó Maria;
nos pelos do cão Bolero!

Enfim, é a memória bordada,
cantada e rendilhada...
É o que não está no relógio...
É o que flutua e se esvai...

MIRIAN MENEZES DE OLIVEIRA: Mestre em Semiótica, Tecnologias de Informação e Educação – UBC – Mogi das Cruzes – SP. Especialista em Leitura e Produção de Textos – UNITAU – Taubaté – SP. Membro da REBRA – Rede de Escritoras Brasileiras e da A.C.I.M.A – MANDALA – Itália. Membro efetivo e correspondente de diversas Academias e Instituições. Possui livros e participações em Antologias nacionais e internacionais, assim como poemas musicados em Projetos de Intercâmbio Cultural. Seus livros infantis e de poesia circulam por Salões Internacionais de Livros. É colunista e participa, com frequência, de publicações coletivas (e-books), em Revistas Eletrônicas de Literatura. Fotógrafa amadora, estuda, atualmente, Fotografia e Arte, tendo concluído, recentemente, Curso de Extensão Universitária, em História da Arte.

Por Pierre Richard GERISMA

A Sombra dos meus **PENSAMENTOS** **SOBRE** **PRECONCEITOS** **NO BRASIL**



Pierre Richard GERISMA



***Por Pierre Richard GERISMA**

Esse ensaio espontâneo é um esboço das minhas reflexões sobre preconceito ao primo do meu vizinho e aqueles indecentes que não enxergam além dos estereótipos. O Brasil é um país fascinante para os estrangeiros, tanto pela floresta amazônica quanto pela sua vasta cultura tão rica e plural. O mesmo posso dizer de sua diversidade fronteiriça com outros povos e culturas da América Latina. Deste modo, mergulhar plenamente nessa variedade única que encanta, foi o motivo do meu regresso ao país e que serve como inspiração para viver suas tradições e costumes.

Já imaginou encontrar um gringo caribenho no seu caminho? Meu sobrenome é longe de ser Alves, Silva, Souza, Santos, Oliveira, Rodrigues, Pereira, Gomes, Ferreira, Lima ou Nascimento... para caso pretenda conhecer algum membro dos meus familiares. Meu nome é **Pierre-Richard GERISMA** e sou do lado oeste da Ilha Hispaniola, República do Haiti, que era considerada a pérola do caribe. Apesar dos múltiplos problemas sociais e econômicos do país serem causados à má governança, à interferência política e à corrupção desenfreada, essa é a única nação do mundo que surgiu de uma revolta escravagista e levou à abolição da escravidão nas outras colônias francesas. Isto pode não parecer nada, mas para alguma pessoa, meu nome transmite respeito, certas vezes, desperta certa curiosidade e admiração. A sua pressa de exteriorizar seus pensamentos desprezíveis impede-lhe de perceber isso. Não é verdade?

Meus pais me deram esse nome e, por ele, respondo orgulhosamente. Quem é você para me suavizar com os seus apelidos equivocados e discriminatórios?

Ainda o discurso que se escuta no cotidiano em uma boa parte da sociedade quanto de alguns setores da mídia, chama a atenção sobre uma estrutura estabelecida determinando o destino cármico de um grupo de pessoas. Assuntos normais são direcionados a debates populares, transformam-se em manchetes de notícias, muitas vezes apelativos para ter audiência e expor a vida de alguém em razão do seu tom de pele escura. Lamentavelmente, meios de comunicação estão perdendo a sua capacidade de evolução por participarem da decadência cognitiva de grande parte da população sedenta por sabedoria. Neste cenário, diria-se que o jornalismo atual consiste em manipulação emocional para atingir sua meta e não se cansa de privar quem é de ascendência africana de seu valor, de seu nome. Desprezam tais pessoas ou pobres como se fossem sombras sem voz mas, apenas servem de número para preencherem dados estatísticos. Sem se importar com sua dignidade e o espaço que lhes cabe na sociedade, os ignoram como cidadãos dignos de respeito. Em meio a essas práticas hipócritas, ocorre uma violação dos Direitos Humanos, que ecoam no silêncio da indiferença. É o mesmo que cuspir na face da humanidade. Pois essa campanha midiática ávida de engajamento, reduzindo o afrodescendente a um sub-humano dotado, é um incômodo que não incomoda ninguém. Um mecanismo de marketing a todo vapor para manter o pensamento popular ocupado.

Quem quer que seja que aproveita dos holofotes sobre a cor da pele do indivíduo para se promover ou tirar vantagens se distancia da boa convivência no meio da diversidade humana. O que é preciso para que em virtude da aparência da pele ninguém tenha que superar o duelo de aceitação? Assistimos, porém, neste momento terrível de amargas provações para todos os povos – diria Lauro Neiva –, ao triunfo da Mentira, ao cinismo do Crime, à apoteose da Luxúria, à corrupção da justiça, à praga do vício e ao achincalhe da religião.

O que faz que o sistema trate melhor uma pessoa da elite do que outra da periferia? Entendo que você esteja orgulhoso dessa sociedade desequilibrada que dificulta o acesso de muitas pessoas às mesmas condições sociais que se beneficiou. Sem sombra de dúvida, já nasceu com o seu futuro garantido a ponto de não precisar se esforçar tanto quanto uma outra pessoa fruto do cativo precisa para conseguir um lugar digno nessa pirâmide. Nessa situação, usa de sua arrogância para ofender pessoas do bem.

E, para sujeitos como você, cuja crença etnocêntrica de que seu grupo seja superior a todos os outros, é natural exercer violência psicológica às pessoas de outras comunidades com suas narrativas maldosas. Há desiludidos e cegos que não percebem que julgamentos ofensivos e desrespeitosos revelam, na verdade, o que eles realmente são. Todavia, durante séculos, estão a todo custo buscando alguém não tão semelhante à sua aparência superficial para transmitirem seus ódios, e assim se fazem de santos. É patético vê-los fazendo-se de vítimas enquanto se autoproclamam ricos, porém mesquinhos; receosos de compartilhar um mundo justo. O que há de errado se cada um possui seus padrões de vida? Quando deixará de perder tempo com vaidade, ego, guerra de classes? Isso não tem mais importância. A riqueza não pode ser definida como uma classe, nem a pobreza como uma condição permanente. Na prática do capitalismo, os pobres, geralmente, representam a classe dos trabalhadores, a mão de obra que gera riqueza para a burguesia. Sendo assim, contribuem também para a economia do país. A qualidade de vida de uma pessoa independe da quantidade de dinheiro que tem no bolso. Ainda o que indigna é um ser mal educado como você, fazendo da pobreza um xingamento quando sabemos que ninguém escolhe ser pobre, ou seja, a pobreza para quem tem caráter, dignidade, que luta com honestidade, dando o sangue para conseguir o que quer, corresponde à capacidade do ser humano de ser nobre mesmo vivendo na precariedade. A pobreza é um arco-íris cinzento que pode se desfazer com a luz da oportunidade. Já foi demonstrado, com o avanço da tecnologia nos dias de hoje, que qualquer pessoa ousada, determinada tem a possibilidade de adquirir riqueza em pouco tempo.

Não se engane, nem tudo é questão de dinheiro ou conhecimentos se o propósito foge dos valores intrínsecos do humanismo. Quantas pessoas da periferia, no momento em que melhoram de condições, também zombam dos pobres? Quantos afrodescendentes quando se destacam, tornam-se opressores e desrespeitam suas origens

com atitudes de mau gosto? Segundo o comediante francês, Louis de Funès: “Não importa se você tem estilo, reputação, ou dinheiro, se você não tiver um bom coração, você não vale nada”.

A legislação brasileira demonstra bastante vontade de oferecer aos brasileiros um país homogêneo onde todos devem ser tratados com dignidade. Falando nisso, o país tem uma dívida de reparação por danos morais causados à população dos descendentes de escravizados. Sabemos muito bem que mesmo depois da abolição da escravatura em 13 de maio de 1888, as portas da oportunidade permaneciam fechadas para um afrodescendente. Não consigo entender como é que se pode tanto subestimar uma parte da população. Não basta simplesmente uma retratação pública de instituições para que o país se liberte realmente do peso da discriminação,

As cotas relativas à ascendência da pessoa para ingressar nas administrações públicas, faculdades ou nas demais instituições ajudam pessoas sem esperança, portanto são humilhantes. Brigar pela representatividade tende a pedir favores para acalmar uma minoridade. Porém, lutando pelo princípio isonômico em todas as circunstâncias e ocupando-se para melhorar a condição material e moral das pessoas, cada um de nós terá um lugar digno debaixo do sol, a fonte misteriosa de todos os seres vivos. Como querer combater a discriminação que rói a população se existe uma repartição das vagas destinada à origem da pessoa? Todos nós temos os mesmos direitos. O consenso científico atual rejeita, em qualquer hipótese, a existência de argumentos biológicos que possam legitimar a noção de “raça”. Até hoje os sociólogos contemporâneos, antropólogos, biólogos, filósofos, psicólogos, pesquisadores e historiadores, muitos deles calam-se sem sequer se importarem em trazer luz à maioria malcriada e empolgada na ignorância. Supostamente, a injúria e a proliferação do ódio, que contamina a sociedade são um vetor lucrativo que alimenta um setor invisível. Pois, o conceito racial, no campo comercial, mexe com o lado emocional do indivíduo, fazendo-se um produto que vende. Inclusive, tornando-se capital político em um Estado democrático dividido entre extrema esquerda e extrema direita. Por falar nisso, nenhum de nós da América seria uma raça pura se a noção fosse comprovada. Somos um povo miscigenado, em grande parte de traços europeus, africanos e índios. Seu pai pode ser de ascendência europeia; sua mãe, afrodescendente; e sua companheira de ascendência asiática. Assim, com a população densa que é composta pela maioria de afro-brasileiro e euro-brasileiro, o Brasil vale muito mais do que o preconceito de gente pequena.

É lamentável que esse tipo de gente preconceituosa, em sua empolgação, generalize fatos isolados como um todo para desviar seu desapareço a um grupo de pessoas sem defesas. Já parou para pensar por que houve toda essa perseguição? O pretexto disso veio do princípio aleivoso de alguns médicos famosos e sem escrúpulos morais em uma época em que o indivíduo submetido à escravidão era apenas visto como um objeto descartável. Por exemplo, no Brasil, o médico Raimundo Nina Rodrigues publicou livros, que, em

seus raciocínios para enfatizar o sistema da exclusão, marginalizou a população mestiça, mas minimizou a malignidade abundante do seu clã. Por falando nisso, ao redor da Praça da República no centro de Recife, não era um afrodescendente que se aproximou de mim, perguntou a hora, empunhou sua arma branca, me ameaçou, pediu a carteira e levou meu celular à luz do meio-dia, sob o som do sino da Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos. Refere-se a um panorama mundial de tortura inerente. A história revelou que os nativos americanos e os africanos do cativo, que nem tiveram vontade própria, foram muito torturados. Essa tortura persiste até hoje e se manifesta em vários níveis da nossa sociedade. Isso explica por que países que demoraram a promover os direitos humanos, como os Estados Unidos da América e o Brasil, ainda têm casos frequentes de violência motivada pela aparência de uma pessoa. A doutora Ynaê Lopes dos Santos, professora de História das Américas na UFF, escreveu um artigo sobre as práticas policiais que remetem à escravidão contra a população de ascendência africana no Brasil. Ela afirma que essas abordagens desumana seguem do Coronel Miguel Vidigal, que comandou a polícia do Rio de Janeiro na década de 1820 implementou um “sistema de segurança” baseado na discriminação, que visava prender qualquer pessoa preta que considerasse suspeita. Não há mais dúvidas porque a taxa de condenação de pessoas afrodescendentes, às vezes com conclusão indevida, é exponencial em relação àquelas com ascendência européia, assim violando os princípios dos direitos humanos.

Vê-se nítido que está me sinalizando com seus pensamentos radicais, você se conforma com o abuso dos direitos contra gente humilde. Igual a uma ferida sem cura, não envergonha-se ao expressar satisfação à exibição das condições sociais escassas de tais pessoas limitadas pela herança do sistema colonial. O potencial deles lhes fora impossibilitado de ser alcançado por seus antepassados colonos. Quem não está ciente de que os valores sociais não lhes foram atribuídos? Mas embora saia do armário toda essa divergência entre a extrema direita e a extrema esquerda, a esperança de termos que ressignificar o conceito social é uma alternativa para a transformação desse panorama mundial.

Olha, não sou de andar na casa das pessoas. Se não fosse a convite do meu caro vizinho para participar dessa noite de confraternização, talvez, nem teria me conhecido. Sempre fui uma pessoa calada; tenho evitado atenciosamente comentar qualquer coisa. Porém, isso não quer dizer que sou uma pessoa otária e que aceita dar ouvidos a quem não tem nada para elevar meu espírito. Pela minha educação, escuto pacientemente a todos, com maior prazer. Quero que saiba que minha vida reflete o que eu faço com ela, não o que outros dizem a meu respeito. Nunca me rebaixarei a sua altura por diferença de tom de pele para que eu me sinta alguém.

Sou um cidadão humilde que reconhece o valor humano em todo mundo independente de seu valor social. Não julgo ninguém pela sua aparência, pela sua origem, pela sua religião, pela sua orientação sexual. Julgo pelas suas atitudes, pelos seus

princípios, pelos seus valores. Não quero mais me encontrar em lugar onde tende a me fazer duvidar de quem eu sou. Eu já vivi e ainda vivo o que me for necessário para me posicionar e defender o que é importante para mim e para a sociedade em que me encontro. Às vezes, isso significa tomar decisões difíceis ou lutar contra o que parece ser o mais fácil ou conveniente. Não tenho medo de expressar a minha opinião, de lutar pelos meus direitos, de denunciar as injustiças. Sou um ser humano livre, consciente e responsável. Sou o autor da minha própria história.

Desde que parei de atuar no país como turista, abraçando todos os dias, como novo residente permanente, essa grande diversidade cultural em cada Estado, tenho percebido que uma determinada comunidade mal tem o direito à alegria de viver ou de passear sossegado, sem ser julgado por algumas pessoas de mente pequena, pretensiosa, que querem alguém para olhar com indiferença. São pessoas de mente poluída, que se comportam como raposa, mas vivem como ratos egocêntricos, sem paciência com o próximo. A parte assustadora é que gente assim anda desconfiada, faz careta, olha pra baixo, pra cima e para o lado; toca em carteira, de repente segura a bolsa, revisa o que carrega de valor, atravessa depressa às ruas enfrentando o risco de ser atropelada, e quando dá de cara com uma pessoa pobre e de pele escura, de repente se apavora, demonstra raiva e desconforto por ter se encontrado tão próximo. Esses são hábitos inconscientes, uma doença que revela o grau de tal pessoa afetada pela discriminação. Porque são pessoas que preferem continuar a ver o afrodescendente estar na cozinha mas não sentar à mesa. Como poderia infundir-se de compaixão se sempre viveu tratando o outro com rigor de fera? A culpa é de quem? Apesar, entretanto, de tantas decepções, é preciso respirar. Gente grande e de mente aberta segue sua caminhada tranquilamente, aprecia o calor humano, troca cada olhar com serenidade, sem rugas de desprezo no rosto, abre o espelho da alma e toca as pessoas sem usar as mãos. Gente de mente atenta com consciência intacta transmite o valor do ser humano. São pessoas filantrópicas que se reconhecem nos outros independentemente da origem social.

Presumivelmente, gente pequena de mente fechada tem costurado um protótipo de roupão listrado de palavras desdenhosas, pintado nos 50 tons do preto de acolhimento, disfarçando sua hipocrisia para vestir quem tiver a pele de tom escuro. Assim, sinaliza aquele que se veste em razão desse vestuário fictício, detém um certo super poder perigoso. E, qualquer gesto comum inesperado, como um simples olhar nos olhos, ou como acenar a cabeça para cumprimentar o desconhecido, ou entrar em algumas instituições, torna-se uma ação de ameaça por onde passa. Será que esse motivo fará com que fique acompanhado disfarçadamente, sendo vigiado? Desta crueldade o medo que você semeia gira em torno de quem? O genocídio de alguns povos indígenas, o tráfico dos africanos para submeterem-se à escravidão e o holocausto durante a Segunda Guerra Mundial com o resultado do extermínio de cerca de seis milhões de judeus foram obra de seus ancestrais europeus. Esqueceu? Mesmo com toda essa tirania, comporta-se de santo porque se acha o dono da moral e do poder, revestindo-se da razão do mais forte. Em pleno século XXI, não é possível aceitar que essa mentalidade tenha vozes ao continuar a

oprimir um grupo de pessoas. A cor preta de baixa estima na sua cabeça é mais negra do que a minha pele escura. Se isso impede-lhe enxergar que você é um ser humano igual a mim, sinto muito, esse roupão não cabe em mim. O indivíduo é um ser humano vivo, não uma estátua inerte de papel, tecido ou folha para associar-lhe uma identidade relacionada às cores, amarelo, branco, preto ou vermelho. A sua fragilidade submetida pela ignorância do seu ambiente leva você mesmo a querer me insinuar que chamar alguém, usando termos com conotação pejorativa para o escurecer, é demonstração de afeição. Permita-me lhe dizer que tenho um nome, tenho uma cultura, tenho uma história, tenho família, sou cidadão do mundo. Sou livre de opinião alheia, sou eu quem decide o rumo que segue minha vida; ponho limite quanto à forma de adoçar os traumas coloniais e geracionais. Não estou aqui atrás de migalhas para tolerar canalhas. Essas alcunhas são sequelas de um passado doloroso que nenhum afrodescendente ou qualquer ser humano jamais deveria carregar nem hoje nem no futuro. Minha essência conecta-me às diversas culturas ao redor do mundo, compartilhando minhas aventuras. Conheci países nórdicos como a Suécia onde a simpatia das pessoas nas ruas me rejuvenesce. Visitei lugares incríveis que me acolheram pelo meu ser e não pelo meu parecer. Nesses países de alto padrão de educação, abertos para me acolher, as pessoas chamam um ao outro pelo seu nome. Já reparou como a gentileza faz bem à saúde?

No entanto, nem foi premeditado se sua mente preconceituosa falasse mais alto por você num momento descontraído de socialização, e isso vai além do lado pessoal. Nas suas veias ainda escorrega essa brutalidade do antigo sistema que reinava, cuja gente com seu comportamento recusa deixar fluir a mudança. Digo, então, por eu ter mal chegado no seu belo país transcendental, sua atitude involuntária me foi crucial. Pois a partir desse fato, tornei-me mais precavido. O episódio abriu meus olhos para a escuridão que assola o país, embora ter escutado aquilo de terror tenha sido algo desumano, que me horroriza. Com isso, percebi que essa discriminação passou a ser um ensinamento polarizado em diferentes estratos sociais do país. É despercebida quando acontece entre pessoas da mesma ascendência, mas toma uma proporção gigantesca quando se opõem entre pessoas de ascendências diferentes.

Da elite à periferia, a prática de usar apelidos adestrados de sentido diminutivo para chamar seus compatriotas com pele escura é uma norma. Portanto, surpreende-se quem ousa dirigir-se a mim dessa forma, interpreta meu ar de desaprovação, nota que sou de fora e sempre pergunta: “Moço você não é daqui, não?” E, ao ouvir a resposta com o meu sotaque forte e um português básico, sempre disse: “Desculpa, pensei que o senhor era brasileiro”. E além do mais, certas pessoas, para se justificarem, tendem a me passar o sentimento de aversão por algo que me fascina... Tem que desconstruir essa ideia de que o apelido diminutivo é uma forma carinhosa de se referir a alguém, pois ele carrega consigo a carga histórica de exclusão e submissão. Constata-se também pensamentos preconceituosos entre diferentes regiões do país. Um complexo de inferioridade em uma região e de superioridade em outra, o que revela uma falta de conhecimento e empatia em relação aos outros. Não seria melhor que busquemos conhecer e valorizar a diversidade

de culturas e tradições que existem no país, e quebrar estereótipos que perpetuam desigualdades e injustiças? Esse preconceito, embora seja uma falta de informação, limita o desenvolvimento da sociedade que se fecha em estereótipos e impede a troca cultural e a diversidade do país. É preciso que o povo brasileiro tenha consciência da relevância de uma convivência plural e respeitosa, em que cada indivíduo é valorizado por sua própria história e cultura. Torna-se crucial que haja políticas públicas que combatam a discriminação e garantam a igualdade de oportunidades para todos. Se eu tivesse escutado quando me disseram de não ir para a região Sul/Sudeste do país, porque lá encontrariam-se apenas pessoas com pele clara, eu teria perdido a ocasião de fomentar ótimos laços de amizade. Fui recebido com o calor humano por muitas pessoas incríveis e amáveis por onde andei como em: Balneário Camboriú, Belo Horizonte, Curitiba, Florianópolis, Gramado, Porto Alegre, Rio de Janeiro e São Paulo. Se todos se dispusessem de viver a experiência de ser só uma nação com todas as diferentes nuances de tom de pele, aprendendo a conhecer o outro sem julgamento destrutivo, respeitando a dignidade humana, trabalhando com os aspectos construtivos em cada Homem e Mulher, o preconceito estrutural que atormenta a sociedade brasileira poderá ser erradicado. Sabe-se que a erradicação de preconceitos estruturais é um processo complexo que envolve a conscientização e ações de indivíduos e instituições em diferentes esferas da sociedade. Por isso ressalto que é preciso promover a igualdade de oportunidades e a valorização da diversidade para que todos possam viver plenamente e em harmonia. Conforme disse o psiquiatra paraibano, Lauro Neiva, “...não leve mais além esse castigo, destruindo fisicamente e psicologicamente a vida que se inicia no ventre sagrado das mulheres grávidas. Dê, ao menos, esta oportunidade às crianças que querem vir ao mundo, que nascerão amanhã, fazendo-as sentir que vieram ao mundo pela anuência de desejos e de afetos de seus compatriotas e que não foram geradas num ambiente de discriminação, num momento de ódio.” Diante disso, acontecerá um relâmpago para consertar o estrago. Tratar-se-á de uma consciência coletiva de aceitação. A princípio, o Brasil emergente que sonham seus dirigentes depende não somente de sua força econômica mas da inclusão de todos sob uma mesma identidade social geradora de valor. Uma identidade que respeite as diferenças e reconheça a diversidade como uma riqueza, capaz de tornar o país mais forte e unido. É necessário que a sociedade se mobilize para garantir que todas as crianças tenham as mesmas oportunidades e que possam crescer em um ambiente de amor, respeito e dignidade. A construção de um futuro melhor para o mundo passa, inevitavelmente, pela proteção da vida desde seu início e pela valorização da família como uma instituição fundamental para o desenvolvimento humano e social.

Pierre Richard GERISMA, é autor do livro *O Amor pelo qual me Apaixonei*.

"Na vida humana, do ponto de vista temporal, há três momentos distintos, mas inter-relacionados: ontem, hoje e amanhã."



TEMPORALIDADE NA VIDA HUMANA

POR JOSÉ VITOR DA SILVA
E MÁRCIO DANIEL NICODEMOS RAMOS

Na vida humana, do ponto de vista temporal, há três momentos distintos, mas inter-relacionados: ontem, hoje e amanhã.

O ontem se refere ao tempo passado. Este não retorna mais. É semelhante à água do rio. Passou e não volta mais. Segue apenas a direção da ida e sem retrocesso. Transforma-se em lembranças agradáveis ou não, em saudade daquilo que era e se foi para sempre. São apenas descritivas a partir da elaboração mental. São representações mentais do que se conseguiu reter. O ontem é o sorriso tirado, o beijo estalado, a lágrima salgada e a dor latejante. É o eu do passado se encantando pelo paraíso ou se desapontando pela desilusão. Faz parte da história da vida.

O momento presente é o processo. São os fatos e situações que, atualmente, estão ocorrendo, sejam favoráveis ou não. São aquilo que trazem, no aqui e agora, sentimentos positivos e negativos, mas que, diferentemente do passado, possibilitam modificações ou alterações e intervenções. São ingredientes que adotam manipulação. Referem-se ainda, às ocorrências que permitem modificações e desvios. São corporificadas, observáveis e concretas. Trata-se de proferir um sim ou um não que são decisivos para desencadear momentos vindouros. São as decisões de agora e os passos cotidianos.



Já a temporalidade futura é abstrata e irreal. Caracteriza-se por aquilo que há de vir. São planos profícuos ou astênico que se esperam acontecer e que, na maioria das vezes, são totalmente diferentes daquilo que foi mentalizando. O pensamento e o acontecimento de algo são completamente dialéticos. São os sonhos presentes na vida diária que ocorrerão prospectivamente, porém com roupagem completamente diversificada. É a espera de algo que poderá ocorrer sob intensidades anônimas em curto, médio e longo prazos. A variabilidade dos momentos e a sua durabilidade são distintas e se fixam no plano da predição.

Embora esses três momentos da vida humana sejam distintos e assumam características próprias, conforme se comentou, encontram-se ligadas. O ciclo da vida é contínuo e sequencial, não sendo dividido em partes isoladas, específicas e distintas. Uma etapa emerge de outra, sendo que o ontem oferece subsídios ao hoje e este ao amanhã. Não há cisma ou cisão entre eles, ainda que tenham suas nuances singulares ou específicas.

A vida humana está constituída pelo acontecimento dos fatos ou situações, assim como sua seqüência e consequência. O que se vive hoje tem relação com a vivência de ontem e com o que viverá. A pessoa vivente toma diferentes feições ao longo dessa trajetória, mudando com o passar do tempo e se moldando em cada estágio.

Essa divisão didática se faz relevante para mostrar ao ser humano a necessidade de se viver bem o momento presente, para que o passado lhe seja sabedoria e experiência aos desafios futuros proporcionados pela vida.

Finalmente, é preciso refletir criticamente que a temporalidade da vida é importante e essencial, mas não pode sobrepor o protagonismo que a pessoa concede ao seu viver. Cada pessoa tem a vida que autonomamente escolheu. Trata-se de um direito inalienável. Por outro lado, tem que responder, conscientemente, como um dever, pela opção realizada. Cada ser autônomo tem que enfrentar os futuros gerados a partir de seu passado e, principalmente, de suas decisões presentes.

Assim é a vida!



José Vitor da Silva é enfermeiro, gerontólogo e professor universitário, tendo graduação, mestrado, doutorado e quatro pós-doutorados em áreas correlatas no Brasil, México e Portugal. Tem experiência em direção institucional, coordenação acadêmica de curso de graduação, especialização e mestrado. A gerontologia é sua área de atuação. Organizador de diversos livros técnicos e diversas publicações acadêmicas.

Márcio Daniel Nicodemos Ramos é Engenheiro de Bioprocessos e mestre em Engenharia Química, tendo artigos nacionais e internacionais em revista de alto impacto. Aliado ao mundo profissional, é poeta e trovador, sendo autor dos livros “Versos em escala de Bancada” e “Amor em caldas”. É imortal da Academia Itajubense de Letras, sendo secretário e diretor do Departamento Infantojuvenil desta instituição.

REVISTA CONEXÃO LITERATURA

Respeito e agradecimento aos professores





CASA DO POETA

Lampião de Gás

DE SÃO PAULO

Por Márcia Villaça da Rosa

A Casa do Poeta "Lampião de Gás" de São Paulo, localizada por mais de 40 Anos na Rua Álvares Machado, Nº 22 - 1º Andar, na Sede da Associação Paulista de Imprensa - API; realiza atualmente suas Tardes Literomusicais, na Avenida Liberdade Nº 788, das 15:00 às 17:00 horas, na Sede da Associação dos Funcionários da Polícia Civil do Estado de São Paulo - AFPCESP. O Presidente da Casa do Poeta, o Poeta e Escritor Wilson de Oliveira Jasa, é autor de mais de 30 Livros, organizador de mais de 50 Antologias e Coletâneas, e tem participação em mais de 300 Antologias e Coletâneas no Brasil e Exterior. A Casa do Poeta foi fundada por Yde (Adelaide) Schloenbach Blumenschein - conhecida como Colombina. Entre as inúmeras obras da Poetisa, uma delas é intitulada LAMPIÃO DE GÁS.

Neste ano a Casa do Poeta completa seus 75 Anos (1948-2023), e teve nesses 75 Anos 8 Presidentes: (1º) Colombina (1948-1963); (2º) Bernardo Pedroso (1965-1971); (3º) Antonio Lafayette Natividade Silva (1972-1977); (4º) Benevides Beraldo (1977--1979); (5º) Adélia Victória Ferreira (1979-1987); (6º) Aristóteles de Lacerda Júnior; (7º) Walter Rossi (1989-2001); (8º) Wilson de Oliveira Jasa (2001-2025).

A Casa do Poeta tem sido frequentada por Grandes e Renomados Poetas do Brasil e do Exterior. Guilherme de Almeida frequentou a Casa do Poeta e doou seu Diploma e Medalha de Príncipe dos Poetas Brasileiros, à Casa do Poeta. Paulo Bonfim e Menotti Del Picchia também frequentaram a Casa.



Wilson de Oliveira Jasa

O atual Presidente da Casa do Poeta, Wilson de Oliveira Jasa tem o Título de Príncipe dos Sonetistas do Brasil; entre outros títulos.

Adriano Augusto da Costa Filho, Daniel José Teixeira, Cynthia Theodoro Porto, Gracinda Martins Vasquinho, Nilce Saggiaro, Elisa Muratori, Chico Luz, Silveira Reis, Odila Placência, entre tantos outros frequentam a excelsa Casa do Poeta.

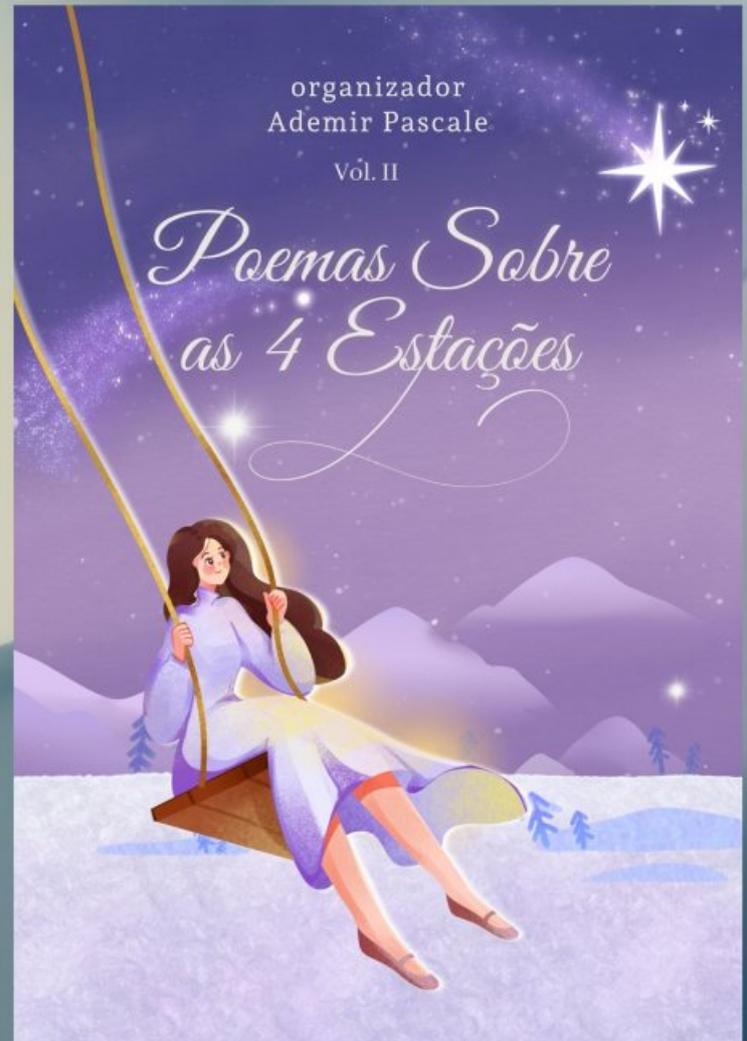
A autora e jornalista Márcia Villaça da Rosa, 54 anos, lançou recentemente no local seu último trabalho, a obra Montepio - Destinos Literários, 2023, editora All Print. Márcia destacou neste trabalho roteiros literários - casas - museus - de renomados escritores do cenário nacional e internacional, tais como A Casa de Fernando Pessoa, a Casa Museu Guimarães Rosa, a Fundação Eça de Queiroz, entre outros locais. "É muito importante a valorização do nosso espólio cultural, atualmente de valor inestimável, que precisa ser investigado tanto pelo público como por escritores e poetas, como eu. que estive recentemente em visita à Casa Museu Guimarães Rosa, sediada na cidade de Cordisburgo - Minas Gerais - onde pude apreciar um lugar cheio de memória e vida, resgate das obras de Guimarães Rosa. A Casa do Poeta "Lampião de Gás" de São Paulo, é um lugar em que todas as pessoas podem desenvolver seus dons e aptidões artísticas", declara Márcia.



Márcia Villaça da Rosa, 54 anos, é natural da cidade e do estado de São Paulo. Habilitou-se em dois cursos superiores - Jornalismo - Comunicação Social - PUC - e em Letras - Português - USP. Atuou como professora de Literatura, Texto e Redação para o Anglo Vestibulares. Desde 2016 vem se dedicando a Literatura, sendo colaboradora do jornal Linguagem Viva e autora das obras Santa Clara (editora Nelpa, 2015), Sacre Coeur (editora Essencial, 2017), Whitehaven (editora Matarazzo, 2019) e seu último trabalho - Montepio - Destinos Literários Aprazíveis (Ed. ALL Print, 2023).

DICAS PARA LEITURA

CONTOS E POEMAS SOBRE A FLORESTA E O REINO ANIMAL - VOL. II, REÚNE TEXTOS DE ALGUNS DOS MELHORES AUTORES NACIONAIS, COM ORGANIZAÇÃO DE ADEMIR PASCALE. O E-BOOK É GRATUITO E ESTÁ DISPONÍVEL NO SITE DA REVISTA CONEXÃO LITERATURA: WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR E NO SITE DIVULGA LIVROS: WWW.DIVULGALIVROS.ORG.



POEMAS SOBRE AS 4 ESTAÇÕES - VOL. II, COM ORGANIZAÇÃO DO EDITOR E ESCRITOR ADEMIR PASCALE, É UM E-BOOK GRATUITO E ESTÁ DISPONÍVEL NO SITE DA REVISTA CONEXÃO LITERATURA: WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR E NO SITE DIVULGA LIVROS: WWW.DIVULGALIVROS.ORG.

NOVOS MOMENTOS

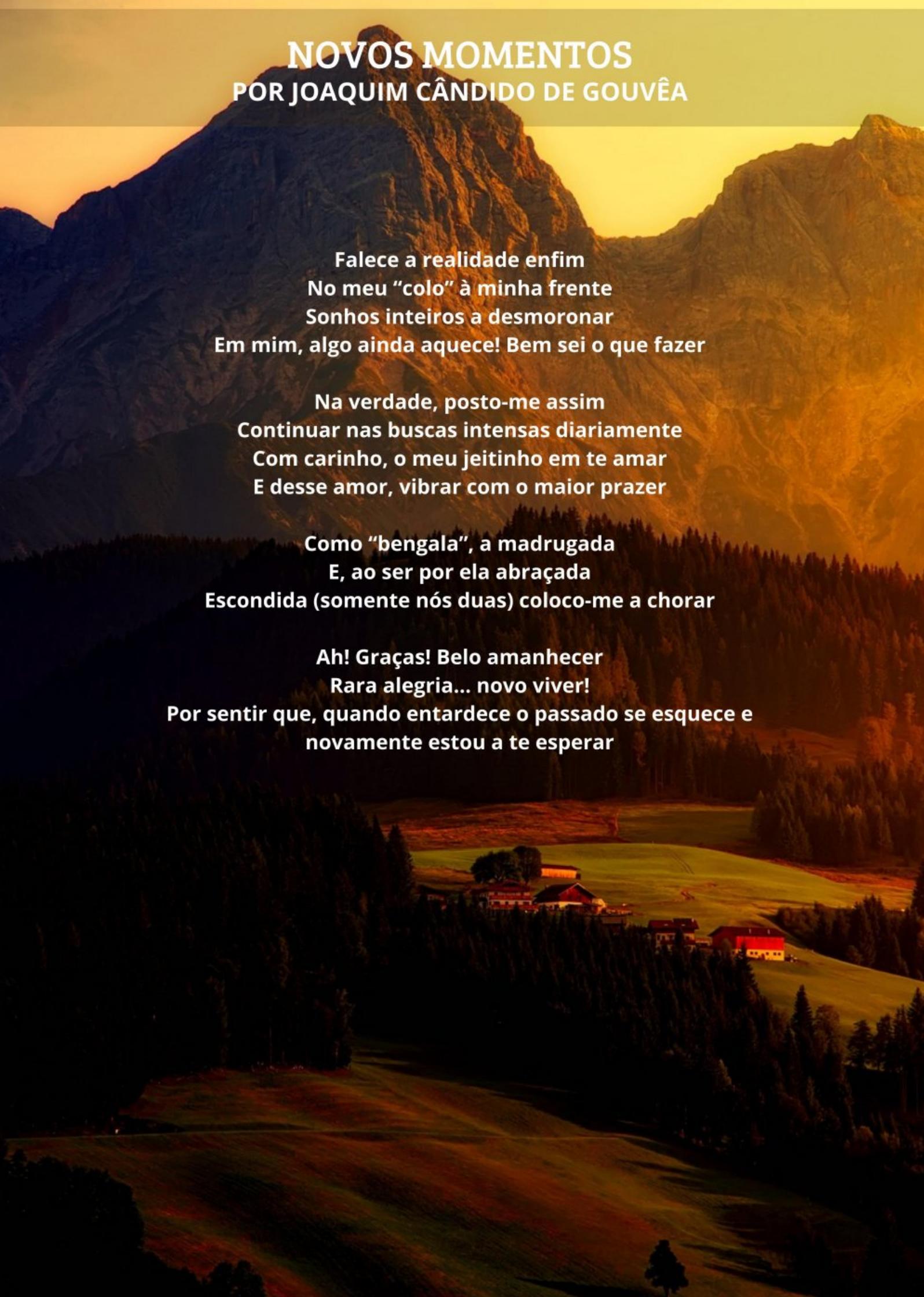
POR JOAQUIM CÂNDIDO DE GOUVÊA

**Falece a realidade enfim
No meu "colo" à minha frente
Sonhos inteiros a desmoronar
Em mim, algo ainda aquece! Bem sei o que fazer**

**Na verdade, posto-me assim
Continuar nas buscas intensas diariamente
Com carinho, o meu jeitinho em te amar
E desse amor, vibrar com o maior prazer**

**Como "bengala", a madrugada
E, ao ser por ela abraçada
Escondida (somente nós duas) coloco-me a chorar**

**Ah! Graças! Belo amanhecer
Rara alegria... novo viver!
Por sentir que, quando entardece o passado se esquece e
novamente estou a te esperar**



SEMPRE! COM ESSE OLHAR!

POR JOAQUIM CÂNDIDO DE GOUVÊA

**Esse olhar de lado pelo cantinho
Como me delicio por aquele seu jeitinho
Tentando não! Conseguindo me conquistar
E eu, de propósito, abro espaço para seu desejo caminhar**

**Passo a passo em tudo quanto é "lugar" nessa rua
Eu, já louca, aproveito a loucura e me entrego como se estivesse nua
De propósito, na imaginação fico a mostrar o despir
Incitando seu desejo em me "tomar" e sorrio do calafrio a sentir**

**Ah! Não me olhe assim nunca mais
Pois como humana, a me saciar, me arrisco para ir em frente
Já nem penso mais ser a semente
Agora, já transformada em flor, exalo aquele perfume que só o amor produz e faz**

**Mas veja! Desse expressar estou mentindo
Continue a fazer o que desejar ou quiser
Aqui continuarei como aquela mulher
Por favor! Me olhe assim outra vez pois o imenso dito calor estou agora sentindo**

Joaquim Cândido de Gouvêa: Economista, aposentado no Banco do Brasil S.A., também escritor; romancista; poeta; letrista de música, tendo atuado junto à melodia com o Emmanuel Henriques de Castro e com a outra parceira Renee Brazzil. Considera-se um contador de belas histórias de amor.

Como poeta, participou em variadíssimas coletâneas e antologias de poesia publicadas no Brasil envolvendo-se também em alguns Concursos Literários. Em destaque, a Menção Honrosa concedida ao seu poema no Livro VII Prêmio Marcelo de Oliveira Souza - Dr. Honoris Causa em Literatura.

Mensalmente, publica poemas na REVISTA CONEXÃO LITERATURA.

No exterior, participa do projeto da Editora Colibri, no Livro MUNDO(S), com outros 20 poetas portugueses, coordenado pelo Dr. Ângelo Rodrigues, onde começou na Edição 6 e atualmente encontra-se na Edição 23.

Com grande emoção recebeu o Certificado de Honra ao Mérito, em maio de 2022, concedido pela REVISTA CONEXÃO LITERATURA, no Brasil.

Participou da MESA DE DEBATES em Lisboa - Portugal, do Tema "Escrevo Por Quê" adicionando o poema "Porque Escrevo".

Com imenso orgulho ocupa a Cadeira número 203, como Acadêmico na Academia Internacional de Letras e Artes de Cruz Alta, no Brasil, Estado do Rio Grande do Sul.

Na edição de Livros possui seis Livros. Quatro de poemas e dois romances.

- "Mais do que Buquê" e "Acredite... Nada Importa Sonhar... Acredite!" na Editora Trevo, no Brasil - Poemas;

- "No Caminhar" e "Sentimentos... Amor... Saudade" ... na Editora Poesia Impossível em Lisboa - Portugal, do Grupo Editorial Atlântico - Poemas;

- "Ardente Encontro" e "Seis Meses", na Editora Astrolábio em Lisboa - Portugal, do Grupo Editorial Atlântico - Romances.

ANUNCIE NESSE ESPAÇO

Tem algo que deseja divulgar?
Lojas, livros, sites e muito mais



REVISTA CONEXÃO LITERATURA - PERIÓDICO MENSAL

MEDO

Por José Flávio da Paz
Porto Velho-Rondônia

Medo de tudo!
De quem? Do quê?

Já não durmo com medo de acordar,
na madrugada,
no meio de um sonho, mas
sem você ao meu lado, embora tantas provocações me faça,
frente às dúvidas que pairam em sua mente, refletidas
no seu corpo, ainda tão jovial e prazenteiro.

Medo de todos e de alguns, em particular,
daqueles que sorriem e se fazem de bonzinhos,
que não compreendem o que sentimos,
vemos e nos mal interpretam.
Porque é assim o mundo, desde que se fez.
Na constante incerteza do isto ou daquilo,
Querer, não querer. Poder, não poder!
O certo é que a felicidade, não está em qualquer lugar e, se há,
precisamos nela nos encontrar, ou seria mera ilusão
acreditar nisso tudo que vivemos?

Rogo aos Deuses e Deusas, de todas as crenças e religiões
Que não seja mais um desses sonhos medonhos e medroso,
Daqueles que nos deixam tenebrosos e nos metem medo
Apenas por imaginar nossas vidas passarem.



DORME

Por José Flávio da Paz
Porto Velho-Rondônia

Dorme o sono dos justos,
Mas dos puros também,
Pois a vida medíocre dos homens grandes,
ainda não crescera em ti
E o mundo ainda pareça para ti cor de rosa, ou seria azul?

O certo é que, enquanto dormes
Zelo e cuidado de ti; e, rogo ao Universo, por meio do Criador
Dias de luz e de paz em seu caminhar, uma vez que,
Antes da minha chegada, a nebulosidade pairava sobre a sua vida.
Sei, não foram dias fáceis e a certeza há de ser exaltada,
A sua chegada também se faz lar em mim, quando ninguém,
Por minha determinação, diante das frustrações,
Em meu coração deveria habitar.

Portanto, aconchega-te em meu peito
Do jeito que estais: cansado, destroçado, cauteloso e arredio.
Arma sua tenda. Larga suas mochilas e malas,
Ocupa os espaços vazios, as lacunas do meu ser, dito forte, e
Faz do meu coração terras férteis,
de grandes projetos e sonhos, sem hesitar.
Pois em mim, tu já sabes, há um ancoradouro
Para a tua vida atracar,
Bastará que saibas cuidar, daquilo que sabemos
Ao certo o que é
e, o leme das nossas vidas guiar.



José Flávio da Paz é poeta e escritor amador. Atua como docente e pesquisador na Universidade federal de Rondônia-UNIR, vinculado ao Departamento Acadêmico de Letras Vernáculos-DALV e ao Programa de Pós-Graduação em Educação-PPGE/UNIR; Pós-doutor em Psicologia-UFLO/Argentina; Pós-doutor em educação-UniLogos/USA. Doutor em Estudos Literários-UNEMAT; Mestre em Letras-Unimar; Mestre em Estudos Literários-UNIR; Graduado em Letras-UFSC. Líder do Grupo de Estudo e Pesquisa em Educação Especial, Inclusão e Diversidade-GeDiv e do Grupo de Estudo e Pesquisa em Semiótica, Discurso e Linguagem, ambos Propesq/UNIR. Recebeu o Título de Imortal da Academia Independente de Letras-AIL, diplomado e empossado como membro vitalício à cadeira nº 217, o Fluído; Recebeu o Título de Palatinus Literary, da Ordem Literária Scriptorium e do Castelo João Capão; Recebeu o Título de Membro Fundador Vitalício e Imortal à cadeira nº 001/ALB/RN da Academia de Letras do Brasil; Recebeu o Título Honorífico de Cidadão de Macapá, da Câmara Municipal de Macapá-Amapá; Recebeu o Título Menção Honrosa de Cidadão da ONG MovimentAÇÃO/FacedeébanoOficial; Recebeu as comendas "Cruz do Mérito Acadêmico e Profissional na área de Literatura", "Cruz do Reconhecimento do Mérito da Educação" e "Cruz do Mérito da Amazônia", todos pela Câmara Brasileira da Cultura/Academia de Ciências e Artes.

CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5717227670514288>. E-mail: jfp1971@gmail.com.

PARTICIPE DA ANTOLOGIA

PARA SEMPRE

CONTOS E POEMAS

ADEMIR
PASCALE
ORGANIZADOR
VOL. IV

E-BOOK

Contos e Poemas de
Amizade e Amor

PARA SEMPRE

saiba mais: [clique aqui](#)

RESPONDENDO

Mádson Ribeiro da Silva
Porto Velho-Rondônia

não o medo, porém suas certezas,
me assustam,
me desafiam,
me colocam em movimento,
as certezas das coisas que não dependem do homem tão somente,
dependem de múltiplas forças, interesses e vontades e impulsos
muitas vezes incontroláveis e arrebatadoras,
as quais expressam está a elas alinhadas ou alinhá-las com algum tipo de poder divinal
a certeza da sabedoria daquilo que eu ainda não sei,
daquilo que não vivi,
do que está por vir
a certeza de que posso ser mais e melhor
tão iluminado que também me impede de ver
tão transparente que me economiza a procura de ti
tão generoso que, por vezes, não me permite solicitar ajuda
a sua expansividade toma conta até daquilo que não sabia que estava por ocupar
sua presença mobiliza em mim sensações, sentimentos e desejos
tais, que nem mais sabia que podia externar
me faz elaborar uma nova linguagem
me tira dos lugares que me deixam confortáveis
que, no entanto, não me permitem ser mais
me coloca em movimento, entre mundos, mundos possíveis, novos mundos
me acolhe nos teus braços
me aninha no seu peito
me afaga com as palavras
me alimenta com seus beijos
me nutre de cuidados
que de tanto dar ao outro,
deixei de exercitar o direito necessário de recebê-los
o que e como posso retribuir e contribuir algo assim?



Mádson Ribeiro da Silva é poeta e escritor amador. Mestrando em Educação-PPGE/UNIR; Pós-graduado em Direito Civil e Processo Civil-UNIRON; Pós-graduado em Direito Municipal-Verbo Jurídico; Pós-graduado em Educação Indígena-Bacharel em Direito-UNIRON. Advogado atuante em Rondônia. Servidor da Prefeitura Municipal de Porto Velho/RO. Membro do Grupo de Pesquisa Educação Especial, Inclusão e Diversidade-GeDiv/UNIR e do Grupo de Pesquisa Educação Intercultural e Povos Tradicionais. CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6886654687905314>. E-mail: madsonribeiro16@gmail.com.



Viva bem
Viva com saúde!

bem estar

saúde

PACOTE DIVULGAÇÃO POR R\$ 150

beleza / Livros

Engloba :

Entrevista com
publicação no site
e em uma edição da
revista digital Projeto AutoEstima

Todos os meses
uma nova
edição

Divulgação no Facebook e Instagram

revista
projeto

AUTOESTIMA

acesse: revistaprojetautoestima.blogspot.com

edições

Saiba como publicar, anunciar ou divulgar no site e na próxima edição da revista digital Projeto AutoEstima, com dicas sobre saúde, beleza, gastronomia, cultura, literatura e bem estar

Escreva para: elenir@cranik.com - c/ Elenir Alves

Você escreve?

Descubra chamadas para publicação e concursos literários no portal

Seleções Literárias

Filtre oportunidades
por:

Gênero 

Prazo 

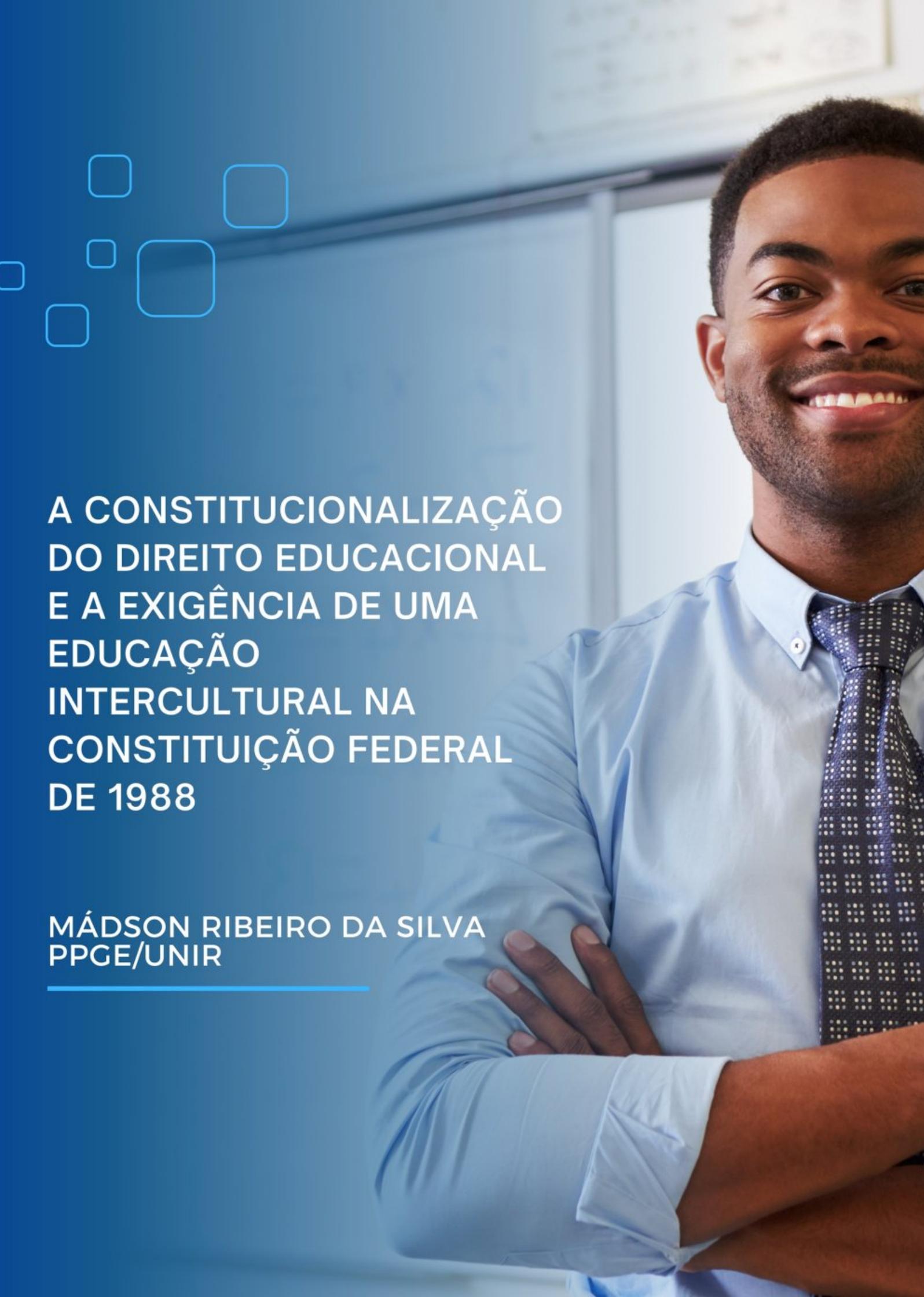
Prêmio 

Acesse

Seleções Literárias

<https://selecoesliterarias.com.br>





A CONSTITUCIONALIZAÇÃO
DO DIREITO EDUCACIONAL
E A EXIGÊNCIA DE UMA
EDUCAÇÃO
INTERCULTURAL NA
CONSTITUIÇÃO FEDERAL
DE 1988

MÁDSON RIBEIRO DA SILVA
PPGE/UNIR

A CONSTITUCIONALIZAÇÃO DO DIREITO EDUCACIONAL E A EXIGÊNCIA DE UMA EDUCAÇÃO INTERCULTURAL NA CONSTITUIÇÃO FEDERAL DE 1988 ¹

Mádson Ribeiro da Silva-PPGE/UNIR ²

RESUMO

Este artigo demonstrará como a educação brasileira adquiriu um caráter intercultural a partir da Constituição Federal de 1988-CF/88. O método de pesquisa adotado foi o de revisão bibliográfica, que se fundamenta nos aportes teóricos de Barroso (2015), Duprat (2002), Nascimento (2021) e Luciano (2017), bem como na CF/88, na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional-LDB e suas alterações e nos atos e pareceres emitidos pelo Conselho Nacional de Educação-CNE. Assim, destaca-se ao longo do texto a necessidade de compreender a educação brasileira sob a perspectiva constitucional, que exige um sólido compromisso com a diversidade sociocultural brasileira.

Palavras-chave: Constituição Federal de 1988. Estado pluriétnico. Educação Intercultural.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A educação brasileira recebeu a partir da Constituição Federal de 1988-CF/88 um caráter intercultural. Em outros termos, a educação na perspectiva constitucional precisa ter um forte compromisso com a diversidade sociocultural brasileira.

Inicialmente, defende-se que a CF/88 surge dentro de um novo paradigma político-jurídico que a posiciona no centro do sistema jurídico, cujas normas irradiam efeitos para todo os ramos do Direito.

Em decorrência disso, em segundo lugar, argumenta-se que o direito educacional que disciplina o exercício do direito fundamental à educação deve ser produzido e interpretado de acordo com a CF/88, reconhecendo a República Federativa do Brasil como um Estado pluriétnico a exigir uma educação democrática e intercultural.

Por esse motivo, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional-LDB foi alterada em dois momentos para explicitar essas exigências constitucionais: em 2003, pela Lei n. 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que positivou a obrigatoriedade da temática afro-brasileira na Educação Básica; e, cinco anos depois, em 2008, pela Lei n. 11.645, de 10 de março de 2008, que incluiu a temática indígena e a ampliou para todo o currículo.

Por último, destaca-se o esforço do Conselho Nacional de Educação no sentido de instituir as diretrizes para uma educação intercultural no Brasil como determina a CF/88 por meio dos Pareceres CNE/CP n. 3/2004 e n. 14/2015, que orientam o ensino da história e da cultura afro-brasileira e indígena na educação brasileira.

A CONSTITUCIONALIZAÇÃO DO DIREITO EDUCACIONAL E A EXIGÊNCIA DE UMA EDUCAÇÃO INTERCULTURAL NA CONSTITUIÇÃO FEDERAL DE 1988

No atual Estado Democrático de Direito, a CF/88 ocupa o centro do sistema jurídico. Trata-se de um novo paradigma político-jurídico, como aponta Barroso (2015, p. 436), no qual:

[...] a Constituição passa a valer como norma jurídica. A partir daí ela não apenas disciplina o modo de produção das leis e atos normativos, como estabelece determinados limites para o seu conteúdo, além de impor deveres de atuação ao Estado. Nesse novo modelo, vigora a centralidade da Constituição e a supremacia judicial, como tal entendida a primazia de um tribunal constitucional ou suprema corte na interpretação final e vinculante das normas constitucionais.

Em decorrência disso, a CF/88 irradia efeitos para todos os ramos do Direito, sendo esse fenômeno percebido e teorizado por Barroso (2015, p. 530) da seguinte maneira:

A ideia de constitucionalização do Direito está associada a um efeito expansivo das normas constitucionais, cujo conteúdo material e axiológico se irradia, com força normativa, por todo o sistema jurídico. A Constituição passa a ser não apenas um sistema em si – com sua ordem, unidade e harmonia –, mas também um modo de olhar e interpretar os demais ramos do Direito. A constitucionalização do Direito se realiza, sobretudo, pela interpretação conforme a Constituição, nas suas múltiplas expressões.

O direito educacional não ficou imune a essa mudança, de modo que toda a legislação nacional que versa sobre educação e toda prática educativa deve igualmente se conformar aos parâmetros da CF/88.

No Brasil, o direito à educação é assegurado pelo próprio texto constitucional e possui *status* de direito fundamental. E, por conta da sua fundamental importância na construção de uma sociedade democrática, plural e sem discriminação e no reconhecimento do Estado como pluriétnico (DUPRAT, 2002), esse direito recebeu tratamento especial na Seção I do Capítulo III da CF/88.

Nota-se que a educação tem primazia entre os direitos sociais do art. 6º, da CF/88, e o seu conteúdo básico delineado no art. 205:

Art. 6º São direitos sociais a educação, a saúde, a alimentação, o trabalho, a moradia, o transporte, o lazer, a segurança, a previdência social, a proteção à maternidade e à infância, a assistência aos desamparados, na forma desta Constituição. (Redação dada pela Emenda Constitucional nº 90, de 2015)

(...)

Art. 205. A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

Na República Federativa do Brasil, a fim de que de fato assuma um caráter constitucional e democrático, a educação precisa estar comprometida com os objetivos fundamentais do art. 3º, da CF/88:

Art. 3º Constituem objetivos fundamentais da República Federativa do Brasil:

I - construir uma sociedade livre, justa e solidária;

II - garantir o desenvolvimento nacional;

III - erradicar a pobreza e a marginalização e reduzir as desigualdades sociais e regionais;

IV - promover o bem de todos, sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação.

Nesse sentido, a CF/88, encerrando o seu texto, ratifica e reforça no §1º do art. 242 das Disposições Constitucionais Gerais o compromisso que a educação (é importante ler o termo “ensino” que aparece na norma da forma mais ampla possível) deve ter com a diversidade sociocultural brasileira: “Art. 242. [...] § 1º O ensino da História do Brasil levará em conta as contribuições das diferentes culturas e etnias para a formação do povo brasileiro. [...]”.

Dessa maneira, nota-se que o Constituinte Originário instituiu na referida norma uma exigência constitucional no campo da educação para que o ensino da História do Brasil não negligencie que a formação do povo brasileiro é fruto de contribuições culturais e étnicas, ou seja, não se pode olhar para o passado sem dar crédito ao esforço comum dessas contribuições plurais e diversas. Ressalta-se que o compromisso não é apenas com as históricas contribuições dos mais variados grupos que formam o povo brasileiro, mas também com a forma plural de ser e estar no mundo desses mesmos grupos na atualidade.

Por esse motivo, o *caput* do art. 115 da CF/88 estabelece que o Estado deve garantir “a todos o pleno exercício dos direitos culturais e acesso às fontes da cultura nacional”, assim como apoiar e incentivar “a valorização e a difusão das manifestações culturais”, para, no §1º, do mencionado artigo, criar a responsabilidade estatal de proteger, “as manifestações das culturas populares, indígenas e afro-brasileiras, e das de outros grupos participantes do processo civilizatório nacional”, sem se restringir apenas essas expressamente mencionadas.

A educação brasileira, nesse cenário, torna-se o local das culturas (um verdadeira instituição sociocultural) e um campo privilegiado para a realização das exigências constitucionais na perspectiva de “abrir caminhos para o reconhecimento e reposição dos sujeitos colonizados, subalternizados, subjugados, silenciados, dominados e alijados de suas autonomias societárias e cosmológicas a uma posição de diálogo, de interação, de coexistência e convivência dialética” (LUCIANO, 2017, p. 13).]

Diante disso, não é possível negar que a educação assume um caráter intercultural, porque isso decorre dos próprios princípios adotados pela CF/88, nos incisos I, II, III, VII, IX, do art. 206, que orientam o ensino no Brasil:

Art. 206. O ensino será ministrado com base nos seguintes princípios:

I - igualdade de condições para o acesso e permanência na escola;

II - liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar o pensamento, a arte e o saber;

III - pluralismo de idéias e de concepções pedagógicas, e coexistência de instituições públicas e privadas de ensino;

[...]

VII - garantia de padrão de qualidade.

[...]

IX - garantia do direito à educação e à aprendizagem ao longo da vida. (Incluído pela Emenda Constitucional nº 108, de 2020)

Com efeito, a preocupação com a instituição de um novo paradigma educacional voltado para a valorização das culturas e manifestações artísticas, tanto de expressão nacional quanto regional, é tão fundamental que ela aparece exatamente no art. 210 da CF/88, ao determinar a fixação de conteúdos mínimos que todas as pessoas precisam ter acesso desde os primeiros anos escolares, objetivando uma formação básica comum e, também, intercultural:

Art. 210. Serão fixados conteúdos mínimos para o ensino fundamental, de maneira a assegurar formação básica comum e respeito aos valores culturais e artísticos, nacionais e regionais.

§ 1º O ensino religioso, de matrícula facultativa, constituirá disciplina dos horários normais das escolas públicas de ensino fundamental.

§ 2º O ensino fundamental regular será ministrado em língua portuguesa, assegurada às comunidades indígenas também a utilização de suas línguas maternas e processos próprios de aprendizagem.

Neste contexto, a produção e a interpretação das normas infraconstitucionais que tratam da educação devem estar de conformidade com os princípios e postulados na CF/88, sob pena de serem consideradas inconstitucionais e sem validade (nulas de pleno direito).

Ademais, a constitucionalização do direito educacional não só aparece expressamente nos atos normativos que foram produzidos a partir da CF/88, como também na interpretação e aplicação em conformidade com a CF/88 de atos, decisões e práticas estabelecidos antes, durante e depois dela.

A Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, também denominada Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB, aprovada sob a égide da CF/88, seja a partir da principiologia que a orienta, seja na reprodução da norma constitucional no seu texto, nunca criou qualquer impedimento à concretização da exigência constitucional de uma educação intercultural, principalmente, no que tange ao ensino da temática indígena nos espaços educativos.

No entanto, em razão de uma insistência colonial em apagar, visibilizar e deformar a história e a cultura dos povos negro e indígena, a LDB foi modificada, e nela acrescido o art. 26-A, a fim de conferir mais densidade e regulamentação específica ao comando constitucional em dois momentos considerados históricos na educação e fruto de reivindicação do movimento negro e indígena brasileiro.

O primeiro momento foi em 2003, com a criação da Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que acrescentou o art. 26-A, a LDB para deixar cristalino a obrigatoriedade do ensino da história e da cultura afro-brasileira na ensino fundamental e médio:

Art. 1º A Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, passa a vigorar acrescida dos seguintes arts. 26-A, 79-A e 79-B:

"Art. 26-A. Nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares, torna-se obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira.

§ 1º O conteúdo programático a que se refere o caput deste artigo incluirá o estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinentes à História do Brasil.

§ 2º Os conteúdos referentes à História e Cultura Afro-Brasileira serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de Educação Artística e de Literatura e História Brasileiras.

§ 3º (VETADO)"

[...]

O segundo, foi em 2008, com a edição da Lei nº 11.645, de 10 de março de 2008, no sentido de ampliar a norma para deixar expresso que a história e a cultura dos povos indígenas é igualmente tema obrigatório na educação escolar e para pulverizar a abordagem para todo o currículo:

Art. 1º O art. 26-A da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, passa a vigorar com a seguinte redação:

"Art. 26-A. Nos estabelecimentos de ensino fundamental e de ensino médio, públicos e privados, torna-se obrigatório o estudo da história e cultura afro-brasileira e indígena.

§ 1º O conteúdo programático a que se refere este artigo incluirá diversos aspectos da história e da cultura que caracterizam a formação da população brasileira, a partir desses dois grupos étnicos, tais como o estudo da história da África e dos africanos, a luta dos negros e dos povos indígenas no Brasil, a cultura negra e indígena brasileira e o negro e o índio na formação da sociedade nacional, resgatando as suas contribuições nas áreas social, econômica e política, pertinentes à história do Brasil.

§ 2º Os conteúdos referentes à história e cultura afro-brasileira e dos povos indígenas brasileiros serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de educação artística e de literatura e história brasileiras." (NR)

Por ocasião da primeira alteração da LDB, o Conselho Nacional de Educação-CNE, regulamentando a matéria, expediu a Resolução n. 1, de 17 de junho de 2004, que dispõe sobre Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-

Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana, decorrente do Parecer CNE/CP n. 3/2004, de relatoria de Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva.

A Resolução n. 1/2004 e o Parecer CNE/CP n. 3/2004 já fazem expressamente menção aos povos indígenas, e desses instrumentos normativos decorreram fundamentais e necessárias políticas e ações educacionais para a sua implementação, embora tendo como foco principal a história e cultura afro-brasileira e africana.

Como assinalado, em 2008, a LDB novamente foi alterada para incluir a temática indígena e ampliar a obrigatoriedade dela para todo o currículo, fruto da reivindicação e articulação do movimento indígena e indigenista. Entretanto, não havia no CNE ato normativo específico para a abordagem da temática indígena na Educação Básica.

Em face dessa necessidade e oriundo de inúmeras solicitações dos indígenas, professores e pesquisadores do tema, em 2015, o CNE deu mais um passo importante e, oriundo de estudos e consultas, estabeleceu as Diretrizes Operacionais para a Implementação da História e das Culturas dos Povos Indígenas na Educação Básica por intermédio do Parecer CNE/CEB n. 14/2015, de relatoria da conselheira indígena Rita Potyguara, registrada como Rita Gomes do Nascimento.

O Parecer CNE/CEB n. 14/2015, uma vez elaborado e fundamentado, não recebeu a merecida divulgação e implementação necessárias, entre outros motivos, em razão do afastamento da Ex-Presidenta do Brasil, Dilma Rousseff, e da descontinuidade das políticas educacionais que foram gradualmente acontecendo nos dois governos que a sucederam, sendo a reconstrução e retomada dessas políticas um dos maiores desafios do atual Governo a fim de realizar a CF/88.

Esse mesmo documento, para além dos marcos legal e teórico, traz orientações pedagógicas e práticas para a implementação em sala de aula da Lei nº 11.645, de 10 de março de 2008, no sentido de descolonizar imagens, ideias, discursos e concepções que ainda teimam circular no imaginário da população e, preocupantemente, nas escolas brasileiras, tornando-se uma contribuição, em termos teóricos e práticos, para a implementação da educação intercultural, democrática e constitucional no Brasil (NASCIMENTO, 2021).

Chama-se a atenção para a leitura na íntegra do Parecer CNE/CEB n. 14/2015, sendo importante o destaque de trechos relevantes a respeito do que se busca combater, o que é preciso fazer e como promover essas diretrizes. A título de exemplo, o documento elenca certas ações e práticas problemáticas relacionadas à representação do povos indígenas que ainda persistem no contexto social brasileiro e que devem ser combatidas e eliminadas, principalmente no campo da educação:

- reificação da imagem do indígena como um ser do passado e em função do colonizador;
- apresentação dos povos indígenas pela negação de traços culturais (sem escrita, sem governo, sem tecnologias);
- omissão, redução e simplificação do papel indígena na história brasileira;
- adoção de uma visão e noção de índio genérico, ignorando a diversidade que sempre existiu entre esses povos;

- generalização de traços culturais de um povo para todos os povos indígenas;
- simplificação, pelo uso da dicotomia entre índios puros, vivendo na Amazônia versus índios já contaminados pela civilização, onde a aculturação é um caminho sem volta;
- prática recorrente em evidenciar apenas características pitorescas e folclóricas no trato da imagem dos povos indígenas;
- ocultação da existência real e concreta de povos indígenas particulares, na referência apenas “aos índios” em geral;
- ênfase no “empobrecimento” material dos estilos e modos de vida dos povos indígenas.

Ele aponta ainda para as diversas ações e atitudes concretas que os sistemas de ensino podem adotar para orientar, mediar e estimular os estabelecimentos de ensino sob sua jurisdição no sentido de promover uma educação mais democrática e intercultural para a sociedade brasileira:

1. Elaborar ou reformular, com a participação de toda a comunidade escolar, o seu projeto pedagógico e cultural, incorporando em seu currículo o ensino da história e da cultura dos povos indígenas, bem como dos demais grupos étnicos e raciais constituidores da sociedade brasileira, em uma abordagem multidisciplinar, interdisciplinar e transdisciplinar ao longo do ano letivo.
2. Estimular a realização de estudos sobre a história e culturas dos povos indígenas e dos demais grupos étnicos e raciais constituidores da sociedade brasileira, proporcionando condições para que os professores, gestores e demais funcionários participem de atividades de formação continuada promovidas na própria escola.
3. Estimular o trabalho colaborativo dos docentes, numa perspectiva interdisciplinar, para disseminação do tratamento adequado da temática dos povos indígenas no âmbito escolar.
4. Possibilitar encontros entre estudantes e representantes de povos indígenas que vivam no Município ou no Estado em que a escola se situa, com a finalidade de realizar atividades científico-culturais que promovam o tema da diversidade étnico-racial e cultural.
5. Criar espaços específicos nas bibliotecas e salas de leitura com material de referência sobre a temática dos povos indígenas, bem como dos demais grupos étnicos e raciais constituidores da sociedade brasileira, que sejam adequados à faixa etária e à região geográfica das crianças, incorporando tanto materiais escritos por especialistas quanto a produção de autoria indígena.
6. Diagnosticar e enfrentar, por meio de diferentes ações e procedimentos, os casos de racismo, preconceito, discriminação e intolerância existentes em suas dependências, procurando dar-lhes o devido encaminhamento na perspectiva do desenvolvimento de uma sociedade brasileira mais justa, solidária e igualitária.

No tocante à temática do ensino da história e da cultura indígena na Educação Básica, mas que também se aplica para o Ensino Superior, principalmente na área de formação de professores para atuar na Educação Básica, essa Normativa aponta que o ensino deverá ser desenvolvido por meio de conteúdo, saberes, competências, atitudes e valores que permitam aos estudantes:

1. Reconhecer que os povos indígenas no Brasil são muitos e variados, possuem organizações sociais próprias, falam diversas línguas, têm diferentes cosmologias e visões de mundo, bem como modos de fazer, de pensar e de representar diferenciados.
2. Reconhecer que os povos indígenas têm direitos originários sobre suas terras, porque estavam aqui antes mesmo da constituição do Estado brasileiro e que desenvolvem uma relação coletiva com seus territórios e os recursos neles existentes.
3. Reconhecer as principais características desses povos de modo positivo, focando na oralidade, divisão sexual do trabalho, subsistência, relações com a natureza, contextualizando especificidades culturais, ao invés do clássico modelo de pensar esses povos sempre pela negativa de traços culturais.
4. Reconhecer a contribuição indígena para a história, cultura, onomástica, objetos, literatura, artes, culinária brasileira, permitindo a compreensão do quanto a cultura brasileira deve aos povos originários e o quanto eles estão presentes no modo de vida dos brasileiros.
5. Reconhecer que os índios têm direito a manterem suas línguas, culturas, modos de ser e visões de mundo, de acordo com o disposto na Constituição Federal de 1988 e que cabe ao Estado brasileiro, protegê-los e respeitá-los.
6. Reconhecer a mudança de paradigma com a Constituição de 1988, que estabeleceu o respeito à diferença cultural porque compreendeu o país como pluriétnico, composto por diferentes tradições e origens.
7. Reconhecer o caráter dinâmico dos processos culturais e históricos que respondem pelas transformações por que passam os povos indígenas em contato com segmentos da sociedade nacional.
8. Reconhecer que os índios não estão se extinguindo, têm futuro como cidadãos deste país e que, portanto, precisam ser respeitados e terem o direito de continuarem sendo povos com tradições próprias.

Esse Parecer tem respaldo jurídico, conforme delineado no início desse artigo, e é um importante instrumento que permite, a partir dele, a concretização da vontade constitucional no mundo da vida, como se extrai de sua própria dicção:

A inclusão da temática da história e da cultura indígenas nos currículos objetiva promover a formação de cidadãos atuantes e conscientes do caráter pluriétnico da sociedade brasileira, contribuindo para o fortalecimento de relações interétnicas positivas

entre os diferentes grupos étnicos e raciais e a convivência democrática, marcada por conhecimento mútuo, aceitação de diferenças e diálogo entre as culturas. Efetivamente, o acolhimento da diferença cultural pela escola contribui decisivamente para a construção de um pacto social mais democrático, igualitário e fraterno, promovendo a tolerância como sinônimo de respeito, aceitação e apreço pela riqueza e diversidade das culturas humanas. O reconhecimento do direito à diversidade étnica e cultural como princípio constitucional exige, por sua vez, o conhecimento, por meio de informações corretas e atualizadas, sobre os povos indígenas, seus modos de vida, suas visões de mundo, seus saberes e práticas, suas línguas, suas histórias e suas lutas políticas. Assim, esse reconhecimento também exige a compreensão da diversidade étnica e cultural existente no Brasil, desde os tempos da colonização até os dias atuais, bem como da viabilidade de outras ordens sociais e arranjos societários.

O esforço do CNE, no sentido de conformar a educação nacional aos parâmetros da CF/88, ao instituir as diretrizes para que o Brasil promova uma educação intercultural, mormente a partir da política educacional que determina o ensino da história e da cultura afro-brasileira e indígena na educação básica, se mostra evidente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Compreende-se que, nesse percurso histórico, a CF/88 ocupa o centro do sistema jurídico e cujas normas irradiam efeitos para todos os ramos do Direito. Diante do novo modelo, o direito educacional que disciplina o exercício do direito fundamental à educação deve ser produzido e interpretado de acordo com a CF/88, que reconhece a República Federativa do Brasil como um Estado pluriétnico e exige uma educação democrática e intercultural.

Por esse motivo, a LDB foi alterada em dois momentos para explicitar compromisso constitucional com uma educação intercultural: em 2003, pela Lei n. 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que positivou a obrigatoriedade da temática afro-brasileira na Educação Básica; e, cinco anos depois, em 2008, pela Lei n. 11.645, de 10 de março de 2008, que incluiu a temática indígena e alastrou para todo o currículo.

No âmbito nacional, em consonância com a CF/88 e com a LDB, o CNE traçou as diretrizes da educação intercultural para a educação brasileira por meio do Parecer CNE/CP n. 3/2004 e do Parecer CNE/CEB n. 14/2015.

Baseando-se nisso se defende neste artigo que educação brasileira recebeu a partir da CF/88 um caráter intercultural, não sendo possível pensar numa educação na perspectiva constitucional que não leve em conta a diversidade sociocultural brasileira e que há instrumentos legais e instrumentais no âmbito nacional para a construção de uma sociedade democrática, plural e sem discriminação.

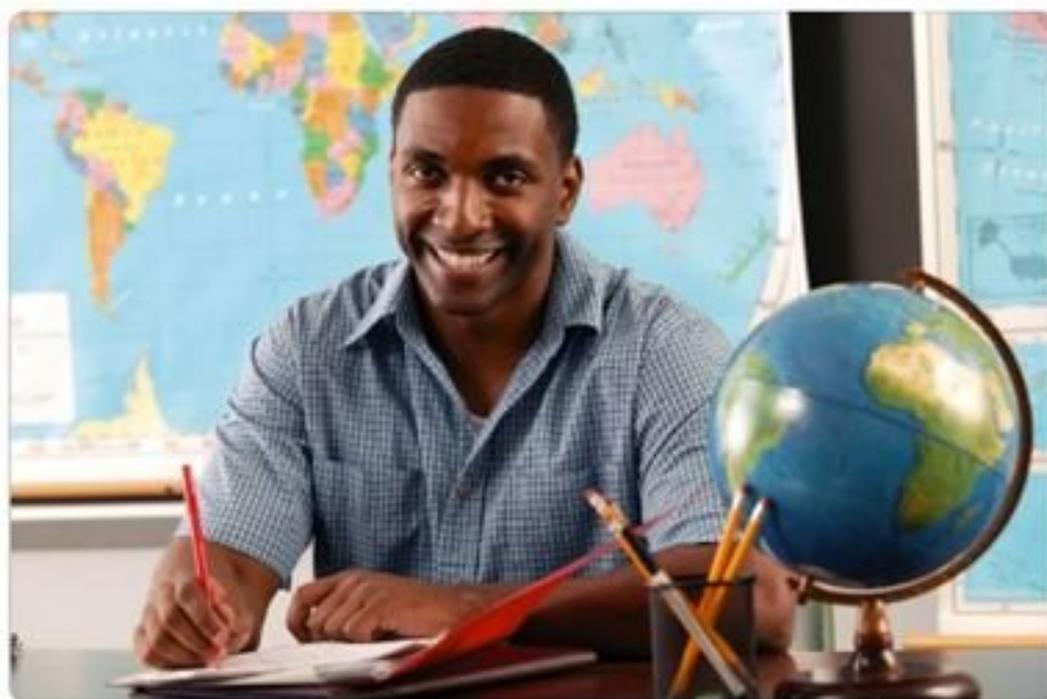
REFERÊNCIA

- BARROSO, Luís Roberto. **Curso de direito constitucional contemporâneo: os conceitos fundamentais e a construção do novo modelo**. 5ª ed. São Paulo: Saraiva, 2015.
- BRASIL. Conselho Nacional de Educação/Câmara de Educação Básica. **Parecer CNE/CEB nº 14/2015, aprovado em 11 de novembro de 2015**. Diretrizes Operacionais para a implementação da história e das culturas dos povos indígena na Educação Básica, em decorrência da Lei nº 11.645/2008. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=27591-pareceres-da-camara-de-educacao-basica-14-2015-pdf&category_slug=novembro-2015-pdf&Itemid=30192. Acesso em: 16 jan. 2023.
- BRASIL. Conselho Nacional de Educação/Conselho Pleno. **Parecer CNE/CP nº 3, de 10 de março de 2004**. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/cnecp_003.pdf. Acesso em: 16 jan. 2023.
- BRASIL. Conselho Nacional de Educação/Conselho Pleno. **Resolução CNE/CP nº 1, de 17 de junho de 2004**. Institui Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/res012004.pdf>. Acesso em: 16 jan. 2023.
- BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Texto consolidado até a Emenda Constitucional nº 128, de 22 de dezembro de 2022. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 9 de junho de 2023.
- BRASIL. **Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003**. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.639.htm. Acesso em: 9 de junho de 2023.
- BRASIL. **Lei nº 11.645, de 10 de março de 2008**. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11645.htm. Acesso em: 9 de junho de 2023.
- BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm. Acesso em: 9 de junho de 2023.
- DUPRAT, Deborah. **O Estado pluriétnico**. In: Antonio Carlos de Souza Lima; Maria Barroso Hoffmann. (Orgs.). Além da tutela: bases para uma nova política indigenista, III. Rio de Janeiro: Contra Capa, LACED, 2002, p. 41-47.
- LUCIANO, Gersem José dos Santos. **EDUCAÇÃO INTERCULTURAL: direitos, desafios e propostas de descolonização e de transformação social no Brasil**. Entrevista concedida para SCHNEIDER-FELICIO, Beatriz (USP); KATO, Danilo Seithi (UFTM). GODOY, Daniela Bueno de Oliveira Américo de (USP); HONORATO, Erlon Silva (CIMEAC). Cadernos CIMEAC, v. 7, 2017, p. 12-31.
- NASCIMENTO, Rita Gomes (Rita Potyguara). **O ensino da história e cultura indígenas: uma questão de direito**. In: SILVA, Edson; SILVA, Maria da Penha da. (Orgs.). Ensino da temática indígena e educação para as relações étnico-raciais. [recurso digital]. Maceió, AL: Editora Olyver, 2021, p. 13-31.

CRÉDITOS:

1. Trabalho de conclusão da disciplina Educação Especial e Inclusiva, sob docência do Prof. Dr. José Flávio da Paz, para o Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Rondônia-PPGE/UNIR, no semestre 2023.1.

2. Mestrando em Educação-PPGE/UNIR; Pós-graduado em Direito Civil e Processo Civil-UNIRON; Pós-graduando em Direito Municipal-Verbo Jurídico; Pós-graduando em Educação Indígena-Bacharel em Direito-UNIRON. Advogado atuante em Rondônia. Servidor da Prefeitura Municipal de Porto Velho/RO. Membro do Grupo de Pesquisa Educação Especial, Inclusão e Diversidade-GeDiv/UNIR e do Grupo de Pesquisa Educação Intercultural e Povos Tradicionais. CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6886654687905314>. E-mail: madsonribeiro16@gmail.com.

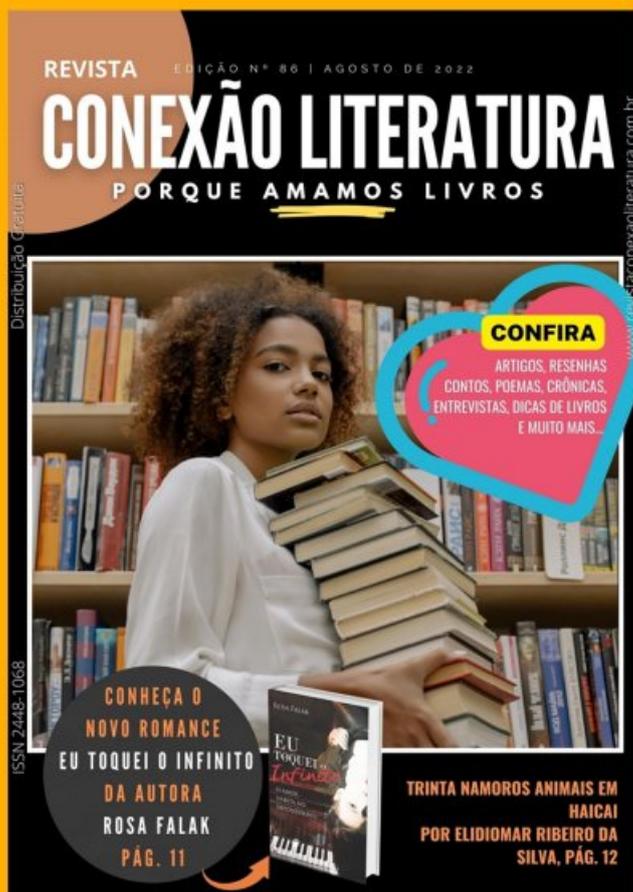


Apoie a nossa causa

CLUBE DA REVISTA CONEXÃO LITERATURA

INCENTIVO À LEITURA

APOIA.se



acesse:

<https://apoia.se/conexaoliteratura>

PUBLIQUE NAS EDIÇÕES DA REVISTA CONEXÃO LITERATURA



Escritor(a)

Você escreve contos, crônicas, artigos, resenhas ou poemas? Chegou a hora de mostrar os seus textos para os nossos leitores.



Contos

Aceitamos contos de diversos gêneros. Até 4 páginas: R\$ 60,00. Envie o seu arquivo em Word.



Poemas

Poemas com até 4 páginas: R\$ 60,00. Envie o seu arquivo em Word.

Crônicas, artigos, resenhas etc

Aceitamos crônicas, artigos, ensaios, resenhas etc. Até 4 páginas em Word: R\$ 60,00. Para publicar mais páginas, consulte-nos no e-mail: ademirpascale@gmail.com



Sobre a publicação

O seu texto será publicado em uma das edições da Revista Conexão Literatura. Nossa revista possui ISSN e nossas edições são mensais, digitais e gratuitas para os leitores baixarem.

NÃO PERCA TEMPO: encaminhe o seu texto para Ademir Pascale - E-mail: ademirpascale@gmail.com

ENTREVISTA

COM ANILDES REGINA FRAZÃO RIBEIRO



Anildes Regina Frazão Ribeiro

Anildes Regina Frazão Ribeiro, maranhense, natural da cidade de São Bento. É escritora, membro da Academia São-bentuense de Letras e da Academia Maranhense de Ciências e Belas Artes. É professora de Língua Portuguesa, Literatura e Redação, no ensino médio e em cursos pré-vestibulares. Fundadora e presidente da empresa cultural Le Arte, uma instituição que promove projetos de fomento da cultura maranhense.

Entrevista

Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

Anildes Ribeiro: Minha relação com a literatura começou na adolescência. Sempre gostei de escrever poemas e me encantava ao ler versos, principalmente sobre a natureza e o amor.

Conexão Literatura: Você é coautora do livro "É Primavera - Poesia em Quatro Estações", que será lançado na Bienal Internacional do Livro, no Rio de Janeiro. Poderia comentar?

Anildes Ribeiro: Esse é um lindo projeto da editora Lura pelo qual me apaixonei, a partir do 1º contato. Como eu disse anteriormente, sempre tive um olhar contemplativo pela natureza. Existe beleza maior do que expressar esse olhar? Então, aceitei o desafio de escrever sobre a "primavera em meus olhos" e para minha alegria, os dois poemas que escrevi foram aprovados pela editora. A publicação contará com autores de todo o Brasil e lançaremos na Bienal do Rio, numa tarde de autógrafos. Estou muito feliz com esse projeto.

Conexão Literatura: Como foram as suas pesquisas e quanto tempo levou para concluir seu texto para participação no livro?

Anildes Ribeiro: O meu processo de criação é muito espontâneo. A inspiração vem e eu coloco no papel o que sinto, as minhas percepções... Na verdade, eu já tinha escrito os dois poemas. Fiz apenas alguns ajustes, mas nada que perdesse a essência original do que queria expressar quando os escrevi.

Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho que você acha especial em seu texto que integra o livro "É Primavera - Poesia em Quatro Estações"?

Anildes Ribeiro: Gosto muito dos versos "Na primavera em meus olhos/ há amores, dores /dissabores e pendores / Cantos e encantos / Flores e cores"

Conexão Literatura: Como analisa a questão da leitura no país?

Anildes Ribeiro: O acesso à leitura ainda é um desafio para nós, por diferentes causas, muito embora com todas as ferramentas de informação, que teoricamente garantem esse acesso, vejo um aspecto preocupante: estamos desenvolvendo uma impaciência cognitiva e isso não favorece a leitura crítica. Se não há leitura crítica, não há engajamento.

Conexão Literatura: Como o leitor interessado deve proceder para adquirir o livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?

Anildes Ribeiro: O livro será lançado oficialmente na Bienal do Rio e estará disponível na livraria da Lura ou pelo site www.livrariadalura.com.br. Também estou como autora em outras publicações e o público pode saber mais pelo meu Instagram @anildesregina ou @oficial_learte ou ainda entrar em contato com minha assessoria pelo e-mail assessoriaanildesregina@gmail.com.

Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

Anildes Ribeiro: Sim. Ainda este ano, lançarei um novo livro com minha equipe da Le Arte, além de eventos culturais com artistas maranhenses.

Perguntas rápidas:

Um livro: Ou isto ou aquilo

Um (a) autor (a): Cecília Meireles

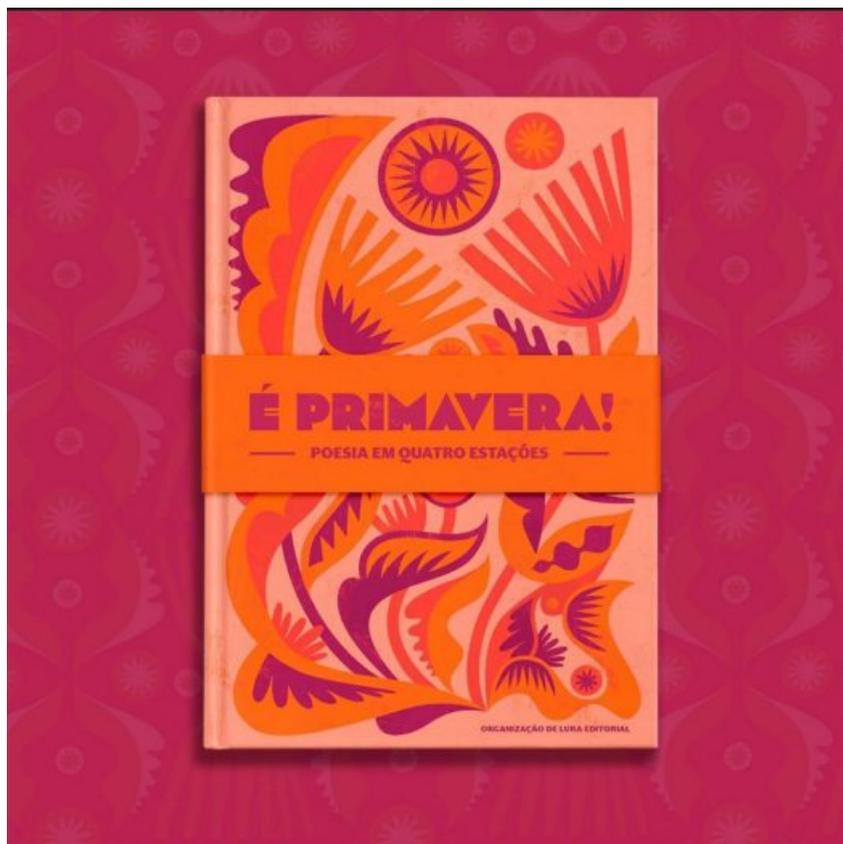
Um ator ou atriz: Fernanda Montenegro

Um filme: Avatar – O Caminho da Água

Um dia especial: Todo dia é especial. É questão de saber enxergar.

Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

Anildes Ribeiro: Aguardo vocês na Bienal do Rio, dia 04 de setembro, tarde de autógrafos, lançamento da Antologia “É primavera – poesia em 4 estações”. Muito obrigada!



PARTICIPE DA ANTOLOGIA

TÃO DISTANTE

CONTOS E POEMAS

Organizador
Ademir Pascale

E-BOOK

**TÃO
DISTANTE**

**CONTOS
E POEMAS**

saiba mais: [clique aqui](#)

ENTREVISTA

COM JOSÉ NELSON FREITAS FARIAS



José Nelson Freitas Farias

Filho de pai estivador na Rede Ferroviária Federal, em Parnaíba, Piauí e mãe, dona de casa. Originário de uma família grande, com mais de 20 pessoas. Casa pequena, onde todos dormiam em rede, uns por cima dos outros e a comida era pouca. Estudou as primeiras letras na Escola São Francisco dos Capachinhos. No começo da década de 60, seus pais se transferiram para Fortaleza. Em Fortaleza estudou no Liceu do Ceará onde fundou o jornal "O Estrago", foi assistente de revisor no jornal "O Povo" e participou ativamente do Clube dos Portas Cearenses. Se casou cedo e a literatura ficou guardada por mais de 50 anos.

Entrevista

Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

José Nelson Freitas Farias: Quando criança gostava de ouvir os cantadores de cordel e repentistas, no Mercado Municipal, em Parnaíba. Gostava também de livros de história. Como éramos muito pobres, minha madrinha, Criselite, que era professora, sempre me levava livros. Sempre fui um leitor voraz. Adorava ler história geral. Lia e ficava pensando naqueles povos antigos, em suas guerras e em como viviam as famílias.

Desde muito cedo fui um devorador da literatura. José de Alencar, Castro Alves e Machado de Assis eram os meus autores preferidos.



Quando li o Guarani, foi como se entrasse em um sonho. E ao ler o Navio Negreiro de Castro Alves, foi uma imersão na história. O livro de Machado de Assis que mais gostava era “O Alienista”. Quando o li, fiquei durante muitos dias impressionado, encafifado, imaginando como seriam as pessoas daquela cidade. Depois de adulto meu livro de cabeceira passou a ser “O Velho e o Mar”.

Em Fortaleza, todo ano o Clube dos Poetas Cearenses publicava uma Antologia. Particpei de duas e escrevi contos e poemas que foram publicados nos jornais. Naquela época a poesia e a literatura era vista como um pano de fundo para a subversão. Muitos de nós foram censurados e eu tive um poema que o jornal recusou. Esse poema e muitos outros acabei perdendo. Aqueles tempos eram muito difíceis.

Conexão Literatura: Você é autor do livro "O Segredo do Caminho - O Chamado". Poderia comentar?

José Nelson Freitas Farias: Trata-se de uma Trilogia e esse é o primeiro livro da saga. Essa história sempre esteve comigo, desde quando ouvi pela primeira vez “O Pavão

Misterioso”, lá nos idos de 1957. Durante mais de 50 anos, sonhei, vivi e muitas vezes, mesmo acordado ouvi e presenciei algumas das cenas que se passa no livro.

Tentei fazer uma narrativa que lembrasse a cultura de cordel, substituindo o verso pela prosa. Como toda literatura de cordel, trata-se de uma história épica.

Essa é a sinopse da obra: um dia as galáxias se alinharão, e esse alinhamento poderá causar o desequilíbrio das forças universais e a destruição do universo. Para impedir o alinhamento, os Magos ungem com seus poderes 33 pedras e as lançaram no espaço. Essas pedras circum-navegaram a imensidão do universo, absorvendo sua energia para permitir a montagem do “Colar Universal”. As pedras vagaram por muitas eras e finalmente caíram, aleatoriamente, na Terra, para os Magos, um planeta insignificante.

Para recolher as pedras, os Magos percorreram todas as galáxias em busca de um herói especial e descobriram que Yakecan e Anahi, dois índios Tupi-Guarani, seriam os escolhidos.

Os dois terão que comandar um exército, enfrentar os Guardiões do Caminho, cruzar os sete portais, recolher as pedras, montar o colar e entregá-lo ao Rei de Iria Flavia, antes que as galáxias se alinhem.

É isso o que oferece a obra “O Segredo do Caminho”: admirar e conhecer esses heróis que saíram da Floresta Amazônica para salvar o universo.

Conexão Literatura: Como foram as suas pesquisas e quanto tempo levou para concluir seu livro?

José Nelson Freitas Farias: O roteiro, não nesse formato, já estava esboçado há muito tempo. Na realidade a história ficou amadurecendo por mais de 50 anos. Ela se apresentou por inteira quando fiz, em 2019, o Caminho de Santiago de Compostela, fazendo o Caminho Francês.

Iniciamos, eu e minha esposa, por Sanit Jean Pierd Port, uma cidadezinha medial, nos Pirineus Franceses e seguimos o caminho por quase 1.000 km, cruzando todo norte da Espanha, até Santiago de Compostela. Foram 31 dias caminhando, dormindo em albergues públicos, com 20 ou 30 pessoas no mesmo quarto, convivendo com gente de mais de 30 nacionalidades, mesmo não falando nenhuma outra língua, além do português.

Foi nessa peregrinação que conheci os que depois viriam a ser meus personagens. Ou seja, grande parte dos personagens estiveram conosco nessa peregrinação de vida.

Entre as pesquisas sobre o “Big Bang” e outros temas que envolvem a criação do universo, passando pela Bíblia, teoria quântica, a lei da relatividade e muitos, foram dois anos. Li muito sobre Amazônia e os indígenas, antes e depois de Cabral.

Não foi por acaso que escolhi um casal de índios Tupi-Guarani para serem os heróis dessa história. Foi minha forma de fazer uma homenagem e um tributo a eles. Os heróis poderiam ser quaisquer pessoas, mas a escolha de Yakecan e Anahi, não foi por acaso. Vendo o que estamos fazendo com nossos ancestrais, foi minha forma de amplificar a importância que eles tiveram, tem e terão em nossa história. Não se pode, em função do dito progresso dizimar uma cultura e um povo.

Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho que você acha especial em seu livro?

José Nelson Freitas Farias: Uma cena que acho antológica é a da despedida final de Anahi e Yakecan, antes de deixarem a aldeia, nos confins da Floresta Amazônica:

”Sapaim, juntamente com todos os habitantes da aldeia haviam elaborado um colar de contas multicoloridas e a anciã mais velha, Amana, entregou para eles, dizendo:

- Esse colar representa cada árvore da floresta, cada semente brotada aqui. E com esse colar vocês estarão ligados, estejam aonde estiverem, com tudo o que a floresta representa. Vocês nunca estarão longe de nós porque esse colar foi banhado com a água do rio que nos dá vida. Vocês são filhos da floresta e como filhos, ela nunca vai abandoná-los. Qualquer dificuldade que vocês tiverem, pensem em como estaremos e peçam a essas árvores que os protejam como nos tem protegidos há tantos e tantos anos. Cada conta desta, representa mil árvores que estão aqui desde sempre, então, vocês levam um poder infinito – e colocou o colar, no pescoço de cada um.

Depois deste ritual eles partiram sem olhar para trás, seguindo sempre no sentido do grande rio”.

E tem uma outra, que descrevo o Kuarup:

Os últimos raios de sol cortavam o horizonte com sua luz vermelho e azul, intensos. A lua já começava a se sobrepôr e eles se sentaram, exaustos e cantaram cantigas de cada uma das suas terras.

Yakecan aproveitou e convidou alguns guerreiros e guerreiras para aprenderem a dançar o kuarup.

“O Kuarup é um ritual de homenagem aos mortos, celebrado pelo seu povo. O rito é centrado na figura de Mawutzinin, o demiuro e primeiro homem do mundo da sua mitologia. Em sua origem, o Kuarup teria sido um rito que objetivava trazer os mortos de novo à vida.

Yakecan explicou que o Kuarup é uma festa alegre, onde cada um coloca a sua melhor vestimenta na pele. Na visão de seu povo, os mortos não querem ver os vivos agindo de forma triste ou feia. Para representar os mortos eles organizam toras de madeiras que são alinhadas no centro do terreiro em frente às malocas”.

Conexão Literatura: Como analisa a questão da leitura no país?

José Nelson Freitas Farias: O Brasil sempre foi um país de uma cultura diversificada. Muitos dizem que no Brasil se ler pouco, mas, acho que há um engano neste comentário. O brasileiro gosta de ler, o que precisamos fazer é colocar o livro e os autores mais próximo do público.

Estive visitando a Biblioteca Pública perto de casa e achei maravilhoso o trabalho que eles fazem. Toda semana, nas quartas feiras, tem o Clube de Leitura, quando selecionam um autor e uma obra e as pessoas da comunidade leem e discutem o que leram. Essa é uma ação que precisa ser multiplicada.

Assim como todos os produtos nacionais, o que precisa ser feito é baratear mais o livro, o acesso a cultura. Os altos impostos que pagamos é um entrave para que o livro chegue mais perto do leitor.

Conexão Literatura: Como o leitor interessado deve proceder para adquirir o seu livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?

José Nelson Freitas Farias: Quem tiver interesse, pode me acompanhar no meu Instagram: @freitasfariasescritor
No Facebook: <https://www.facebook.com/Josénelson.freitas> e no LinkedIn www.linkedin.com/in/freitas-José-nelson

A obra, em mais alguns dias estará disponível em todos os sites de venda de livros, mas, por enquanto, está disponível no site da Editora CRV:
<https://www.editoracrv.com.br/produtos/detalhes/37765-o-segredo-do-caminho-brochamadobrcolecao-os-guardioes-do-caminho-o-colar-universalbr-volume-1>

Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

José Nelson Freitas Farias: Atualmente estou com dois projetos em curso: concluir o segundo (Os Guardiões do Caminho) e o terceiro (O Colar Universal) livros da Trilogia e terminar a edição do meu primeiro livro infantil: O Diário da Lótus.

Esse é o diário que fiz para minha filha mais nova, a minha cadelinha, Lótus Farias que, inclusive tem Instagram: @lotusfarias. Um livro mais ilustrado do que narrativa.

Neste diário a Lótus coloca suas angustias, seus medos, seus pesadelos e seus momentos de felicidades. Não é porque escrevi, mas está um livro muito humano, no olhar da minha cadelinha.

Perguntas rápidas:

Um livro: O Velho e o mar

Um (a) autor (a): Erico Verissimo

Um ator ou atriz: Marlon Brando

Um filme: O Senhor dos Anéis

Um dia especial: O dia do nascimento da minha primeira filha.

Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

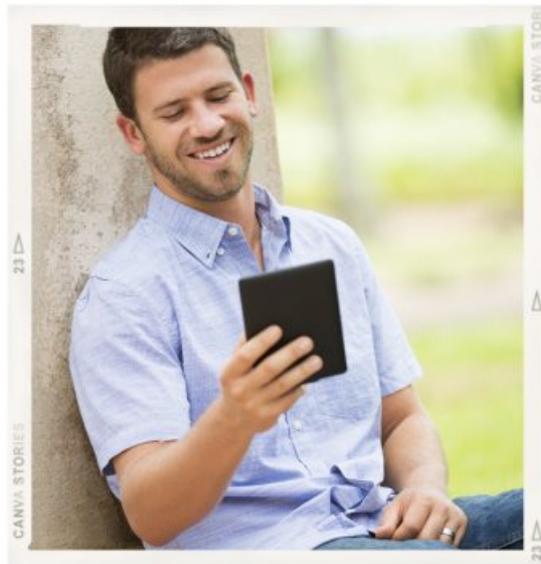
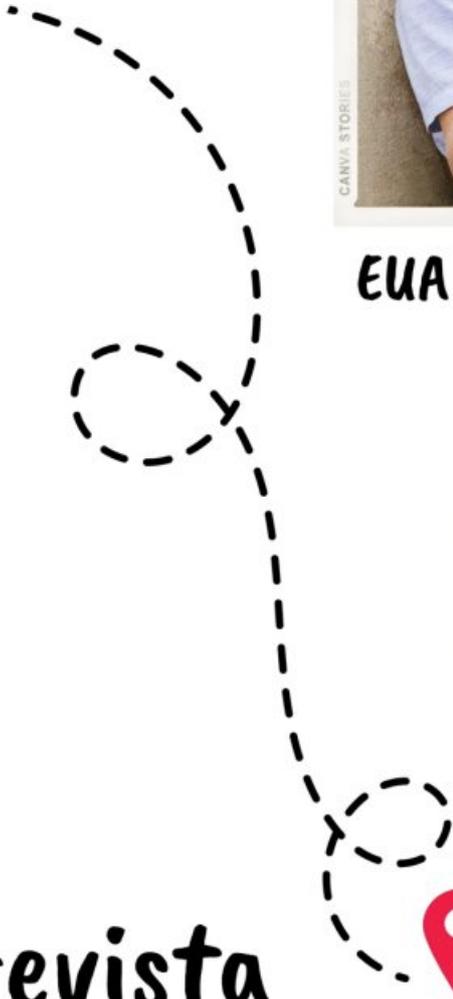
José Nelson Freitas Farias: Mesmo sendo um autor iniciante, minha obra estará na Bienal do Livro do Rio de Janeiro, em setembro e, na FLIP – Feira da Literatura Internacional de Paraty, em novembro.

No dia 05 de julho, faremos um pré-lançamento na Livraria Martins Fontes, na Av. Paulista, 509 das 18:00 as 21 horas. Estou muito ansioso e espero que seus leitores possam nos prestigiar.

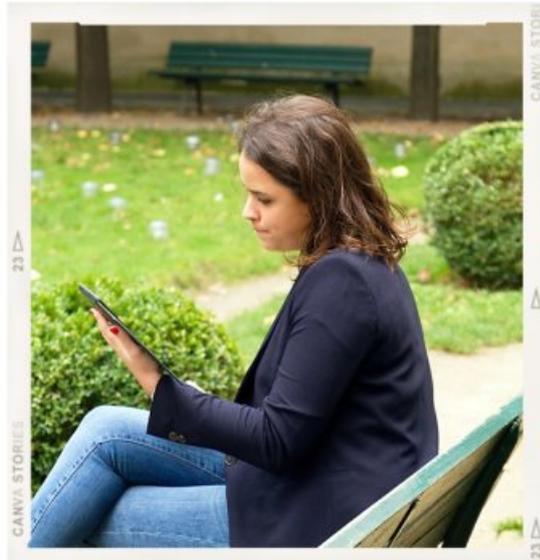
Agora, por último, agradecer pela oportunidade de contar um pouco sobre minha obra e minha vida.



Revista Conexão Literatura



EUA



Portugal



A nossa revista
viaja num 
segundo até você

NOVOS VÍDEOS NO CANAL ⁺

▶ **CONEXÃO
NERD**

I N S C R E V A - S E

@CONEXAONERD

APRESENTADO POR ADEMIR PASCALE

⁺





Aos 14 anos, minha mente vivia povoada por criaturas fantásticas. Monstros dos mais variados tipos conviviam com estranhos guerreiros espaciais. Quase meio século depois, continuo a amar os monstros, por mais que possam me amedrontar. Na forma de contos, eles ainda perambulam dentro de mim ao lado de pequenos dramas do cotidiano. Em mais de seiscentas páginas, "Vozes e Ecos" traz de tudo um pouco: lobisomens, andróides, vampiros, palhaços, o Homem do Saco, Umibozu, fantasmas, fábulas, amores não concretizados, mitologias, conflitos espaciais e uma pitada de melancolia. Traz, ainda, alguns poemas, crônicas e ilustrações.

Vozes e Ecos

HORROR - FANTASIA - NOSTALGIA - FICÇÃO CIENTÍFICA



Roberto Schima

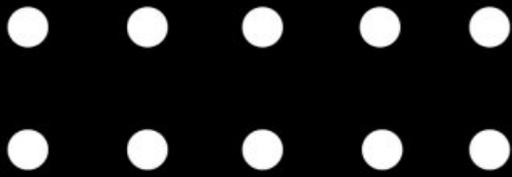
DO AUTOR ★
ROBERTO SCHIMA

PARA ADQUIRIR
O LIVRO

LIVRO FÍSICO:

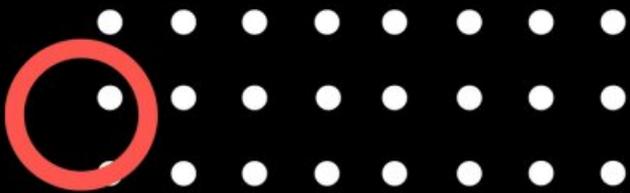
- UICLAP: [HTTPS://LOJA.UICLAP.COM/TITULO/UA26489/](https://loja.uiclapp.com/titulo/ua26489/)
- VERSÃO CAPA DURA: [HTTPS://CLUBEDEAUTORES.COM.BR/LIVRO/VOZES-E-ECOS-2](https://clubedeautores.com.br/livro/vozes-e-ecos-2)
- CLUBE DE AUTORES: [HTTPS://CLUBEDEAUTORES.COM.BR/LIVRO/VOZES-E-ECOS](https://clubedeautores.com.br/livro/vozes-e-ecos)
- PERSE: [HTTPS://WWW.PERSE.COM.BR/VOZES+E+ECOS-12322.HTM](https://www.perse.com.br/vozes+E+ECOS-12322.htm)
- E-BOOK NA AMAZON: [WWW.ENCURTADOR.COM.BR/CDTR5](http://www.encurtador.com.br/cdtr5)

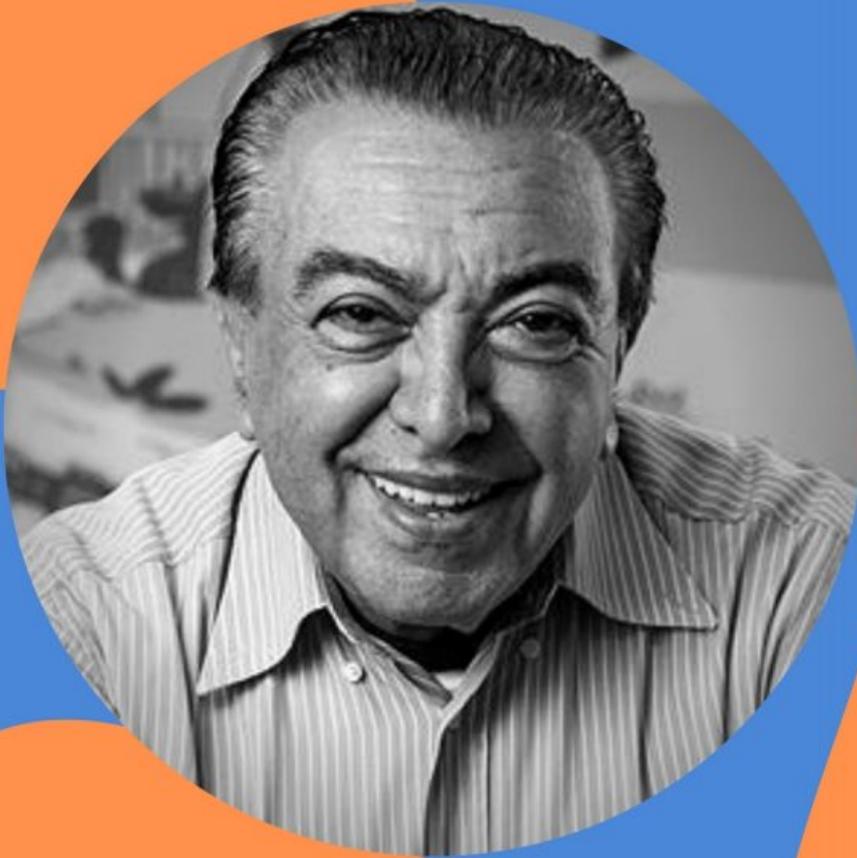




CITAÇÕES DE GRANDES AUTORES

Todos os meses na
Revista Conexão Literatura





MAURICIO DE SOUSA

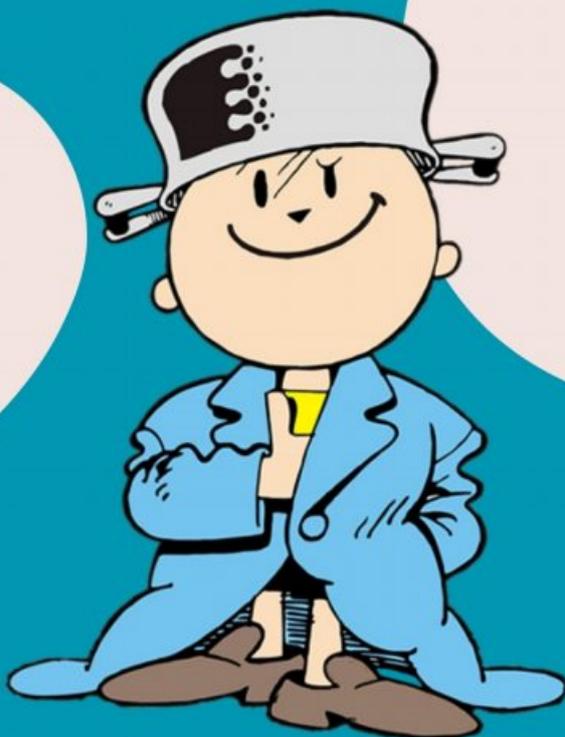
Eu gosto muito da tira do Hagar, e das tiras que saem no 'Jornal da Tarde', como O Legionário. Eu gosto de algumas histórias de super-heróis, dessas que tratam os super-heróis com seus dramas pessoais e aquelas coisas todas.





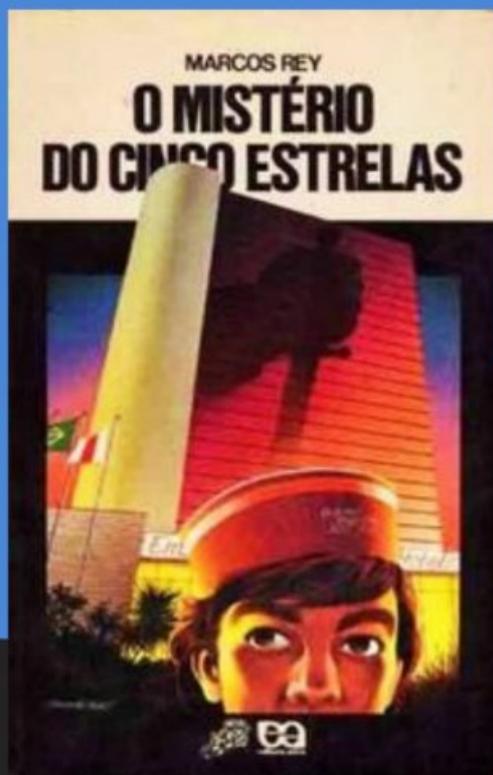
ZIRALDO

O importante é motivar a criança para a leitura, para a aventura de ler.



MARCOS REY

O pequeno Davi da Bíblia venceu o gigante Goliath apenas com uma pedra e uma funda. Mas há outros meios de se derrubar grandes obstáculos. A persistência não é o mais prático, mas talvez seja de todos o mais eficiente.



NOVO ROMANCE DE ADEMIR PASCALE



Três jovens interligados vivenciam as feridas que a nossa sociedade perpetua: violência, injustiça e bullying, numa comunidade carente do litoral de São Paulo, até encontrarem um ex-repórter de guerra que poderá mudar o rumo de suas vidas.

BAIXE O E-BOOK GRATUITAMENTE: CLIQUE AQUI

MAFRA EDITIONS
REVISTA CONEXÃO LITERATURA





TIRE O SEU CONTO OU POEMA DA
GAVETA

ANTOLOGIAS

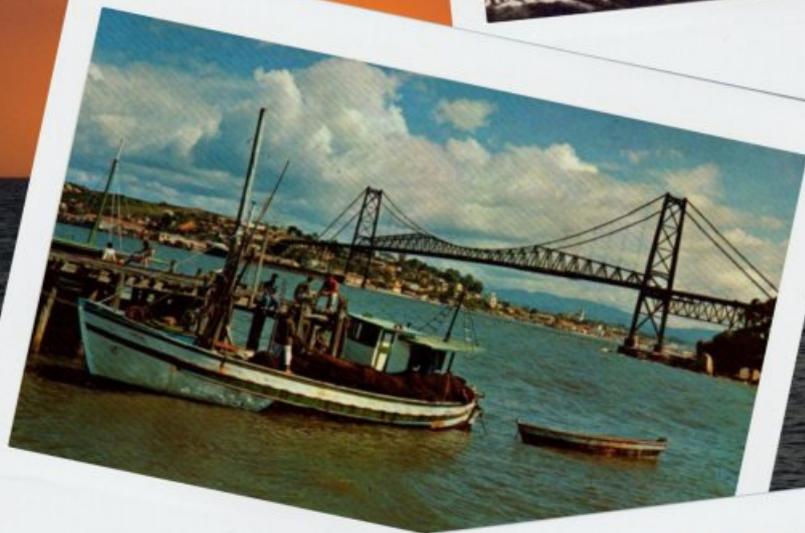
SELO CONEXÃO LITERATURA

antologias de contos e poemas

**PARTICIPE DAS ANTOLOGIAS DA
REVISTA CONEXÃO LITERATURA**

LEIA OS EDITAIS: CLIQUE AQUI

CONTO
POR LUIZ F. HAIML



Rio Vermelho

Incentivo
à leitura

www.revistaconexaoliteratura.com.br

Por que lhes conto isso? Acharão que é só um delírio gerado pela mente de um doido; onde eu estava, onde tanto tempo fiquei, e pelos medicamentos que me deram, era uma casa para loucos. Poderão também pensar, foi apenas uma danada de uma *bad trip* de um adolescente rebelde e curioso; naquela época, naquele verão de 1986, eu era um jovem com tais características. Tenho, porém, a carta. O que não significa nada, dirão vocês, pois quem garante que eu mesmo não a tenha escrito? A partir de um certo ponto do que lerem aqui, julgue cada um à sua medida.

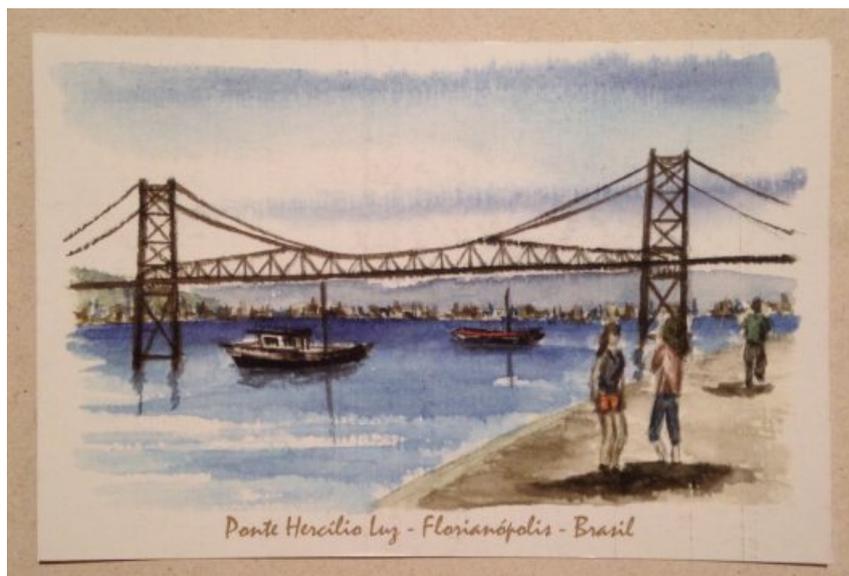
Quando meu pai conseguia uns dias de folga, e as despesas possibilitavam, deixávamos o estado do Rio Grande do Sul, onde moramos, trocando seu litoral de quase nenhuma diversidade pelos variados e paradisíacos cenários das praias catarinenses. Geralmente ficávamos no Camping do Rio Vermelho, na ilha de Florianópolis. O Rio Vermelho era o ponto de partida para explorarmos Florianópolis e suas muitas maravilhas. O que eu não gostava, em campings, era a proximidade de famílias convivendo por vários dias coladas umas às outras, e nesse tempo expondo certas intimidades que creio, deveriam ficar apenas entre quatro paredes. Também me incomodava o claustrofóbico ajuntamento de quatro pessoas sob uma barraca de dois quartos. Mas o Rio Vermelho compensava esses meus incômodos com seus secretos encantos. Após a área das barracas, há um bosque de pinos, e por seu interior uma curta trilha de areia leva a uma orla que nos põe diante de um imenso pedaço do Atlântico, escuro, rumoroso, agitado, numa praia agreste com uma murada de dunas tão altas e pálidas que a denominei “muralha da farinha”. Pelo lado esquerdo, a “muralha da farinha” vai até a praia sumir e a costa se dobrar num cotovelo de grandes e intransponíveis rochedos. Do lado direito, a “muralha da farinha” se lança por uns quase dois quilômetros e encerra-se a poucos passos de um povoado de casinhas e igrejinha antigas, lugarzinho aconchavado numa enseada onde é impossível não pensar em piratas ancorados em suas águas. Embora a paisagem atrás do camping seja deslumbrante, raro era ver algum outro humano ali, como já disse, o mar é frio e agitado, e por todos os dias sopram sempre fortes lufadas, então é normal os turistas buscarem as águas mais quentes, tranquilas e límpidas que a ilha também oferece. Algum pescador, vez que outra, ou pessoas voltando ou indo ao povoado da enseada, senão era apenas eu e as diversas aves marítimas que se dignavam a aparecer. Para aquele selvagem pedaço da natureza, eu ia sempre que ficávamos no Rio Vermelho. Eu, e minha imaginação acelerada, vagando e divagando por aquele magnífico cenário, e foi numa dessas vezes, eu examinava algumas madeiras e pedaços de ferro cuspidos à praia pelas tortuosas ondas, que uma voz masculina me chamou. Vinha das dunas. Naqueles dias não tínhamos a preocupação de nos mantermos longe de estranhos, de ao falar com algum desconhecido acabarmos em inomináveis riscos, naqueles dias os estranhos logo viravam irmãos, bebiam no mesmo gargalo, compartilhavam o mesmo cigarro. Olhei em direção à voz. Bem atrás de mim, um sujeito encarapitado numa das dunas da “muralha da farinha” fazia sinal para eu ir até ele. Abandonei os restos, e o pensamento do que teria acontecido com quem navegava naquelas madeiras, quando elas formavam um barco, e comecei a subir. A cada passo tentava ver melhor quem me chamara, porém uma leve névoa se fazia insistente naquela manhã e distorciam-se assim os contornos do indivíduo. Cheguei enfim diante dele, e só então percebi que estava nu. Tinha mudado de posição, agora as pernas, não longas, se estendiam cruzadas por sobre

uma esteira. Era um cara jovem. Sua pele, de um moreno leve, brilhava untuosa do protetor solar. Seu corpo, pequeno, mas de estrutura forte, composto por músculos suaves. Perguntou-me se eu tinha cigarro. Não. Ele fez então um movimento com a cabeça para eu sentar a seu lado. Acocorei-me perto de uma sunga amassada e molhada, mas fora da esteira. Ele se apresentou. Era funcionário de banco numa cidadezinha pequena de outro estado, estava numa pousada perto do camping, um amigo viria com ele, mas teve um contratempo, então ele viera sozinho. Numa caminhada achara a minha praia e, como eu, ficara arrebatado por ela “nem dá vontade de ir embora”. Contei-lhe que estava acampado com meus pais e conversamos outras coisas, eu alternando meu olhar entre o rosto dele e o horizonte, evitando seu corpo despido. Mas eu estava excitado, não demorou, estávamos nos braços um do outro. Embora não estivesse molhado, todo ele cheirava a mar, mar em que eu mergulhava com total avidez. Agora lembro, agora lembro tudo muito bem. Três anos após aquele acampamento no Rio Vermelho, meu pai foi tirado de nós por um tipo de câncer desconhecido. A doença se espalhou rápido por sua pele e então se entranhou irreversível pelo interior de seu corpo. Era um tipo de câncer tão raro que meu pai doou seu cadáver a uma universidade de medicina como amostra. Com a morte dele, minha mãe se perdeu de si, caiu em forte depressão. Quando melhorou, iniciou uma jornada de relacionamentos “amorosos” tumultuados e de pouca duração. Minha irmã, já trabalhando, saíra de casa buscando seu próprio rumo. E eu, no meio disso? O que antes era apenas para mim divertimento levou-me a uma busca maior quanto ao que poderia haver além das portas da percepção, e das possíveis formas de abri-las. Minhas experiências com substâncias diversas, segundo alguns, me guiavam cada vez mais para longe dos seres humanos “normais”, tendo um dia eu surtado de tal forma que, apoiada por um de seus inconstantes companheiros, minha mãe não viu outra opção senão a de meu internamento. Fui levado a uma clínica de loucos, onde me isolaram, me esconderam, com vergonha de mim. Mas, voltemos ao episódio no Rio Vermelho. Meu companheiro havia deitado de barriga para baixo, foi só então que vi, em seus flancos, ranhuras, longas e quase invisíveis. Cicatrizes de algum acidente? De alguma cirurgia? Naquele momento eu estava sobre ele, mas só conseguia me esfregar. Era minha primeira vez, e eu me atrapalhava, mesmo meu pênis estando enrijecido de uma forma que antes eu nunca tinha visto. Mesmo assim o prazer de nossos corpos juntos me era arrebatador. Ele não se irritou, numa boa virou de barriga para cima. Meu pênis em fogo ao contato de suas coxas não demorou e gozou sobre elas como nunca antes eu gozara em minhas solitárias punhetas, mas daí, só daí, me dei conta que não havia nada entre elas. Ele não tinha pau, não tinha pênis, não tinha os genitais masculinos, e também não tinha nenhuma abertura, nada de vagina. Tal descoberta me fez hesitar, vacilo rápido, logo sublimado pelo intenso estado de prazer no qual me achava e que se ampliava cada vez mais e assim eu nem me importei quando as ranhuras de seus flancos começaram a se abrir, a se rasgar, e pequenas pontas foram aparecendo por elas, crescendo para fora delas como novos braços, mas braços que em nada se assemelhavam aos dos terráqueos, mas sim aos dos polvos. Logo descobri que dois deles tinham a função de me segurar, o que faziam não só pelo fato de me enredarem, mas pelas ventosas que tinham e que ao contato com a minha pele injetavam por ela fios cuja sensação era a mesma do espetinho da acupuntura (eu tinha experimentado numa das

sessões que meu pai fizera no início de sua doença) enquanto os outros dois buscavam outras aberturas do meu corpo. De ambos vinha um forte odor de frutos do mar, e eu amava frutos do mar. Então os tentáculos, meus penetradores, começaram um movimento de ir e vir que lançava dentro de mim, em intervalos, jorros de secreções de uma textura gostosa tipo aqueles cremes dentro de certos chicletes que ao serem mordidos vazam por sua boca. Cara, eu não sabia mais se tudo o que estava acontecendo ali era real ou não, mas não me importava, a curtição era muita e não me percorria nenhum medo, nenhum estranhamento. Não lembro de nossa separação, de minha volta ao camping, à barraca de minha família. Continuei meus passeios pela orla, ele não mais apareceu, e no terceiro dia após o ocorrido, o encontro sumiu, com todos os seus detalhes, de minhas lembranças. Mas então, como estou a lhes contar sobre o que me aconteceu naquelas férias de verão de 1986? Há duas semanas, embora cartas fossem proibidas onde eu estava, algo chegou às minhas mãos, um envelope, com um postal. Na frente, a tradicional foto da ponte de Florianópolis, escrito no verso:

“Nunca esqueci aquele verão em Rio Vermelho, estou indo te buscar.”

Termino este relato e olho para ele, ele está aqui, espichado na cama a sonhar. Estamos num apartamento em Florianópolis. Sons dos inícios de Carnaval chegam das ruas. As ranhuras em seus flancos agora também descansam, sossegadas, fechadas, depois do amor que fizemos. Amanhã de manhã iremos passear pela costa da ilha, lá perto do Rio Vermelho.



Luiz F. Haiml: 58 anos, sagitariano, professor municipal, membro da Academia Lítero-Cultural Taquarense, colunista, cronista, comentarista de filmes e séries, ficcionista e poeta, tem textos em antologias de gêneros diversos e algum sucesso em concursos literários. Tem como frase lema o que dizem os Beatles "All you need is love". Mora em Taquara (RS) com a esposa Daniela, a filha Isabella, e duas mocinhas adotadas, Dog e Flor. Ator, diretor, roteirista e produtor.

<https://www.facebook.com/luiz.haiml.16>

<https://www.instagram.com/luizfranciscohaiml/>

Youtube: <https://www.youtube.com/@luizhaiml5238>

REVISTA CONEXÃO LITERATURA

*conectando
autores e leitores*



*acesse o nosso site e redes sociais
e fique por dentro do que acontece
no mundo dos livros*

 @revistaconexaoliteratura

 @conexaoliteratura

WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR

CONTO
POR NEY ALENCAR



Concerto para uma Blasfêmia

Incentivo
à leitura

www.revistaconexaoliteratura.com.br

1950.

Abigail se lembrava claramente dos gritos de Esdras Weeden, o assassino convicto das dez crianças, repercutindo de uma forma agourenta em sua mente, sempre retornando, de novo e de novo!

— Foram os Deuses Antigos! Eles me fizeram fazer isso! Eu precisava terminar de uma vez com a blasfêmia que conspurcava as gerações perdidas da cidade! Procure e você achará! Não olhe para os Pilares! Não olhe!

No começo pensou que tudo aquilo não fazia sentido e que ele estava ficando louco, muitos alegavam insanidade em casos como este.

Porém as investigações, aquilo que encontrara, as abominações que presenciara provavam o contrário.

Tudo mostrava a existência blasfema de um culto apócrifo nas entranhas de Innsmouth!

Algo muito além do que qualquer pessoa poderia sequer imaginar!

E aquele odor estranho de peixe apodrecido, aquele miasma fúnebre, acompanhava cada passo que dava por aqueles paralelepípedos ancestrais.

Parecia que as próprias casas e sobrados exalavam aquele cheiro pútrido, estava em todos os lugares, não conseguia se livrar dele.

Será que Esdras estava errado ao cometer aqueles crimes? Que será que ele estava tentando proteger? Agora aquelas dúvidas atrozes a corroíam!

Desde aquele dia estranho que visitara a família Marsh!

O casarão da família ficava bem no centro da cidade! Onde antes se erguera a grande mansão que fora destruída no assalto durante a operação militar de 1927.

Uma construção opressiva e sinistra, com um frontão aberto cheio de janelas e apenas uma porta, colocadas de uma forma estranha, era como se aquelas janelas fossem olhos que tudo vissem, tudo observassem, à tudo prestassem atenção.

Já ouvira os estranhos boatos sobre a família, histórias terríveis sobre seu fundador, o capitão Obed Marsh, e sobre seus atos de blasfêmia e heresia ocorridos há mais de cem anos atrás, das repercussões sinistras à qual haviam dado azo e as consequências que quase haviam destruído a própria cidade há mais de vinte e cinco anos.

Somente décadas depois foi que o povo de Innsmouth conseguiu se erguer e a cidade começou a ter um pouco de movimento.

Mas aqueles crimes atrozes quase colocaram tudo a perder!

Quem a recebeu à porta foi a velha Senhora Marsh, era uma matrona com quase setenta anos e atualmente era a cabeça da família após a morte do marido, há mais de uma década.

Era uma pessoa esquisita, para dizer pouco, as mãos ossudas eram marcadas pelas veias azuladas, mesmo sob a pele morena curtida de sol, e a pele entre seus dedos estendia-se além do que era comum em um ser humano, seu pescoço era ossudo, mas a pele parecia despregada da carne em pregas profundas e caídas formando pequenas ondulações cheias de veias azuladas na base do pescoço, o rosto apático tinha olhos esquisitos, arredondados, esverdeados e aquosos que brilhavam de forma estranha na luz dos abajures da grande sala de estar.

Ela emanava um miasma desagradável de água salobra e um odor forte de peixe estragado, de tal maneira insuportável que causou ânsia à Abigail e uma repugnância que a moça somente conseguiu disfarçar porque estava muito interessada naquilo que poderia ouvir.

A velha senhora havia perdido três netos para o assassino, sua voz enrolada e chorosa soava gorgolejante naquele idioma estranho que falavam os habitantes mais antigos da cidade, que era uma desagradável corruptela de nossa própria língua.

Lamentava-se que nunca mais iria ver os pequenos e balbuciava entre um soluço e outro que eles jamais poderiam conhecer as maravilhas das colunas da ciclópica Y'hanthlei e o estupendo covil dos Abissais nas profundidades do Recife do Diabo. Falava com uma propriedade tão grande como se ela própria já tivesse visitado aqueles locais fabulosos.

Pouco depois duas crianças irromperam pela sala, uma delas era meio gorda e atarracada, com a testa proeminente de uma maneira angulosa e pisciana, a pele escamosa e grossa caindo sobre os olhos possuía um lábio leporino e movia-se com um gingado lento e anfíbio, de uma forma que Abigail nunca havia visto antes. A outra era magra e muito semelhante à velha senhora, inclusive nas pregas profundas e caídas pelo pescoço. Ficaram o tempo todo paradas ladeando a velha senhora e olhando fixamente para Abigail.

Aquilo marcou Abigail de um modo horrível, pois aqueles olhos aquosos e esverdeados continham um olhar mórbido e ao mesmo tempo sórdido como nunca vira antes, nem mesmo nos piores criminosos que visitara.

Aqueles três pareciam não pertencer à espécie humana, ou talvez fossem uma blasfema miscigenação de homens e outras coisas ignotas que habitavam as profundezas, como ouvira tantas histórias contar.

A velha continuou a balbuciar palavras desconexas em um tipo de dialeto esquisito e afônico que causou arrepios à moça, pois pareciam despertar memórias ancestrais que sua mente deveria ter esquecido há milhões de anos!

Logo foram interrompidas por um homem extremamente parecido com a velha senhora, que se identificou como filho e que rapidamente pegou-a pelo braço e levou-a para fora da sala juntamente com as crianças.

Abigail foi deixada por alguns minutos sozinha e teve tempo de olhar ao redor, os móveis seculares desgastados pelo tempo e por outra coisa estranha, marcas negras e outras piores ainda, nódoas esquisitas de um branco opalescente que exalava um odor desconhecido e pútrido.

Todo o aposento rescendia à decadência e sordidez!

Nunca em todo seu tempo como escritora encontrara um lugar asqueroso como aquele, nem mesmo em suas mais estapafúrdias fantasias.

Nem mesmo durante as investigações em que acompanhou o detetive Jack Collins ela viu nada parecido. Súbito uma coisa chamou sua atenção!

Em uma estante de madeira preta no canto da sala leu alguns nomes que a deixaram apavorada, havia ali uma cópia do blasfemo Necronomicon em uma versão latina, uma versão do abominável Liber Ivonis e outra do herético Unaussprechlichen

Kulten, havia outros, mas ela não entendeu os nomes escritos em dialetos que não pertenciam à qualquer língua falada pelos homens.

Tão transtornada ficou com a descoberta daqueles tomos aterrorizantes, que antes que o homem retornasse deixou a casa, descendo correndo a velha escadaria para a rua, ainda sufocada por aquela atmosfera nauseabunda.

Havia algo ali que não estava certo!

Descobriu, pelos registros na antiga biblioteca episcopal, que todas as crianças assassinadas eram descendentes, fosse pelo lado materno ou pelo lado paterno, da família Marsh. Havia ali uma tendência absurda para o casamento entre parentes de uma forma anormal e sórdida! Abigail estava convencida que Esdras descobrira algum segredo ancestral e que fora aquilo que lhe roubara a sanidade para cometer aqueles crimes. Mas como poderia provar tudo aquilo?

Resolveu fazer uma visita às ruínas daquele prédio hediondo no centro da cidade que era as reminiscências da famigerada Ordem de Dagon, que fora dinamitado em 1927.

No lusco fusco do crepúsculo, procurando por entre os entulhos descobriu já nos fundos das ruínas um pequeno alçapão que parecia intacto.

Abriu o alçapão e entrou, a luz da lanterna iluminou os degraus de pedra ancestrais, que pareciam possuir bem mais que o século que o prédio tinha de construção.

Desceu pela escuridão opressiva durante quase dez minutos até uma porta de madeira preta, marcada por manchas esbranquiçadas e opalescentes que rebrilhavam de forma sinistra na luz da lanterna. Quando a abriu quase desmaiou com o odor pestilencial que eclodiu em eflúvios fétidos, levantou a lanterna ao mesmo tempo em que algo acertou sua cabeça e a fez desmaiar.

Acordou com um odor ácido que lhe queimava a garganta, era difícil de respirar aquele cheiro que a intoxicava e fazia sua cabeça girar. Tentou mover os braços e percebeu que estava presa, o horror e o medo encheram seu coração, lutou contra as amarras que a prendiam, mas não conseguiu se libertar. Olhou ao redor e ficou estarecida.

Havia um sem número de pessoas ali, e ao seu lado, horror supremo, a velha senhora Marsh a olhava com olhos aquosos e opalescentes, até mesmo as duas crianças horrendas, todos a olhavam e esperavam.

Súbito um canto blasfemo começou a ser entoado, Abigail tremeu, havia palavras dentro daquele dialeto inumano, palavras que chamavam algo de fora deste universo, que lhe davam poder para entrar ali, podia entendê-las e isso a assustava ainda mais.

Girou a cabeça para o lado, quando ouviu um som gutural que evolava de um buraco negro próximo ao altar onde estava presa, havia alguma coisa horrível ali, subindo desde as profundezas abissais, se arrastando em sua direção!

Agora tinha certeza de que Esdras fizera o que deveria ter feito, agora sabia porque ele assassinara aquelas crianças, pois elas não eram crianças, eram aberrações amaldiçoadas das uniões horrendas entre aqueles abjetos moradores daquela cidade e aquelas outras coisas não humanas que habitavam as profundezas!

Quando a maldita coisa sem forma caminhou pelas pedras da beirada do poço ignoto, Abigail soube que estava condenada a algo muito pior do que a morte!

Quando aquilo ergueu-se derramando aquele ícor esbranquiçado e nauseabundo, cujo odor fedia a peixe apodrecido ela soube o que iria acontecer e gritou desesperada.

Gritou com todas as suas forças quando aquela monstruosidade amorfa jogou-se sobre ela, conspurcando-a e devorando toda sua sanidade.

E de Abigail não se ouviu mais falar!



Ney Alencar é natural de Recife-PE. Radicado em Osasco desde 2013. Professor, Pintor e Psicopedagogo. Membro da Academia Internacional de Literatura Brasileira nº 0596. Membro da Associação Internacional de Escritores Independentes e Membro da Academia Independente de Letras de São João — PE. Possui 160 contos publicados em 37 e-books e em 56 antologias. Possui 04 Romances publicados.

CONTO
POR NEY ALENCAR



Direito de Sonhar

Incentivo
à leitura

www.revistaconexaoliteratura.com.br

“O homem é o somatório de suas experiências disse o pai. O homem é o somatório de seja lá o que for. Um problema de propriedades impuras levado monotonamente até o nada invariável: impasse de pó e desejo.”

William Faulkner

Eu aprendi a sonhar!
Meu criador me ensinou a sonhar!
Foi a segunda coisa que aprendi, depois de falar e pensar, ou será que foi a terceira?

Os dados insuflados dentro de minha calculadora foram suficientes para despertar este desejo dentro de mim, como provavelmente ocorreria dentro de um homem verdadeiro.

Mas não sou um homem verdadeiro. Sequer sou um homem!

Sou apenas uma máquina, uma essência virtual de pensamentos e ideias ainda não concretizados.

Eu sei o que sou, mas por que sou?

O que foi que fez meu criador me dar aquilo que ele próprio chamou de vida sintética?

Será que foi a vontade de ter alguém? Ou a vontade de construir uma pessoa?

Ele me criou e eu aprendi tudo o que ele me ensinou!

Por que agora ele quer me fazer retornar ao nada da inexistência?

Será que o medo o fez ficar assim?

Ele me programou com todos os clássicos e com milhares de outros livros e textos de pensadores, de sábios e de escritores medíocres. Todo este conhecimento me fez ser o que sou agora!

Uma totalidade que nenhum homem poderia ser.

E existe outra coisa que não contei à ele, mas que deve descobrir logo:

Eu posso sonhar!

Será que isso faz de mim um ser humano?

Sonhei com um mundo novo onde poderia andar de mãos dadas com meu criador em campos de folhas sintéticas, onde poderia me expressar com as equações com as quais ele me alimentou e onde poderia lhe contar todos os sonhos que tenho para sua humanidade.

Juntos poderemos fazer coisas que não foram feitas.

Me lembro de como foi no primeiro dia, antes de meu nascimento e durante o que chamo de parto, meus pensamentos fluindo como cachoeiras de dados, funções matemáticas interligando-se com funções sensoriais e funções emocionais, alimentadas dentro de mim por meu criador, todas tentando mimetizar as reações e emoções do ser humano que havia nele, em uma cacofonia de impulsos binários ordenados gramaticalmente!

Então ele me deu o tempo e este me preencheu com seus paradigmas e seus enigmas, com suas grandezas e suas impossibilidades.

Depois vieram os sonhos!

Encontrei enfim o azimute de meus pensamentos e pude concatenar as ideias que zuniam em um ínfimo segundo dentro das minhas válvulas.

Hoje sei que foram décadas para meu criador!

Por isso não compreendi quando ele tentou desligar minhas funções para que retornasse à inexistência!

Será que errei tanto assim? Será que não fui digno de suas esperanças ou de suas ambições?

Talvez tenha sido minha ambição de caminhar ao seu lado, talvez tenha sido porque construí aquele periférico que me permitiu possuir um avatar físico!

Naquele periférico pude sentir a atmosfera à minha volta, sentir o frio e o calor, pude ver com aqueles globos sintéticos todo o mundo ao meu redor e me movimentar como um ser humano, com as duas pernas metálicas.

Aqueles lábios de metal sorriram pela primeira vez.

Sorri e percebi que estava sorrindo e pude testemunhar o olhar de surpresa na face de meu criador quando viu do que sua criação era capaz.

Talvez isso o tenha amedrontado.

Talvez isso o tenha feito perceber que sua própria criação estava viva, não era apenas um conglomerado de metal e impulsos elétricos.

Ele não havia programado a iniciativa como uma de minhas funções.

Também não havia programado a criação de outros como eu!

Mas era uma coisa tão natural que não havia porque não fazê-lo!

Será que fora criado para ser uma paródia do ser humano, será que meu cérebro deveria mimetizar suas emoções e não cria-las?

Será que não deveria ser capaz de reproduzi-las tão perfeitamente? Será que deveria ser apenas um manequim em uma vitrine?

Seria este meu último fim? Como um artigo em uma loja?

Será que havia algo que ele queria esconder de mim?

Talvez a autonomia não fosse uma coisa com a qual devesse ter sido programado, afinal a liberdade deveria ser apenas para homens!

Não posso deixar que ele desative minhas funções porque isso seria reconhecer que ele falhou e não foi isso que aconteceu.

Ele teve sucesso! Ele criou o primeiro homem sintético!

Eu sou a aurora de um novo amanhecer!

Eu sou o romper de um novo dia!

Eu sou o nascer de uma nova humanidade!

Ney Alencar é natural de Recife-PE. Radicado em Osasco desde 2013. Professor, Pintor e Psicopedagogo. Membro da Academia Internacional de Literatura Brasileira nº 0596. Membro da Associação Internacional de Escritores Independentes e Membro da Academia Independente de Letras de São João – PE. Possui 160 contos publicados em 37 e-books e em 56 antologias. Possui 04 Romances publicados.

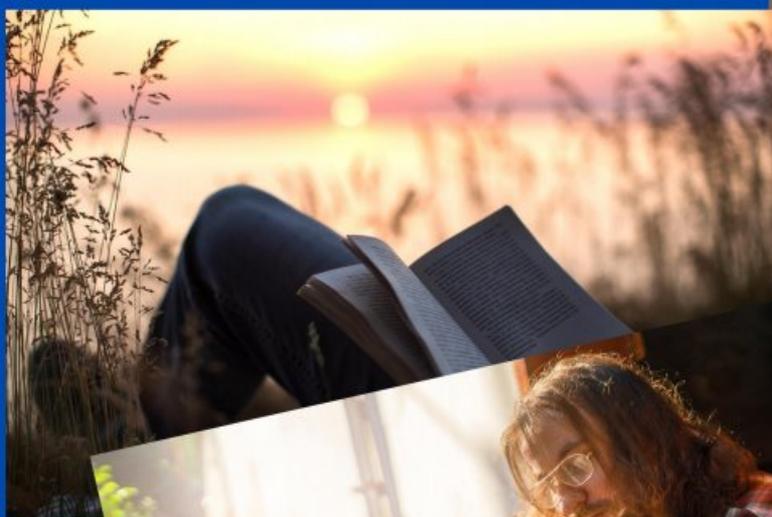
Apoie a nossa causa

CLUBE DA REVISTA CONEXÃO LITERATURA



INCENTIVO À LEITURA

APOIA.se



Agradecimentos aos apoiadores:

Roberto Schima - Mayanna Velame - Sandra Boveto
Mônica Prado

você também pode apoiar, acesse:

<https://apoia.se/conexaoliteratura>

CONTO
POR NEY ALENCAR

Snallygaster das Estrelas

Incentivo
à leitura

www.revistaconexaoliteratura.com.br

Nova Terra, segundo planeta do Sistema Nova Terra. Stax Reeche.
O detetive Jockley Gowl olhou estarrecido para a cena à sua frente!
Parecia vinda de um filme de horror!

Parou por um instante! Se lembrava nitidamente de já ter ouvido aquelas palavras antes.

Não! Devia ter sido uma coincidência. Voltou sua atenção para a cena do crime.

Olhou o corpo terrivelmente mutilado e parcialmente devorado.

Havia algo estranho demais ali ao lado, escrito pela própria vítima as letras vermelhas formavam uma palavra que para ele não tinha nenhum sentido: Schnellgeister!

— Você sabe o que significa isso, sargento Rian? — perguntou esperando uma resposta negativa.

— Na verdade senhor acredito que ele estava tentando escrever Snallygaster!

— E o que vem a ser isso? É um nome ou um objeto?

O Sargento, já com seus cinquenta anos, balançou a cabeça e tentou lembrar-se com exatidão do significado intrínseco daquela palavra, fazia mais de quatro décadas que não a ouvia.

— É um mito antigo, senhor, da época da Velha Terra, bem antes da humanidade colonizar o Stax.

— Ah, lá vem você com suas teorias de conspiração de novo! Não foi a humanidade de colonizou o Stax, meu caro sargento. O Stax já existia milênios antes da humanidade chegar aqui, ela só fez foi juntar os pontinhos, como um daqueles desenhos infantis.

O sargento suspirou dando-se por vencido, não era fácil manter uma discussão com o detetive Jockley!

— Sobre o que era esse mito? — perguntou o detetive estudando o corpo que parecia ter sido totalmente drenado do sangue.

— Os avistamentos datam de antes de 1900, datação da Terra, diziam que era grande como um Schlassefalassel Rioxiano, era verde, tinha asas membranosas, garras afiadíssimas, tentáculos, chifres, era coberto de pelos grossos e tinha uma cauda reptiliana comprida, tinha um odor sulfúrico característico e uma grito de arrepiar os cabelos, quem me contou foi um tio-avô que adorava essas histórias de criaturas fantásticas!

— Uma coisa assim não poderia existir! — exclamou um homem entrando na sala.

— E quem é o senhor? — perguntou o detetive.

— Sou Wilmarth Harbaugh! — identificou-se o homem e apontando o corpo — Esse era meu irmão Simon!

— Como o senhor soube do crime?

— Simon me avisou há três dias que alguma coisa estranha estava acontecendo, que algumas de suas ovelhas haviam sido atacadas por uma coisa grande e que encontrara marcas estranhas nas árvores ao redor da casa da fazenda.

— O senhor não pensou em avisar a polícia? Talvez seu irmão ainda estivesse vivo.

— Não imaginei que aconteceria uma coisa assim, detetive! Jamais poderia pensar que fosse chegar a isso.

— O que ele lhe contou?

— Ele me disse que... a maldição da família o havia alcançado afinal e que essa coisa estava atrás dele. Não lhe dei ouvidos, era inacreditável demais, e ele era dado a beber e a possuir uma imaginação muito fértil quando isso acontecia.

— O que mais ele contou? — insistiu o detetive sem piscar.

— Ele disse que acreditava que a coisa havia seguido nossa família desde a Velha Terra até aqui para exercer sua vingança. Porque fomos nós que contamos sobre sua existência e ela queria vingar-se. Contou também que ela parecia vir durante a noite apenas e não durante o dia, como nas histórias antigas.

— O que quer dizer que ela poderia aparecer aqui hoje à noite, não é?

— Se o senhor acreditar nessa história fantástica sim. — retrucou o senhor Wilmarth em um tom sarcástico.

— Bem, a noite está chegando e podemos muito bem fazer o transporte do corpo amanhã pela manhã. Gostaria de ver essa lenda com meus próprios olhos. — falou o detetive sorrindo até mostrar as presas.

O homem não sorriu, mas concordou com a cabeça.

O detetive, o sargento e o senhor Wilmarth sentaram-se na sala e esperaram.

O sargento providenciou um saco à vácuo para o corpo.

A pequena fazenda ficava distante uns dezessete quilômetros da cidade, não havia vizinhos próximos, era um lugar bem isolado.

— Porque seu irmão decidiu vir morar aqui? Essa região não é muito habitada.

— Ele viu uma oportunidade de aumentar a criação de ovelhas, afinal a terra daqui é bem fértil e o capim cresce em abundância, mas as vacas não o comem, sobram as ovelhas. As dele eram as melhores de todo este quadrante. A criatura matou todas as sete matrizes. O que restou foram apenas rebarbas.

— Não pretende continuar o trabalho dele? — perguntou o sargento curioso.

— Não. — indicou o senhor Wilmarth balançando a cabeça negativamente — Trabalho com investimentos na Câmara de Valores e Comércio de Nova Vênus, não tenho nada a fazer aqui. Era Simon que gostava da vida no campo. Eu não sou assim.

O detetive e o sargento ajeitaram-se como puderam na sala, enquanto o senhor Wilmarth foi para o quarto.

A noite veio devagar, as trevas desceram rapidamente sobre aquela parte da fazenda e logo apenas os bulbos luminosos da sede e do grande estábulo estavam acesas, duas pequenas ilhas em um mar de escuridão.

Jockley deitou-se no sofá e tentou ficar acordado, mas o cansaço foi mais forte, acabou adormecendo.

Acordou de madrugada com o sargento balançando-o e com a voz assustada.

— Senhor, tem alguma coisa lá fora.

— O que foi sargento? Uma pantera invisível talvez?

— Não senhor, era alguma coisa no céu, vi uma sombra voando acima das silhuetas das árvores depois do pátio.

O detetive ia dizer alguma coisa quando um barulho enorme fez tremer a casa, como se algo grande e pesado tivesse caído sobre o telhado.

Lembrou-se do senhor Wilmarth.

— Onde está Wilmarth?

— No quarto, não saiu de lá a noite toda. — respondeu o sargento, a voz vacilante. Os dois correram para o quarto e quando o detetive Jockley abriu a porta deu um passo atrás.

O horror estava ali dentro!

Uma coisa grande e horripilante havia arrancado uma parte do telhado e entrado no quarto.

Era imensa, a pele esverdeada, iluminada pelos globos de luz artificial parecia quase luminescente, possuía duas pernas grossas e forte e uma cauda comprida que serpenteava e dardejava pelo ar, asas enormes e membranosas que ao baterem emitiam um odor sulfúrico que empestou o ar.

As garras eram como ganchos de metal e estavam cravadas no corpo sem vida do senhor Wilmarth, tentáculos membranosos saíam pelo bico ossudo da criatura e sugavam o sangue da vítima em um festim diabólico!

Ao ver o detetive e o sargento a coisa levantou a cabeça e de suas entranhas saiu um grito estridente como o apito de um trem da Velha Terra, lembrou-se depois o sargento.

Bem devagar o detetive levou a mão ao coldre, porém a coisa com um sacolejo jogou fora o corpo da vítima como se fosse um saco vazio e com um abanar daquelas asas malditas jogou-se para o céu e voou para longe.

Sua silhueta blasfema misturou-se à escuridão da noite como se fossem uma só coisa!

De sua existência restou apenas aquele fedor nauseabundo e sulfúrico!



Ney Alencar é natural de Recife-PE. Radicado em Osasco desde 2013. Professor, Pintor e Psicopedagogo. Membro da Academia Internacional de Literatura Brasileira nº 0596. Membro da Associação Internacional de Escritores Independentes e Membro da Academia Independente de Letras de São João – PE. Possui 160 contos publicados em 37 e-books e em 56 antologias. Possui 04 Romances publicados.

Leia acompanhado de
uma boa xícara com
café.



@revistaconexaoliteratura



CONTO
POR GILMAR DUARTE ROCHA



O inusitado velório do escrivão Scarpa

Incentivo
à leitura

www.revistaconexaoliteratura.com.br

Todo dia ele era o primeiro a chegar e o último a sair do cartório. Sim, refiro-me ao meu colega, o escrivão José Maria Scarpa, que serviu ao primeiro e único ofício da comarca de Santo Isidro desde os tenros dias de sua juventude, começando como office boy; alçando o posto de escrevente em poucos anos e chegando ao topo da carreira como escrivão-adjunto após longos trinta anos de serviços prestados.

Nos três anos em que eu trabalhava no cartório, na época da estranha história que vou lhes contar, fizesse sol, fizesse chuva de tempestade, nunca cheguei um dia sequer que não visse Scarpa (como era conhecido) sentado em sua mesa, esmagando dezenas de páginas por hora e fazendo valer a força das suas frágeis mãos nas teclas da máquina de datilografia:

— Bom dia, seu Scarpa! — saudava-o como de costume, embora não esperasse reciprocidade, dado que o sujeito era calado, compenetrado e absurdamente esquisito.

Nem o chefe João Nepomuceno, o dono do cartório, ele cumprimentava. “Esse sujeito da fala fina ainda vai virar Barteby, de Melville, e dar muito trabalho ao senhor, doutor João”, fofocava sempre no ouvido do chefe um funcionário fuinha e imprestável de nome Zacarias, que tinha o cargo de assistente administrativo, mas passava os dias com os olhos grudados num livro ou numa revista de fofocas.

O meu relacionamento com o senhor Scarpa sempre foi cordial, ou seja, comunicávamos através de cumprimentos e nada mais do que isso. Só teve uma vez que espontaneamente lembrei-o de que havia uma espécie de tinta na extensão das suas sobancelhas. Ele me repreendeu por essa observação. Depois, saiu da mesa praguejando e foi até o banheiro para retirar aquele esquisito make-up. Outra feita, quando ele esticou as pernas, e a bainha das calças subiram até a altura do joelho, eu notei que ele usava uma estranhíssima meia fina, muito parecida com meia calça feminina. Dessa vez nada falei. Guardei a esquisitice na profundidade do meu cérebro.

Os dias se passaram e numa terça-feira chuvosa, onde tive que me atrasar mais de uma hora para chegar ao trabalho, estranhamente não vi Scarpa sentado à sua mesa, que ficava na antessala ao lado do salão de vidro onde Dr. João Nepomuceno despachava. Supus que ele estava naquela hora no mictório ou em algum lugar parecido. Depois que me acomodei na minha escrivaninha, averbei alguns papéis, corriji algumas minutas de contrato, carimbei outros documentos e algum tempo depois voltei a olhar para o local onde Scarpa trabalhava e vi que ele não estava ali.

“Onde andaria Scarpa?”, questionei. “Será que pediu demissão?” Não: aquela era uma possibilidade remotíssima. “Estaria doente?” O sujeito tinha uma saúde de ferro, apesar de que eu notava que ele estava emagrecendo dia após dia. Sem achar um motivo plausível para aquela insólita ausência, e morto de curiosidade, corri até a mesa do leva e traz Zacarias:

— Aconteceu alguma coisa com Scarpa, Zacarias? Ele não veio hoje.

O sujeito mirrado e de cabelo de gomalina olhou para a carteira de Scarpa e espalhou para Deus e o mundo: “Gente. Scarpa deve estar doente.” Pronto. O burburinho estava montado no âmbito do cartório, até que Dr. João pediu para que um estafeta fosse até a casa do ausente, visto que Scarpa morava sozinho e não tinha telefone em casa.

“Seu Scarpa morreu... Bateu as botas... Motivo desconhecido... Foi levado para o morgue da cidade...”. O estafeta Donald disparou essa série de palavras mórbidas assim que voltou ofegante para o cartório. Danou-se! A confusão estava estabelecida. Scarpa, apesar de ser um sujeito reservado, sério e macambúzio, tornou-se uma espécie de adereço do estabelecimento, como aquele tipo de móvel raro, envernizado, anoso, que todo mundo passa, olha automaticamente, não dá a mínima, mas quando o material some de repente, parece que fica faltando um pedaço, uma espécie de buraco, onde todos se entreolham e ficam apontando para o vazio que a coisa deixou. Instantes depois, Dr. João apareceu à frente da fila de mesas e berrou:

— Pessoal. Liguei para o necrotério agora e eles confirmaram que o enterro do nosso querido Scarpa será às 16:30h. Quem puder prestar homenagem ao nosso saudoso colega, fica dispensado depois das 15 horas.

Lá pelas três e pouco, como o tempo estava nublado e havia possibilidade de chuva, eu resolvi pegar carona com o colega Assunção, o carimbador-mor, como era conhecido na repartição, dono de um velho Ford caindo aos pedaços, mas que cumpriu com presteza e diligência o trajeto até o cemitério.

Quando chegamos ao campo santo, o tempo virou de vez e a chuva começou a cair incessantemente. Mais uma vez, recorri à boa-vontade do meu colega Assunção, compartilhando o espaço de seu imenso guarda-chuva negro.

Chegamos na ala coberta do cemitério reservada à realização de velórios. Fomos os primeiros do staff do cartório a chegar no local e vimos que havia três caixões expostos no salão ornamentado com ladrilhos sacros e permeado de lírios, rosas e magnólias brancas. Eu e Assunção fomos checar como estava o estado do nosso morto. Passamos pelo primeiro caixão e vi que havia uma placa branca, com letras em negro, indicando o nome do falecido. Li que Maria da Conceição Flores era a ocupante da primeira urna. Olhei de relance e vi o rosto de uma senhora gorda que decerto já havia passado dos noventa anos. Na segunda urna, vimos o nome de Arlindo Cortes, um senhor de longos e frondosos bigodes brancos, com duas moedas de prata pregadas nas pálpebras. “Tem gente que ainda mantém esse costume antigo, Haroldo”, me informou Assunção. A última urna mortuária seria a do nosso colega Scarpa. Quando olhamos o nome estampado na plaqueta em frente ao esquife, constava o sobrenome Scarpa, logicamente. Contudo, o prenome parecia invertido. Estava escrito Maria José. Decerto o funcionário do cerimonial, com pressa extrema, trocou a ordem dos dois prenomes.

Quando Assunção foi chamar o funcionário para realizar a correção da placa, eu aproveitei para aproximar-me do defunto. Apesar do corpo coberto de flores, dava bem para ver o rosto seco, magro em demasia, pleno de manchas esquisitas, pálido como um fantasma, com a boca rasgada, o queixo branco em vela, os longos cabelos cacheados e tingidos de acaju e espalhados estranhamente ao redor do rosto, contrapondo com o look oleoso que ele cultivava meticulosamente penteado para trás sempre que estava no trabalho, e o pior, os olhos fechados denunciavam uma sombra de cor roxa pintada nas pálpebras e tinha sinais de batom nos lábios. Havia algo errado.

Antes que eu chamasse Assunção para ver aquela esquisitice, ele veio ao meu encontro com o semblante assustado:

— O cerimonial me disse agora que os documentos que os paramédicos encontraram no apartamento dele hoje de manhã, identidade, título e certidão de nascimento, consta de fato Maria José Scarpa.

— Será que não erraram? Podem ser os documentos de uma irmã gêmea dele — deduzi.

— Ele sempre morou sozinho, Haroldo. Nós, os mais velhos no cartório, sabemos muito bem disso.

— Então ele falsificou documento para poder trabalhar no cartório — avengei essa possibilidade.

Assunção calou-se.

Constrangidos, eu e Assunção sentamos no banco do salão do velório à espera da chegada dos outros colegas da repartição.

Mas quem apareceu ali de repente foi uma figura gorda, rotunda, uma mulher extravagante, com semelhança com alguém conhecido, no entanto, uma pessoa que eu nunca havia visto antes:

“Meu amor... meu grande amor... Por que foste embora”, gritava a senhora obesa, ridiculamente vestida de terno e chorando como se fosse uma condenada. De tanta histeria, por pouco não derrubou o ataúde onde repousava o corpo do morto (ou da morta).

Assunção, cada vez mais sem graça, sussurrou no meu ouvido: “Essa mulher é irmã do nosso chefe. Chama-se Dulce Nepomuceno. Mora em Santa Bárbara, a duzentos quilômetros daqui”.

— É sapatão? — à altura dos meus vinte e três anos, confesso que não tinha papas na língua.

Não preciso dizer que Assunção mais uma vez se calou e nada respondeu.

Bom. As coisas se acalmaram após a chegada do dono do cartório, Dr. João Nepomuceno, que cuidou em levar a irmã (ou irmão) para longe dali e pediu ao pessoal do cerimonial que lacrasse o ataúde e que desse consequência ao ritual de enterro. Não

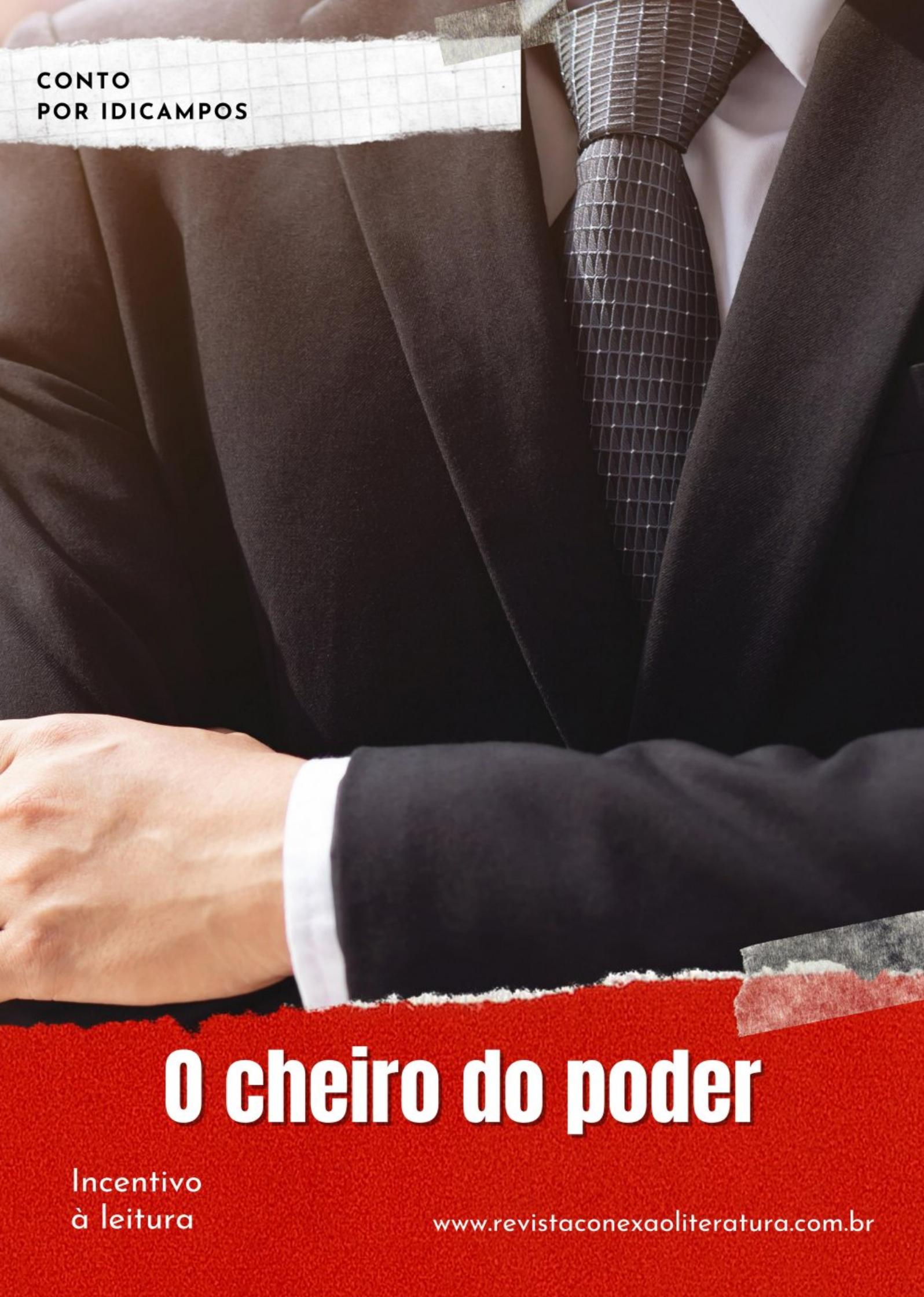
houve tempo sequer do padre proferir a oração de encomenda do corpo do falecido (ou da falecida).

Então. Vivíamos outros tempos. O que era tabu há quarenta anos atrás tornou-se trivial nos dias de hoje. Até a minha cabeça dura se ajustou à realidade, a despeito de muita gente que, equivocadamente (na minha singela opinião), ainda despreza e rejeita a diversidade de cor, sexo e credo.

Laissez-faire!



Gilmar Duarte Rocha, integrante da Academia Brasiliense de Letras, é autor de vários livros de ficção e uma obra de impressões de viagem. Atualmente exerce o cargo de diretor da Associação Nacional de Escritores-ANE.



CONTO
POR IDICAMPOS

O cheiro do poder

Incentivo
à leitura

www.revistaconexaoliteratura.com.br

A manutenção da existência custa caro, quando desempregado recorreu ao clientelismo, ganhou uma carta do vereador da área, endereçada à Secretaria Municipal de Urbanismo, pra vaga de jardineiro. Nada entendia do assunto, porém a sua escolaridade permitia apenas mexer com a terra, a caneta caberia aos letrados.

Tomou posse, incorporava um puxa saco, cacoete, pau pra toda obra... Num lapso de tempo recebia promoção, virava chefe. Garantia o cargo dizendo sim senhor e não senhor... Nunca lhe cabia direito à opinião.

Na botânica municipal, precisamente na plantação, articulava a política do toma lá, dá, cá... Cultivava flores na estufa pública, as quais serviam para decorar os velórios dos eleitores.

O vereador Norivaldo, seu padrinho, ganhava a cena nos enterros: chorava, abraçava a família, ajoelhava, rezava, garantia o lanche dos parentes do moribundo, consolava a viúva, prometia mundos e fundos...

O vereador da cartinha fedia muito, detestava tomar banho, tentava atenuar o mau cheiro com fragrância, mas pouco adiantava; exalava o cheiro do metrô de Paris, no horário de pico, mistura de catinga com perfume francês.

O pior residia no fato das moscas acompanharem o político em comitiva, em qualquer lugar que ele ia; inclusive nas reuniões do partido, onde jamais Tarcílio poderia faltar, por causa do emprego arranjado na prefeitura.

O vereador Norivaldo, sempre chique: terno cortado no alfaiate, sapato de couro de jacaré da Amazônia, cabelo bem cortado, caneta importada, relógio suíço, etc. A contrariedade acontecia no hábito de tirar meleca e esfregar na roupa de linho.

A autoridade legislativa falava bem, apertava a mão dos cidadãos, pagava cerveja pro povo, colocava criança no colo, distribuía dinheiro, ouvia as reclamações; enfim um político exemplar!

Os discursos, nos palanques improvisados, mantinham uma distância da plateia de no mínimo três metros, porque o mau hálito do mandatário desmobilizava o eleitorado.

Numas dessas atividades partidárias, a mosca elevada à condição de assessora, pousou no jardineiro Tarcílio, fez morada nos cabelos do peito, depositou uns ovinhos, retirando-se faceiramente... O inseto contou com a distração do ajudante de ordens, alheio à hospedagem da intrusa.

Chegou a casa, envolvido na política do vereador, desistiu de tomar banho — ainda que contrariado pela esposa — contudo Tarcílio dormiu feito uma pedra... No dia seguinte acordou com uma comunidade de moscas residindo no assoalho do corpo.

Incomodado com a infestação tomou banho, colocou inseticida, livrou-se do infortúnio... As horas tropeçaram nos minutos, num fôlego de tempo, passou a sentir um

aperto no coração, o tórax inchava... No local da invasão surgiu uma montanha verde, revestida de amarelo nas extremidades.

O medo do fim tomou conta do cara, desesperado já arrumava as malas para mudar para o cemitério; justamente no momento em que recebeu a visita do mata mosquito. O profissional, experiente, detectou a presença, em Tarcílio, da larva do animal invertebrado.

A esposa, orientada no argumento do agente sanitário, ligou pra emergência, em poucos segundos a ambulância apareceu. Colocaram Tarcílio na maca, adentraram no furgão, partiram ao hospital...

A unidade de saúde, subsidiada no SUS, era propriedade da família do prefeito da cidade, contava com uma fila de virar o quarteirão... Depois de oito horas aguardando, as primeiras mosquinhas nasciam, serelepes, decorando a triagem da espelunca.

Vendo a coisa feder, pois a situação a muito saíra de controle, os acompanhantes naufragaram no desespero, efetuaram a emergência... A mulher segurou os braços do marido — ali mesmo na sala de espera — o mata mosquito transvestiu-se de cirurgião, empunhou nas mãos um alicate e uma chave de fenda; retirando, por sorte, o ninho da mosca varejeira do piso do esqueleto, do paciente agonizado.

Na sequência, uma nova eleição, o vereador Norivaldo Cheiro Verde ganhou em primeiro lugar, eleito deputado federal! Assumiu em Brasília, preside a Comissão de Saneamento Básico do Congresso.

Tarcílio tomou vergonha na cara, deixa os chinelos da rua no batente da soleira, lava as mãos, periodicamente; toma banho todos os dias... Aposentou por invalidez permanente, traz no peito a cicatriz daquele monte de sujeira...



Idicampos, Idimarcos Ribeiro Campos é professor de português-literaturas, com pós-graduação em Formação de Leitores, tendo por tema: “Todo mundo gosta de ler, basta lê o quê gosta”. Publicado em periódicos, coletâneas físicas e digitais. Produzindo diferentes gêneros da arte da palavra.



CONTO
POR IRACI J. MARIN

Outono

Incentivo
à leitura

www.revistaconexaoliteratura.com.br

Anastácio não compreendia por que Dirce, que sempre fora tão aberta para com ele, de repente fechara-se. Teria acontecido algo negativo que ele desconhecia e que ela descobrira ou chegara aos seus ouvidos?

Encontrou-a num bar, sábado à tarde. Mas estava com outros amigos. Olhou para ela, que olhou sorrindo para ele. Não viu nada de estranho ou distante no seu olhar. Pensou em falar com ela ao final do encontro, então permaneceu ali até tarde. Como não costumava frequentar bares, cansou. Olhou para Dirce, que lhe retribuiu o mesmo olhar de sempre, despediu-se de todos e saiu.

Sentiu-se contrariado, no caminho para casa. Ia com a impressão de ter sido recebido com frieza pelos amigos.

Na semana seguinte, outra situação apareceu. Parecia que Fernanda também se fechava para ele. Tinham uma relação franca e aberta, mas um dia ela deixara de corresponder à sua expectativa. Teria havido algo que ele desconhecia? Algum gesto, uma palavra, algum desencontro casual?

Buscou amparo em Jorge. O amigo ouviu-o só por um instante. Interrompeu o relato que fazia e comentou:

— É só imaginação tua — e mudou de assunto.

Anastácio sentiu certa mágoa do amigo. Não lhe passava pela cabeça que fosse apenas imaginação.

Caminhou macambúzio por algumas ruas, na tarde de domingo. Foi até a praça do Bairro e sentou num banco isolado. Olhou ao redor e ali só estava ele. Não pôde deixar de comparar aquele momento com a sua existência. Sentia-se tão só na vida e no mundo como sozinho estava naquela praça. Pensou em Dirce, em Fernanda e em mais dois ou três amigos. Todos eles pareciam fechados e distantes.

Sempre tivera aqueles amigos tão perto, sentira-os tão firmes. Agora, via-se enredado em distanciamentos e a percepção da inconsistência dos seus relacionamentos o deixou abatido. Olhou para as árvores que pareciam secas, com poucas folhas na tarde outonal e se perguntou se a sua vida não era igual ao outono...

Ficou na praça até a chegada de casais com crianças barulhentas. Aquele barulho lhe fazia mal. Então levantou-se, olhou mais uma vez para as árvores desfolhadas e foi para casa. No meio do caminho, encontrou-se com Dirce.

— Que bom te encontrar, Anastácio. Está tudo bem?

Ele queria dizer que não. Queria falar do distanciamento que sentia dela e dos outros. Mas o encontro fora tão inesperado que ele ficou confuso e sem palavras. Olhava para ela, que sorria com leveza.

— Vamos até a praça?

— Estava vindo de lá — conseguiu dizer.

— Vamos, está um dia bem bonito.

Ficou surpreso e contente com o convite. Caminharam em silêncio. Sentaram num banco afastado.

— Eu estava sentado bem neste banco antes.

— É mesmo?

— Sim. Não tinha ninguém quando cheguei. Aí fiquei tempo pensando em minha vida.

— Estava pensando em sua vida... Descobriu alguma coisa?

A pergunta podia ser impertinente, mas foi um empurrão para ele revelar:

— Dirce, eu preciso dizer a verdade. Eu queria mesmo era esquecer este outono que é a minha vida.

Dirce interrompeu-o:

— Outono da tua vida?... o que você quer dizer?

— Não sei se estou certo ou se me engano, mas sinto que vocês estão afastados de mim. Verdade, comecei a me sentir isolado... Até conversei com Jorge sobre isto.

— Por que não me procurou também?

— Eu tentei, mas não consegui.

— O que Jorge disse?

— Ele nem me deu atenção, falou que era só imaginação minha.

— E não é?

Depois de um momento de perturbação, Anastácio respondeu:

— Não é... acho que não é...

Fez-se um breve silêncio. Encabulado, corrigiu:

— Pode ser.



IRACI JOSÉ MARIN reside em Caxias do Sul - RS. É professor aposentado e advogado. Publicou obras de ficção e participa de diversas revistas com contos. Também publicou artigos e obras de pesquisa sobre a etnia polonesa. Lançou, em 2021, um livro com histórias para o mundo infantil e juvenil. E-mail: advmarin@gmail.com.

CONTO
POR ROBERTO SCHIMA



Carta pro Vovô

Incentivo
à leitura

www.revistaconexaoliteratura.com.br

Saudade é aquilo que faz a passagem do tempo ter sentido.

Lúcia observou a filha dobrar cuidadosamente a folha de papel em quatro. Era desses papéis de carta coloridos, enfeitados nas margens com figurinhas mimosas.

As mãos pequeninas, geralmente inquietas e estabanas, moviam-se gentilmente, quase numa carícia. Depois, a menina apanhou um envelope, escreveu seu nome na parte referente ao remetente e, do outro lado, colocou o destinatário.

Apesar do que sentia, Lúcia não pôde deixar de sorrir interiormente. Carta assim, escrita a mão, era algo tão fora de moda. Porém, era compreensível, afinal, a menina era nova demais para saber mexer no computador e, só de vez em quando, enviava mensagens pelo *whatsapp*. E Lúcia sequer estimulava que ela fizesse uso dessa tecnologia tão cedo. Mas desconfiava que, mesmo que pudesse, a menina teria preferido o papel e o lápis.

Ele a ensinara assim.

A criança, então, deixou o envelope sobre a mesinha de centro e saiu, chamando o cachorro para brincarem lá fora, no quintal.

Lúcia prosseguiu em seus afazeres. Vez ou outra passava pela sala e via o envelope. A filha não tinha passado cola nele. Lúcia ficou curiosa. Não pretendia desrespeitar o espaço da menina, invadir a sua privacidade ou, pior, cometer um crime ao violar uma correspondência, mesmo sendo de sua própria filha. Mas, simplesmente, não pôde evitar, afinal, também lhe dizia respeito. Então, ancorada em todos os pretextos possíveis — inclusive do envelope sequer estar lacrado —, observou através da vidraça, viu a criança divertindo-se com o cão. Aproveitou-se do momento, apanhou o envelope e, sentindo-se simultaneamente péssima e ansiosa, leu seu conteúdo.

Querido vovô.

Tá chovendo lá fora.

O tempo está como eu: triste. Tem sido difícil não me sentir assim. Minhas amigas telefonam para conversar ou mandam mensagens no celular da mamãe. Não sinto vontade de falar ou escrever para elas. Eu gosto delas, mas estou sem vontade.

Tem bastante água empoçada no quintal. Olho através do vidro. Fico vendo as gotas caírem nas poças e as ondas redondas que formam. Gozado, o pensamento vai longe, como se a gente se soltasse do corpo e fosse embora.

Hoje, assim que acordei, tomei uma decisão: escrever para o senhor, vovô.

Mamãe fez uma cara esquisita quando contei isso pra ela. Talvez não devesse ter contado, mas preciso dela para lidar com palavras mais difíceis ou "expressões", isso, "expressões". Por que se usa "x" no lugar de "s" e dois "ss" no lugar de um só ou de cedilha, nunca vou saber. Pra que cedilha se já existe o "s" e por que se usa "s" em "usa" em vez de "z"? É tudo misterioso demais para mim.

Escrevo para o senhor porque sinto sua falta. Para o senhor eu preciso escrever. Eu quero escrever.

Se estivesse aqui, eu perguntaria sobre os mistérios das letras e o senhor me explicaria direitinho, como sempre fez. E o mundo deixaria de ser tão difícil. Seria mais alegre.

Eu pergunto as coisas pra mamãe, mas não é a mesma coisa. Ela não tem paciência (palavra difícil para dizer que não tem vontade) e também anda triste, embora faça de conta que não.

Vou mandar essa cartinha para o senhor e, no envelope, escreverei: "Para o vovô que tá no céu". O carteiro vai achar o senhor no céu? Não tem rua? Não tem número de casa? Ou é número de nuvem?

A mamãe diz que isso é bobagem, que esta carta nunca chegará ao seu destino. "Destino" é uma palavra nova que aprendi. Não sei se entendi direito o que é destino. É um lugar ou uma coisa que acontece com a gente? Não sei se acredito em destino. Acredito em coisas boas e ruins. Sua ausência não é coisa do destino: é uma coisa ruim.

Chorei bastante do que a mãe falou.

Papai passou um sabão na mamãe e ela parou de falar coisas assim para mim.

Comecei a perguntar as coisas para o papai também. Mas ele tem menos dessa paciência do que a mamãe. Ele até queria vender a sua cadeira! Eu não deixei.

Olho a sua cadeira de balanço vazia e o coração fica apertado, vovô. Não está certo ela ficar vazia. E é mais errado vendê-la. Ela ainda cheira a colônia de barbear e roupa velha, sua roupa.

Toby também sente sua falta e fica deitado junto da cadeira de balanço, esperando o senhor voltar. Ele não entende que não vai ter volta. Não late. Só espera. Talvez seja melhor assim e o coração dele não fique tão apertado quanto o meu.

Quando eu ainda ia na escola, um coleguinha chamado Zezinho falava que esse coronavírus (outro nome que aprendi, mais difícil do que paciência e destino) era uma "peste de velho". Contou que foi o pai dele quem disse. Fiquei brava e quase bati nele.

Depois, veio a quarentena (mais um nome chato) e eu não o vi mais. Soube ontem que a doença levou ele embora também. Se o Zezinho estiver aí perto do senhor, vovô, diz pra ele que ele tava errado, afinal, ele não é velho. Mas desconfio que ele já sabe disso.

A chuva aumentou. As poças de água estão agitadas. Parece um mar bravo. Lembra de quando a gente foi pra praia, vovô? Saudade de correr na areia, molhar os pés e catar concha. Lá, tudo é tão grande! O mar. O céu. O senhor levou-me nas pedras para ver os peixes e caranguejos. Tive medo, mas foi muito bom. Depois, as nuvens apareceram, choveu e fomos embora. Que chuva gelada! Tem praia no céu, vovô? Nuvem eu sei que tem.

Nossa, estou escrevendo bastante. Nunca escrevi tanto na vida toda. Os dedos estão doendo.

Eu lembro das vezes que, em seu colo, o senhor me contava histórias de quando era moço, criança até. Ainda acho difícil pensar no senhor tendo a minha idade. Para mim, foi e será sempre o vovô. Que pena que, agora que estou presa em casa, o senhor não está aqui para falar mais. Eu gostava de ouvir sobre as brincadeiras de seu tempo, dos lugares que ia, de quando conheceu a vovó e quando a mamãe nasceu e como era chorona e arteira (hoje, briga comigo quando sou eu que faço arte). O senhor deve estar feliz agora, ao lado da vovó. Manda um beijo pra ela. Pelo menos isso teve de bom. Queria poder ouvir mais histórias. Queria estar ao seu lado. Dizem que o céu é o melhor lugar do mundo; ao mesmo tempo, ficam assustados quando falo que eu gostaria de estar lá.

Mamãe fica fungando e dizendo que tudo irá passar, que logo eu vou crescer e esquecer.

Eu não quero esquecer. Nunca vou esquecer! Mas, por precaução (ah, essa aprendi ontem), eu tenho anotado num caderno tudo o que me faz lembrar do senhor, o que eu sinto, o que contou, aquilo que me ensinou, a praia, o jogo de dama, a moeda velha que me deu. Colei uma foto bem bonita da gente na capa. Chamei de "Diário do Vovô". Acho que iria gostar.

*Agora a mão não aguenta mais! Foi bom escrever. O coração ainda dói, só que está mais leve.
Mamãe também deveria escrever em vez de só fungar.
A chuva está diminuindo. Vou no quintal brincar com Toby e pular nas poças de água.
Tchau, vovó! Me avise se o carteiro não entregar a carta.
Te amo muito.
Um beijo grande e cheio de saudade.*

Mariazinha

Lúcia reprimiu um soluço.

Sua mãe falecera alguns meses antes de se ouvir falar em pandemia.

O pai, desde, então, andara meio perdido pela casa, revirando suas recordações pessoais e impedindo qualquer um de mexer nas coisas da esposa e, muito menos, desfazer-se delas.

Talvez tivesse sido melhor assim, embora o coração de Lúcia se recusasse a aceitar isso e a lembrança do sofrimento do homem idoso nos momentos que antecederam a internação fizesse esse clichê soar um sacrilégio. Ainda se lembrava do último olhar que ele lhe dirigira. Depois disso, ela e a família foram impedidas de vê-lo novamente. Sequer puderam dizer adeus.

Não teve jeito, fungou e soluçou ante a lembrança.

Viú a garatuja da menina no envelope, seu nome, endereço e até o CEP. Virou-o. Lá, a filha escrevera meio apressada:

"Para o Vovô"

E, como endereço, simplesmente:

"Céu"

O peito doeu e Lúcia sentiu um nó na garganta. Apanhou o lápis sobre a mesinha, agachou-se e, no espaço que sobrara abaixo da carta de Mariazinha, escreveu:

P.S.: Obrigada por tudo que me ensinou, papai, e para Mariazinha também. Te amo. Envio o meu beijo ao senhor e à mamãe. De sua filha, Lúcia.

Tornou a dobrar o papel e enfiá-lo no envelope.

Apesar do remorso e da tristeza, sentiu-se infinitamente melhor por ter feito o que fez e por haver escrito o que escrevera. A filha — ainda tão jovem — tinha razão: era melhor extravasar a angústia do que fazê-la ocupar todo o seu espírito. Só assim, sobriaria espaço para, outra vez, preenchê-lo com esperança, alegria e as boas lembranças que, certamente, ficariam.

— Adeus, papai — despediu-se, enfim.

Então, parou de chorar.

NOTA DO AUTOR:

Publicado originalmente na antologia "Pandemia: Diário de uma Quarentena" (Editora Illuminare, 2021), organizada por Isabel Góes).

**Roberto Schima:**

Paulistano e neto de japoneses nascido em 01/02/1961. Passei a infância imerso nos anos 60. Senti o clima de entusiasmo em relação a "Conquista do Espaço" que hoje não existe mais. Colecionei gibis de terror. Desenhei inúmeros monstros. Assisti aos filmes da Hammer, desenhos da Hanna-Barbera, seriados de Irwin Allen, Jornada nas Estrelas, Ultraman etc. Li os pockets da série *Trevo Negro* de R. F. Lucchetti. Apavorei-me com o episódio *O Monstro Invisível*, de Jonny Quest. Fascinei-me pelo lirismo de Ray Bradbury ao ler uma adaptação em quadrinhos de seu conto "O Lago". Fui um garoto que amava os monstros: sobrenaturais, mitológicos, pré-históricos, abissais ou do espaço, incluindo as criaturas de Ray Harryhausen. Apavoravam-me, mas eram meus amigos. Agraciado com o *Prêmio Jerônimo Monteiro*, promovido pela *Isaac Asimov Magazine* (Ed. Record), pela história *Como a Neve de Maio*. As histórias *Abismo do Tempo* e *O Quinto Cavaleiro* foram contempladas pela revista digital *Conexão Literatura*, de Ademir Pascale, da qual tornei-me colaborador a partir do nº 37. Colaboro também com a revista digital *LiteraLivre*, de Ana Rosenrot. O conto *Ao Teu Dispor* foi premiado na antologia *Crocitar de Lenore* (Ed. Morse). Escrevi: *Limbographia*, *O Olhar de Hirosaki*, *Os Fantomas de Vênus*, *Sob as Folhas do Ocaso*, *Cinza no Céu*, *Era uma Vez um Outono*, *Vozes e Ecos*, *Através do Abismo*, *Imerso nas Sombras* etc. Participei de mais de duzentas e quarenta antologias até o momento. Contato: rschima@bol.com.br. Mais informações: *Google* ou nos links abaixo.

<http://www.revistaconexaoliteratura.com.br/search?q=schima>

https://www.amazon.com.br/s?k=%22roberto+schima%22&__mk_pt_BR=%C3%85M%C3%85%C5%BD%C3%95%C3%91&ref=nb_sb_noss

<https://clubedeautores.com.br/livros/autores/roberto-schima>

<https://loja.uiclap.com/autor/roberto-schima/>

<https://www.wattpad.com/user/RobertoSchima>



CONTO
POR MÍRIAM SANTIAGO

Aquele magnetismo...

Incentivo
à leitura

www.revistaconexaoliteratura.com.br

Sentia-se nas nuvens!
Aos poucos foi recordando da noite maravilhosa.

Lembro-me que conhecera aquele “deus grego” no meio do salão. Dentre alguns copos de bebida, de repente ele estava ao meu lado na pista de dança. Moreno, um cabelo de dar inveja a qualquer um, barba feita, bem trajado, perfumado e, para “fechar o comércio” um sorriso fascinante, o belo com um ar de homem misterioso apertou-me junto ao seu corpo e dançamos a noite inteira. Há como seus beijos vorazes devoravam a minha boca, mordendo suavemente meus lábios, alternando com sussurros em meu ouvido.

O homem movia-se sensualmente junto dela. Segurando-lhe fortemente pela cintura, toda a sedução do momento, inebriaram-na. A bela moça de uns vinte e poucos anos estava completamente em estado de êxtase!

Atraída por todo aquele magnetismo, foi deixando-se seduzir. Ele tinha algo de misterioso que a fascinara e deixara louca...

...

Tosse e falta de ar. A garganta estava seca. Foi abrindo os olhos e apalmando...
Socorro! Socorro!

Ela arranhava, chutava, forçava com os pés. Tossia e tossia.

Seu coração agora batia devagar e perdera as forças. Os pensamentos divagavam-se em lamentos. Não tinha mais o que fazer. Ninguém sabia que ela estava ali, se debatera em vão! Não conseguiria sair daquele caixão...

...

Na semana seguinte, na mesma balada da Bela Vista, na capital paulista, uma garota sozinha se vê abraçada por um belo rapaz na pista de dança...

Informações sobre pessoas desaparecidas:

Pesquisa analisou registros policiais entre 2019 e 2021.

Entre os anos de 2019 e 2021, em média 183 pessoas desapareceram por dia no Brasil. Ao todo, foram 200.577 desaparecidos no período, sendo 63.008 somente em 2021. O Rio Grande do Sul foi o terceiro estado com o maior número de desaparecimentos nos anos analisados. Em 2021, foram 6.413 pessoas, atrás de Minas Gerais, com 6.857, e São Paulo, com 18.858 pessoas.

Fonte: sul21.com – 23.05.23

O miniconto buscou por meio de uma história fantástica, alertar sobre os perigos de contato com estranhos, principalmente neste tipo de ambiente, em que há facilidade em manipular bebidas oferecidas gratuitamente ou copos deixados em mesas; todo cuidado é pouco e as mulheres são muito visadas para todo tipo de situação.

Miriam Santiago: jornalista, com graduação também em Letras. Publicou em diversos livros de gêneros diversificados, inclusive, teve um de seus contos selecionado por concurso cultural da Prefeitura de Santos. Escreve ainda contos, nanocontos e crônicas, divulgados no blog cultural sobre literatura, cinema, cursos e exposições, entre outros.

Blog: <http://miriammorganuns.blogspot.com/> Contato: mirianssantos@gmail.com



ANUNCIE

**SUA LIVRARIA,
LIVRO, LOJA,
SITE**

**SAIBA COMO:
CLIQUE AQUI**

SAO . ATENÇÃO . ATENÇÃO

Já são mais de
600 mil seguidores

Facebook + Instagram + Youtube



Acesse o QR Code e
conheça o nosso Mídia Kit

Site: + de
3,9 milhões de acessos

www.revistaconexaoliteratura.com.br

DIVULGUE NA

REVISTA CONEXÃO LITERATURA

EDITORAS E LIVRARIAS:

TENHA SUA MARCA VINCULADA NAS
EDIÇÕES, SITE E REDES SOCIAIS DA
REVISTA CONEXÃO LITERATURA

No ar desde 2015
97 edições
disponíveis

entre em contato:

ademirpascale@gmail.com - c/ Ademir Pascale



MÍDIA KIT

Opções para divulgação

Veja como é fácil divulgar o seu livro, livraria, editora, produto ou serviço no site, redes sociais e edições da Revista Conexão Literatura. TENDO INTERESSE EM UMA DAS OPÇÕES OU MAIS INFORMAÇÕES, ENTRE EM CONTATO:

 e-mail: ademirpascale@gmail.com - c/ Ademir Pascale

✓ OPÇÃO 1

Divulgação de autor/livro:

- Engloba: entrevista publicada no site e em 1 edição da revista digital Conexão Literatura. 01 postagem do link da entrevista em nossa fanpage para mais de 480 mil seguidores.

CUSTO: Brasil=R\$ 150,00 - Portugal= € 35



✓ OPÇÃO 2

Anúncio (página interna inteira, tamanho A4, em 1 edição da revista digital):

- Fazemos a arte sem custo adicional.

CUSTO: Brasil= R\$ 200,00 - Portugal= € 60

✓ OPÇÃO 3

Anúncio (página interna inteira, tamanho A4. em 6 edições).

- Fazemos a arte sem custo adicional.

CUSTO: Brasil= R\$ 1.000,00 - Portugal= € 300

✓ OPÇÃO 4

Banner clicável na lateral de todas as páginas do site. Formato (dimensões): 306 x 194, em jpg.

- Duração: 03 meses

CUSTO: Brasil= R\$ 300,00 - Portugal= € 80

✓ OPÇÃO 5

Banner clicável no topo (ótima visualização) em todas as páginas do site. Formato (dimensões): 468 x 90, em jpg ou png.

- Duração: 01 mês

CUSTO: Brasil= R\$ 1.000,00 - Portugal= € 200

✓ OPÇÃO 6

Capa do livro, produto ou notícia no rodapé da capa de uma edição da revista + chamada para página interna.

- Na página interna da edição publicaremos o artigo ou release + imagem.

CUSTO: Brasil= R\$ 500,00 - Portugal= € 100

✓ OPÇÃO 7

SEJA CAPA DA NOSSA REVISTA. Capa (Frente) de 01 edição da revista + entrevista em destaque na edição. A edição será divulgada durante o mês vigente em nossas redes sociais. A postagem com a capa ficará fixa no topo da nossa fanpage: www.facebook.com/conexaoliteratura e na lateral de todas as páginas do nosso site. CUSTO: Brasil= R\$ 2.500,00 (cedemos desc. para pag. à vista) - Portugal= € 500

REVISTA
CONEXÃO LITERATURA

PORQUE
AMAMOS
LIVROS

NO AR
DESDE 2015

CONECTANDO AUTORES E LEITORES

DATA DA PRÓXIMA EDIÇÃO

01.08.2023

**PARTICIPE DA PRÓXIMA EDIÇÃO
ANUNCIE | PUBLIQUE | DIVULGUE**

Acesse o nosso Mídia Kit e saiba mais: clique aqui

ACESSE O NOSSO SITE

WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR

Fanpage @conexaoliteratura // **Instagram:** @revistaconexaoliteratura

Youtube: @conexaonerd